A PALAVRA DO CAMPO

GLOBO RURAL

globorural.globo.com

BRASIL LIVRE DA FEBRE AFTOSA?
Fim da vacinação está prevista para 2019

A NOVA LEI DO TRABALHO
Conheça as principais mudanças

RURAL
Assista na TV a esta reportagem

TODA A RIQUEZA DO PAMPA
Lá o boi convive com a natureza

Salada mais saudável

Produzir hortaliças em larga escala sem o uso de agrotóxicos ainda é sonho. Mas o maior produtor do país inova ao reduzir em 30% as pulverizações e conquistar certificação inédita no Brasil. Saiba como

Marcio Hasegawa na horta de alface crespa, em Suzano (SP)

EDITORA GLOBO
ANO 65

ATOMO

NÃO DEIXE SEU CAMINHÃO PARADO

PETRONAS Urania com tecnologia ViscGuard™, auxilia no controle da formação de depósitos para uma maior vida útil do motor.

PETRONAS Urania com tecnologia ViscGuard™, mantém seus veículos andando de maneira eficiente e por mais tempo. Isso porque o PETRONAS Urania é formulado com tecnologia ViscGuard™, que auxilia no controle da formação de depósitos prevenindo desgastes e mantendo a viscosidade do lubrificante estável. Garante a durabilidade e prolonga a vida útil do motor reduzindo os custos operacionais. PETRONAS Urania garante que seus compromissos sejam cumpridos, dia após dia.

PETRONAS. PRESENTE NO MUNDO. NO BRASIL. NA SUA VIDA.

MAIS DE 100 ANOS DE INOVAÇÃO EM FLUIDOS.

PETRONAS

USE O LUBRIFICANTE CERTO

PETRONAS Urania®

SEU CAMINHÃO PRONTO PARA OS NEGÓCIOS

www.pli-petronas.com.br

SUMÁRIO | AGOSTO 2017

40
SAFRA
Colheita de algodão em fazenda de Campo Verde, em Mato Grosso, aponta para safra de recuperação

60 CIDADES BRASILEIRAS FORAM CITADAS NESTA EDIÇÃO: Amandina (MS), Anaurilândia (MS), Aracaju (SE), Araguaina (TO), Atibaia (SP), Avaré (SP), Barra do Garças (MT), Barretos (SP), Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Campinas (SP), Campo Grande (MS), Campo Verde (MT), Careaçu (MG), Conceição das Alagoas (MG), Cruz das Almas (BA), Curitiba (PR), Esteio (RS), Feira de Santana (BA), Guaíra (SP), Guarapuava (PR), Guararapes (SP), Holambra (SP), Icaraíma (PR), Imperatriz (MA), Ilhéus (BA), Jaboticabal (SP), Ji-Paraná (RO), Lavras do Sul (RS), Leopoldina (MG), Londrina (PR), Macapá (AP) , Maceió (AL), Nova Odessa (SP), Nova Xavantina (MT), Paranaguá (PR), Paranapanema (SP), Pinhão (PR), Pirenópolis (GO), Porto Alegre (RS), Porto Seguro (BA), Poços de Caldas (MG), Primavera do Leste (MT), Quaraí (RS), Ribeirão Preto (SP), Rio de Janeiro (RJ), Rosário do Sul (RS), Salvador (BA), Santa Helena de Goiás (GO), Santo Antônio de Goiás (GO), Santos (SP), São Paulo (SP), Serrana (SP), Sertãozinho (SP), Sobral (CE), Suzano (SP), Tangará da Serra (MT), Uberaba (MG), Uruguaiana (RS), Videira (SC)

90 PRODUTOS FORAM CITADOS NESTA EDIÇÃO: acelga, açúcar, água, agrotóxico, alcachofra, algodão, alface, alpiste, alho, amendoim, árvore, artemisia, adubo, aves, babaçu, bacon, banana, batata, bertalha, biodiesel, boi, cacau, cachorro, café, calêndula, camomila, cana, canela, caprinos, carne, cebolinha, celulose de eucalipto, cavalo, cevada, chá, colostro, couve, equinos, espinafre, esquilo, etanol, feijão, figo, flores, girassol, glifosato, hortelã, feijão, fibra de madeira, frango, fubá, fumo, gato, hortaliças, inseticida, iogurte, laranja, leite, lótus, maconha, mamão, manacá-da-serra, mandioca, manteiga, melão, milho, mogno-africano, morango, nozes, óleo, ovos, ovinos, peixe, picles, pimenta, pimentão, quiabo, sal, saliva de cupim, sêmen, soja, sorgo, sorgo marsala, suínos, tomate, trigo, vacina, vagem, vinagre

Capa: Fabiano Accorsi/Ed. Globo

NESTE MÊS

16 ENTREVISTA
Pedro de Camargo Neto, vice-presidente da Sociedade Rural Brasileira, analisa o cenário do agronegócio em meio às crises

30 CAPA
Maior produtor de hortaliças do país reduziu o uso de agrotóxicos em 30% e recebe certificação GlobalG.A.P

40 SAFRA
Safra 2016/2017 deve ser de recuperação da produtividade da pluma e produtores já se preparam para o próximo plantio

44 SANIDADE
Governo apresenta plano para suspender vacinação contra febre aftosa em bovinos a partir de 2019 e indústria de medicamentos pede mais prazo

48 LEGISLAÇÃO
Veja o que pode mudar nas relações entre patrões e empregados no meio rural após a reforma trabalhista

52 CAMINHOS DA SAFRA
Reportagem mostra os problemas que os argentinos enfrentam para o escoamento da produção no Porto de Rosário

58 FAZENDA SUSTENTÁVEL
Especialistas explicam como os serviços ecossistêmicos podem beneficiar as propriedades rurais e valorizar a atividade agrícola

60 CIÊNCIA
Confira a polêmica gerada pelo projeto de lei aprovado pela Assembleia Legislativa de SP que restringe o uso de animais vivos nos cursos de medicina veterinária

62 MEIO AMBIENTE
Pecuaristas e ambientalistas se unem em defesa do campo nativo gaúcho e carne ganha selo de origem e melhores preços em frigorífico

©2

© 1 JOSE MEDEIROS/ED. GLOBO; 2 GLAYSON BENCKE / FZB DIVULGAÇÃO

SEMPRE EM Globo Rural

CARTA DO EDITOR 6

ONLINE 12

CAMPO ABERTO

INOVAÇÃO 19
RADAR 24
LIVROS 26

OPINIÃO 46

IDEIAS 50

JURIS 56

TENDÊNCIAS 66

LEILÕES & CRIAÇÃO

FEIRA 67
NEGÓCIOS 70
VARANDA 74
MERCADO 76

PRODUTOS E MERCADOS

PECUÁRIA 77
EMPRESAS E NEGÓCIOS 80
MAPA DA SAFRA 82
TEMPO 84
AGENDA 86
ANÁLISE 88

VIDA NA FAZENDA

COMO CRIAR 91
COMO PLANTAR 94
TABULEIRO 98
GRU RESPONDE 99

FECHA ASPAS 106

CARTA DO EDITOR

Bife de laboratório

Quando os criadores brasileiros finalmente poderão se livrar da vacinação contra a febre aftosa e o país poderá obter o status de zona livre da doença? O Ministério da Agricultura tem como meta suspender a vacina a partir do primeiro semestre de 2019, seguindo um cronograma que termina no Rio Grande do Sul em 2021. O Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC) acredita ser possível antecipar o fim da vacinação na maior parte do país para o primeiro semestre de 2020. Já a indústria de medicamentos veterinários, representada pelo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), pede que o programa do governo seja iniciado a partir de 2021, com o fim da vacinação em 2023.

Em jogo, um mercado avaliado em R$ 400 milhões pelo Sindan e em R$ 600 milhões pelo CNPC, que inclui neste valor o preço da vacina já com a margem do revendedor, como mostra o editor Sebastião Nascimento em reportagem nesta edição. Na verdade, a vacinação tem custo muito maior para as fazendas, algo em torno de R$ 1 bilhão, se considerado o trabalho de levar duas vezes todo o gado, do pasto aos bretes, para a imunização.

Enquanto o Brasil tenta erradicar de vez uma doença medieval, a biotecnologia está a um passo de viabilizar a chamada "carne limpa", produzida em laboratório a partir de células animais, sem a necessidade de criar e abater bois, frangos ou suínos.

"Não é ficção científica", avisa Yuval Noah Harari, historiador israelense, em *Homo Deus – História breve do amanhã*. Segundo o autor, o primeiro "hambúrguer limpo" foi produzido em 2013, ao custo de US$ 330 mil, mas hoje é possível "fabricá-lo" a apenas US$ 11. "E dentro de alguns anos é provável que custe menos do que um hambúrguer de 'carne abatida'. Com a investigação e o investimento certos, dentro de uma década ou duas poderíamos produzir carne limpa em escala industrial, que será mais barata, mais ecológica e mais ética do que criar vacas", diz Yuval.

A biotecnologia também trouxe avanços importantes para a agricultura. A transgenia contribui para melhorar a qualidade e aumentar o rendimento das lavouras, possibilitando a produção de alimentos de maior valor nutritivo e espécies adaptadas a condições adversas de clima e solo, além de mais resistentes a pragas, doenças e agrotóxicos.

O resgate de tecnologias naturais, como a compostagem e as curvas de nível, é outra estratégia utilizada pelos agricultores para aumentar a produtividade e a qualidade dos alimentos.

É o caso do Grupo Hasegawa, o primeiro a conquistar a certificação da GlobalG.A.P na área de verduras no Brasil, revela o editor Vinicius Galera nesta edição. As fazendas do grupo, no cinturão verde de São Paulo, conseguiram cortar em 30% as aplicações de defensivos nas lavouras, reduzindo quase a zero os resíduos desses produtos nas alfaces.

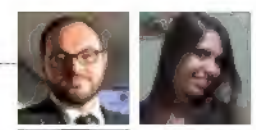
Bruno Blecher
Diretor de Redação – bblecher@edglobo.com.br

Onde estivemos

Mato Grosso, Rio Grande do Sul, interior de São Paulo e Argentina

RAPHAEL SALOMÃO E JOSÉ MEDEIROS
Campo Verde e Primavera do Leste (MT)

FLAVIA G. PINHO E CAIO FERRARI
Guaíra (SP)



VINICIUS GALERA, AMANDA OLIVEIRA E FABIANO ACCORSI
Biritiba Mirim (SP)

CRISTINA VIEIRA E HELLEN SANTOS
Uruguaiana (RS)

MARINA GUIMARÃES, LUCIANA TADDEO E ARIEL MENDIETA
Buenos Aires e Rosário (Argentina)

CBN Agronegócio, com Bruno Blecher. Às terças, às 13h05, no CBN Brasil, comandado por Carlos Alberto Sardenberg

RÁDIO CBN

Programa Globo Rural: aos domingos, às 8h (reapresentação na **Globo News**, aos domingos, às 9h05)

TV GLOBO

© FOTOS ARQUIVO PESSOAL

SAC CAIXA – 0800 726 0101
(Informações, reclamações, sugestões e elogios)
Para pessoas com deficiência auditiva ou de fala – **0800 726 2492**
Ouvidoria – **0800 725 7474**
facebook.com/caixa | twitter.com/caixa
caixa.gov.br

O SEU TRABALHO DURO MERECE CRÉDITO: CRÉDITO DE CUSTEIO* CAIXA.

Os desafios do agronegócio merecem o parceiro certo: a CAIXA.
O Crédito de Custeio cobre as despesas de produção
com ótimas condições, para que o seu trabalho renda ainda mais.
Procure um gerente e feche essa parceria.

ATÉ **R$ 3** MILHÕES

TAXA ATÉ **8,5%** a.a.**

*Crédito sujeito a aprovação.
**Exclusivo para as linhas de recursos obrigatórios conforme MCR 6-2.

CAIXA BRASIL GOVERNO FEDERAL

EDITORA GLOBO 65 ANOS

DIRETOR GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE AUDIÊNCIA: Luciano Touguinha de Castro
DIRETORA DE MERCADO ANUNCIANTE: Virginia Any
DIRETOR EDITORIAL: Fernando Luna

GLOBO RURAL

DIRETOR DE GRUPO AUTOESPORTE, ÉPOCA NEGÓCIOS, GLOBO RURAL E PEQUENAS EMPRESAS GRANDES NEGÓCIOS
Ricardo Cianciaruso

DIRETOR DE REDAÇÃO Bruno Blecher
EDITORES Cassiano Ribeiro, Sebastião Nascimento, Venilson Ferreira e Vinicius Galera
EDITORA-ASSISTENTE Viviane Taguchi
REPÓRTER Raphael Salomão
DIRETORA DE ARTE Sueli Issaka
ESTAGIÁRIAS Caio Patriani e Isabella Sarafyan
ASSISTENTE DE REDAÇÃO Ana Paula Santana
COLABORADORES Cristina Vieira, Flavia G. Pinho, Hellen Santos, João Mathias, Joesandra Silva, Jose Alberto Goncalves Pereira, Luciana Taddeo, Luiz Ernesto de Oliveira, Luiz Josahkian, Marina Guimarães, Nina Horta, Roberto Rodrigues e Viviane Castilho (texto); Ariel Mendieta, Caio Ferrari, Fabaiano Accorsi, Marcelo Curia e Rogério Albuquerque (fotos); Diego Cardoso (revisão)

SERVIÇOS EDITORIAIS Pesquisa: CEDOC/Globopress

ESTÚDIO DE CRIAÇÃO
DIRETORA DE ARTE: Cristiane Monteiro
DESIGNERS: Alexandre Ribeiro Zanardo, Clayton Rodrigues, Felipe Hideki Yatabe, Marcelo Massao Serikaku e Verúcio Ferraz
ESTAGIÁRIA: Fernanda Ferrari

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
DIRETOR DE TECNOLOGIA: Rodrigo Gosling

ESTRATÉGIA DIGITAL
COORDENADOR: Santiago Carrilho;
DESENVOLVEDORES: Fabio Marciano, Fernando Raatz, Fred Campos, Leandro Paixão, Murilo Amendola, Thiago Previero e William Antunes

ESTRATÉGIA DE CONTEÚDO DIGITAL
GERENTE: Silvia Balieiro

MERCADO ANUNCIANTE
SEGMENTOS – FINANCEIRO, IMOBILIÁRIO, TI, COMÉRCIO E VAREJO
DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Emiliano Morad Hansenn; **GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA:** Ciro Horta Hashimoto; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Christian Lopes Hamburg, Cristiane de Barros Paggi Succi, Milton Luiz Abrantes e Roberto Loz Junior.

SEGMENTOS – MODA, BELEZA E HIGIENE PESSOAL
DIRETORA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Selma Souto; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Eliana Lima Fagundes, Giovanna Sellan Perez, Selma Teixeira da Costa e Soraya Mazerino Sobral

SEGMENTOS – CASA, CONSTRUÇÃO, ALIMENTOS E BEBIDAS, HIGIENE DOMÉSTICA E SAÚDE
DIRETORA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Luciana Menezes; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Fatima Ottaviani e Paula Santos

SEGMENTOS – MOBILIDADE, SERVIÇOS PÚBLICOS E SOCIAIS, AGRO E INDÚSTRIA
DIRETOR DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Renato Augusto Cassis Siniscalco; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Diego Fabiano, Cristiane Soares Nogueira, Jessica de Carvalho Dias, João Carlos Meyer e Priscila Ferreira da Silva

SEGMENTOS – EDUCAÇÃO, CULTURA, LAZER, ESPORTE, TURISMO, MÍDIA, TELECOM E OUTROS
DIRETORA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Sandra Regina de Melo Pepe; **EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA:** Ana Silvia Costa, Dominique Pietroni de Freitas e Lilian de Marche Noffs

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
GERENTE MULTIPLATAFORMA: Larissa Ortiz;
EXECUTIVA DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA: Babila Garcia Chagas Arantes

UNIDADE DE NEGÓCIOS – RIO DE JANEIRO
GERENTE DE NEGÓCIOS MULTIPLATAFORMA RJ: Rogerio Pereira Ponce de Leon; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Daniela Nunes Lopes Chahim, Juliane Ribeiro Silva, Maria Cristina Machado e Pedro Paulo Rios Vieira dos Santos

UNIDADE DE NEGÓCIOS – BRASÍLIA
GERENTE MULTIPLATAFORMA: Barbara Costa Freitas Silva; **EXECUTIVOS MULTIPLATAFORMA:** Camila Amaral da Silva e Jorge Bicalho Felix Junior

GERENTE DE EVENTOS: Daniela Valente

OPEC OFFLINE: Carlos Roberto de Sá, Douglas Costa e Bruno Granja
OPEC ONLINE: Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Rodrigo Pecoschi

EGCN
CONSULTORA DE MARCAS: Olivia Cipolla Bolonha

G.LAB
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO COMERCIAL E DIGITAL: Tiago Joaquim Afonso
Caio Henrique Caprioli, Guilherme Iegawa Sugio, Vera Ligia Rangel Cavalieri, Lucas Fernandes, Luiz Claudio dos Santos Faria e Rodrigo Girodo Andrade

AUDIÊNCIA
DIRETOR DE MARKETING CONSUMIDOR: Cristiano Augusto Soares Santos;
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO COMERCIAL: Ednei Zampese;
COORDENADORES DE MARKETING: Eduardo Roccato Almeida e Patricia Aparecida Fachetti

GLOBO RURAL é uma publicação mensal da EDITORA GLOBO S.A. – Av. 9 de Julho, 5229 – Jardim Paulista – São Paulo – SP – CEP 01407-907 – Tel. 11 3767-7769. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Impressão: Plural Indústria Gráfica Ltda. – Avenida Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700 – Tamboré – Santana de Parnaíba, São Paulo, SP – CEP 06543-001

DESEJA FALAR COM A EDITORA GLOBO?

ATENDIMENTO: 4003-9393 – www.sacglobo.com.br
VENDAS COORPORATIVAS E PARCERIAS: 11 3767-7226 – parcerias@edglobo.com.br
PARA ANUNCIAR: SP: 11 3736-7128 | 3767-7447 | 3767-7942 | 3767-7889 | 3736-7205 | 3767-7557 – RJ: 21 3380-5930 | 3380-5923 – BSB: 61 3316-9584
NA INTERNET: www.assineglobo.com.br/sac – 4003-9393
LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO: 11 3767-7005 – venda_conteudo@edglobo.com.br
ASSINATURAS: 4003-9393 – www.sacglobo.com.br
EDIÇÕES ANTERIORES: O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.
PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO:
Endereçar cartas ao Diretor de Redação GLOBO RURAL – Av. 9 de Julho, 5229 – Jardim Paulista – São Paulo – SP – CEP 01407-907.
Fax: 11 3767-7707 – e-mail: grural@edglobo.com.br
As cartas devem ser encaminhadas com assinaturas, endereços e telefone do remetente. Globo Rural reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação.

G. LAB

O QUE É O G.LAB
O G.Lab elabora conteúdos de qualidade patrocinados por empresas que contratam seus serviços. Esses conteúdos são identificados por expressões como "apresenta", "apresentado por", "oferecimento", "especial publicitário", "conteúdo publicitário", "publieditorial" e "promo"

ANER IVC FIPP

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa – Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Tudo que existe no mundo existe porque alguém foi lá e fez. Alguém como você. Que constrói, conserta, realiza. Que levanta cedo para levantar sonhos. Que não adia nem deixa pra depois. Porque, para quem faz, sempre é hora de fazer.

É hora de fazer com a potência, o conforto e a praticidade das motosserras STIHL.

GARANTIA** 2 ANOS STIHL

MS 170 | Cód. 1130-200-0337

6x de R$ 136,82

Total à vista R$ 769,00 | Total a prazo em 6x R$ 820,94

MS 382 | Cód. 1119-200-0243

6x de R$ 453,53

Total à vista R$ 2.549,00 | Total a prazo R$ 2.721,17

\+ BRINDE

Misturador de combustível na compra da MS 170 ou MS 180

*Promoção de 1°/4/2017 a 30/9/2017 válida apenas nos pontos de venda STIHL participantes e limitada aos produtos integrantes da campanha. A compra das motosserras pode ser parcelada em 6 vezes sem entrada, com taxa efetiva de juros de 1,9% ao mês. Consulte produtos participantes nos pontos de venda. **A garantia de 2 anos é para toda a linha de motosserras, adquiridas entre 1°/4/2017 e 30/9/2017. No momento da compra, solicite orientação para utilizar de forma correta e segura os produtos STIHL (Entrega Técnica). Utilize os Equipamentos de Proteção Individual indicados no manual de instruções.

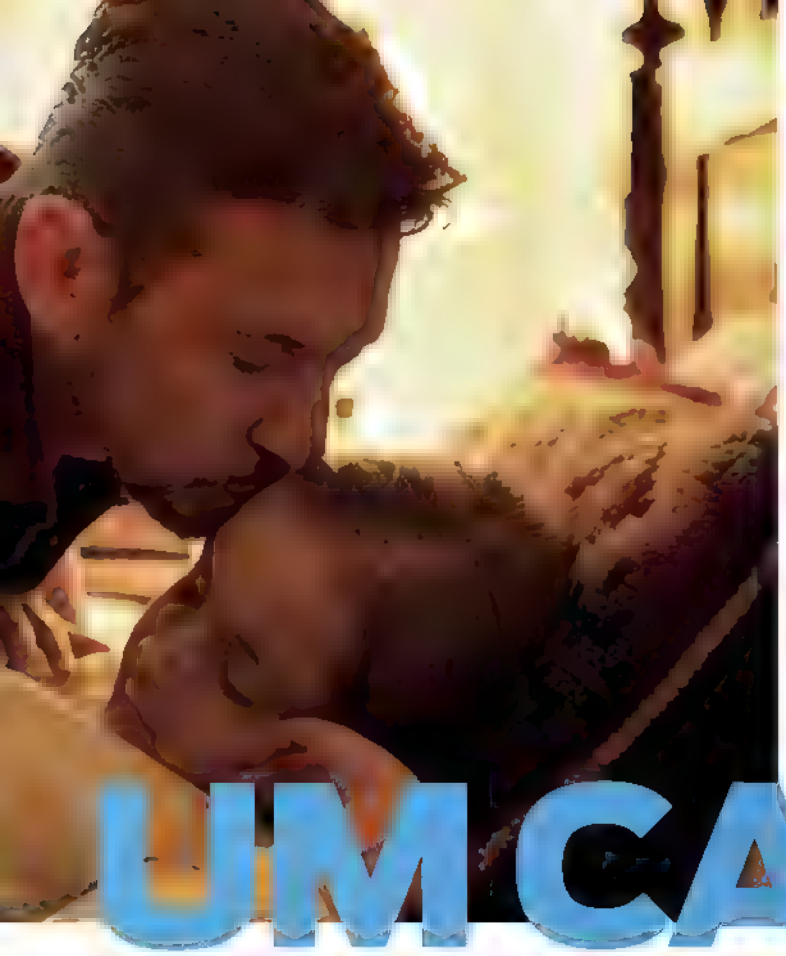
@STIHLBrasil STIHL Brasil Oficial @STIHLoficial 0800 707 5001

Sua história faz a nossa história. STIHL®

Ford
CAMINHÕES

Seu mundo não pode parar

Conheça em: **www.seumundonaopara.com.br**



0800-703 FORD
3673

UM CAMINHÃO NÃO CARREGA SÓ UMA CARGA, CARREGA HISTÓRIAS.

por Viniclus Galera vgalera@edglobo.com.br

DESTAQUES

CARNE

Consumo é o menor em oito anos no Brasil

O consumo das principais proteínas animais (carnes de aves, bovinos e suínos) deve recuar 9,7% neste ano, para 90 quilos por habitante, de acordo com cálculos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A previsão é que a oferta no mercado interno seja de 18,682 milhões de toneladas, o menor volume dos últimos oito anos e 6% inferior ao disponibilizado no ano passado. A redução na oferta também terá reflexos na exportação. Entenda como ficará o mercado para cada setor produtivo em: bit.ly/consumopercapita

© 1

© 2

GALERIA

Geadas no sul do Brasil

A frente fria que atingiu boa parte do Brasil no mês de julho preocupou os produtores rurais devido às ameaças de geadas, que se concretizaram principalmente na Região Sul. Nós pedimos e nossos leitores enviaram imagens que mostraram os efeitos do frio nas paisagens rurais. Confira a galeria em: bit.ly/galeriageadagr

EMPREGO

Agro deve reduzir ritmo no 2º semestre

Depois de ser destaque na geração de empregos no Brasil, a agropecuária não deve ter tanto peso nos relatórios mensais do Ministério do Trabalho (MTE) neste segundo semestre. Só em junho, o campo gerou quase 37 mil vagas com carteira assinada, segundo os dados do Caged. Saiba por que em: bit.ly/agrocaged

© 3

© 4

SANIDADE

Raiva bovina é confirmada em SP

Além da febre aftosa, que voltou a atormentar a pecuária brasileira, os criadores tiveram mais um motivo de preocupação em julho. Isso porque foram confirmados três casos de raiva na região sudeste do Estado de SP. Os proprietários rurais foram orientados a vacinar todo o rebanho bovino e também os animais domésticos, como cães e gatos. Confira em: bit.ly/raivapaulista

© 1 TH NKSTOCK 2 FERNANDO 3 ACOMEL 3 MDA/DIVULGAÇÃO 4 ERNESTO DE SOUZA/ED GLOBO

Investindo um pouco por mês,

você produz grandes resultados.

Sicoob Consórcios.

ONLINE

AS + LIDAS

1 LUTO
Morre o reprodutor de R$ 7 milhões
bit.ly/quanupur

2 CARNE
"A JBS manipula o mercado nos Estados Unidos"
bit.ly/jbsmanipula

3 TECNOLOGIA
15 usos de drones na agricultura e na pecuária
bit.ly/15usosdedrones

4 EDUCAÇÃO
Faculdade de flores abre inscrições
bit.ly/faculdadedeflores

5 AGROTÓXICOS
Califórnia lista glifosato como causador de câncer
bit.ly/californiaglifosato

COLUNAS

Bruno Blecher
CARNE FRACA
Embargo dos EUA atinge confiança da carne brasileira
g.o.bo/2rZhJX

Sebastião Nascimento
TEMPOS DIFICEIS
2017 não será um ano fácil para a pecuária de corte
glo.bo/2ui6VuI

MOBILE

TABLET
A revista digital com conteudo extra

iOS
http://bit.ly/1CPr2wK
Android
http://bit.ly/globorural android

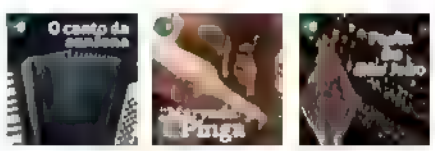
Google+
+globorural

Facebook
globo rural

Twitter
@globo_rural

Instagram
globorural

SPOTIFY
A seleção musical da GLOBO RURAL
http://bit.ly/tocaGR



COMENTÁRIOS

JBS

Com relação ao texto "JBS sob ataque", publicado na edição de julho, lamentamos que nossos esclarecimentos tenham sido ignorados, com a reportagem cometendo equívocos e privando o leitor dos posicionamentos da holding J&F e da JBS S.A.

A possibilidade de a JBS entrar em recuperação judicial nunca foi considerada. A situação financeira e robusta, com as operações alcançando resultados superiores ao orçamento aprovado para o ano corrente. A companhia ressalta seu relacionamento de longo prazo com instituições financeiras, com as quais tem mantido discussões produtivas e construtivas.

O texto confunde a holding J&F com a JBS S.A. A reportagem erra ao sugerir a venda da Alpargatas como parte do plano de desinvestimentos da JBS. Tambem é equivocado dizer que a "JBS pagará multa de R$ 10,2 bilhões". Esse pagamento será feito pela J&F.

A JBS informa que o relacionamento do BNDES se deu primordialmente por aportes da BNDESPar, seu braço de participações, sócio relevante da companhia, hoje com 21,3% das ações e que conta com dois membros no conselho de administração da empresa.

Sobre a opinião da R-CALF USA, é importante esclarecer que os mercados de compra e venda de gado são altamente regulados pelo governo dos EUA. A JBS USA contribui para a apuração oficial das cotações dos animais à vista e oferece aos produtores a oportunidade de vender seu gado a valores competitivos, usando vários programas inovadores de marketing.

Na avaliação da JBS, o patamar atual do preço do boi gordo no Brasil está diretamente relacionado ao momento do ciclo da pecuária, em que há maior oferta de gado para abate, com queda do consumo interno. A padronização da politica dos fornecedores em 30 dias ocorreu no começo de maio, sendo que 97% das compras da empresa já eram realizadas dessa forma.

Por fim, o conselho de administração da JBS tem avançado em medidas de governança. O advogado Marcelo Proença foi nomeado como diretor-geral de compliance. O escritorio White & Case LLP apoia esse projeto da companhia.

Assessoria de comunicação da JBS

CLONAGEM

Parabéns pela reportagem e muito obrigado pela eficiente cobertura da tecnologia de clonagem. A informação de forma transparente e com linguagem clara e a melhor forma de fazer o link entre a ciência e a sociedade. Forte abraço.

Rodolfo Rumpf
Diretor executivo da Geneal Brasil

CONVERSA

E eu pensando que era com investimento em qualidade, na conversa e negociação, nas boas práticas no cultivo. *(Mercado se conquista na cotovelada e na botina, diz Maggi)*

André Abreu
Via Facebook

BEM-ESTAR ANIMAL

Uma gaiola pode ser menor que uma folha A4. As aves têm os bicos quebrados para que não se machuquem entre elas. Não estamos nem perto do ideal, mas estamos caminhando pelo menos para algo aceitável. Defendo muito a cadeia produtiva agropecuária e acho extremamente válido o posicionamento das empresas. *(Grande fabricante de maionese decide não usar ovos de galinhas criadas em gaiolas)*

Vale pelo custo de manutenção
que dá fôlego para o capital de giro.

Vale pela tecnologia alemã
que não deixa você na mão.

Vale pela suspensão elevada
e maior ângulo de ataque.

Vale pela segurança dos 3 anos
de garantia total.

Vale pela tampa de caçamba
com amortecedor.

Vale pela capacidade de carga.

Vale porque é um bom negócio
na compra, no uso e na revenda.

E em todas as entregas para
os seus clientes.

Faça as contas que

#vale

Quer saber mais? Acesse
vendascorporativas.vw.com.br

Cliente Produtor Rural MDA compra Saveiro Robust CS por R$ 37.000,00.

Saveiro Robust 1.6
Cabine Simples
De ~~R$47.250,~~
Por R$ **37.000,**

Saveiro Trendline CS com ar-condicionado, direção hidráulica, alarme, computador de bordo, rádio Bluetooth, travas, retrovisores e vidros elétricos por **R$ 42.300,00.**

Saveiro Trendline CS 1.6
De ~~R$58.250,~~
Por R$ **42.300,**

VOLKSWAGEN FINANCIAL SERVICES
FINANCIAMENTOS CONSÓRCIO SEGUROS MOBILIDADE

FleetCenter

Minha escolha faz a diferença no trânsito.

Ofertas válidas até 31/12/2017 nas Concessionárias Autorizadas Volkswagen, para os modelos: 1 Saveiro Robust CS 1.6, pintura sólida, ano/modelo 2017/2018 (cód. 5UFNE4 básica) à vista a partir de R$ 37.000,00 já com a condição especial para cliente MDA inclusa no valor. 2 Saveiro Trendline CS 1.6, pintura sólida, ano/modelo 2017/2018 (cód. 5UFTE4 básica) à vista a partir de R$ 42.300,00 já com a condição especial para cliente MDA inclusa no valor. Preços válidos apenas para vendas realizadas para cliente MDA, sendo imprescindível, para tanto, o porte de documentos que comprovem essa condição e que estejam devidamente regularizados. Condição exclusiva para aquisição de veículos por meio do canal de Vendas Corporativas. Esta condição não é cumulativa com outras ações vigentes. Fotos meramente ilustrativas. Consulte as regras do programa para venda a clientes MDA junto a uma Concessionária Autorizada Volkswagen. Mais informações sobre o programa podem ser encontradas no endereço http://www.mda.gov.br/ e a consulta à relação de participantes credenciados da sua região pode ser feita pelo endereço http://smap14.mda.gov.br/extratodap/PesquisarDAP. Garantia de 3 anos para a Linha Volkswagen. Para Vendas Corporativas, a garantia entra em vigor a partir da data do licenciamento do veículo e tem duração de 3 anos para veículo completo, sem limite de quilometragem. A garantia está condicionada à realização de manutenção em uma Concessionária Volkswagen. Central de Relacionamento ao Cliente (CRC). 0800 0195775.

Volkswagen

Pedro de Camargo Neto,
engenheiro, pecuarista e vice-presidente da Sociedade Rural Brasileira

Nova lei trabalhista traz flexibilidade ao campo

Por **Sebastião Nascimento** * Foto **Rogério Albuquerque**

"Temos uma legislação trabalhista extremamente rígida, antiquada, que parte do pressuposto de que o empregador é explorador e que o empregado é um bobo. O empregador não é explorador – pode até ter alguns, mas a grande maioria não é – e o trabalhador brasileiro não tem nada de bobo. Ele sabe o que quer, sabe se defender", diz Pedro de Camargo Neto, fazendeiro e vice-presidente da Sociedade Rural Brasileira. Para ele, a nova legislação dá flexibilidade às relações entre empregadores e trabalhadores. Nesta entrevista à GLOBO RURAL, Camargo Neto fala também sobre os impactos da crise do JBS na pecuária de corte e propõe uma reforma mais efetiva do serviço sanitário do Ministério da Agricultura, abalado pelos sucessivos escândalos da carne.

GR ▸ O tema do momento é a nova lei trabalhista. Qual será o reflexo no campo?

Pedro de Camargo Neto ▸ Temos uma legislação trabalhista extremamente rígida, antiquada, que parte do pressuposto de que o empregador é explorador e que o empregado é um bobo. O empregador não é explorador – pode até ter alguns, mas a grande maioria não é – e o trabalhador brasileiro não tem nada de bobo. Ele sabe o que quer, sabe se defender. A nova legislação permite que se entre em acordo. Eu acho que o grande avanço dessa legislação é a flexibilidade. O trabalhador não vai ficar desprotegido, vai ter a negociação. Você vê países que não têm uma legislação tão rígida e têm muito mais empregos. E os empregados vão bem. Por isso, a flexibilidade é positiva para o campo.

Globo Rural ▸ Em junho, veio à tona a delação de Wesley Batista, sócio do JBS, sobre o pagamento de "mensalinhos" a auditores fiscais agropecuários. Isso complica ainda mais a situação da pecuária?

Camargo ▸ Acho que sim. Imaginamos a chegada ao fundo do poço e constatamos a presença de um alçapão que vai mais fundo ainda. Wesley disse que pagava "mensalinho" para 200 fiscais e que irá fornecer os nomes deles. Na verdade, os irmãos Batista gostam de corromper. Têm o prazer de corromper. Eles fizeram a empresa corrompendo, não é? É uma pena. Nós temos Lava Jato, ameaça de impeachment, ministro preso, o ex-presidente Lula condenado. Tudo isso chega ao exterior e a imagem qual é? O Brasil não é um país sério.

GR ▸ A fiscalização é muito questionada.

Camargo ▸ Pois é, nosso produto é bom. As três carnes principais são excelentes. O setor produtivo é competitivo e a indústria das carnes é moderna. Somos exportadores fortes, e é logico que nossos concorrentes vão se utilizar de todas as armas para falar que nossa carne não tem qualidade, que não tem fiscalização, que aqui é uma zorra. É mais um problema a ser enfrentado.

GR ▸ Nesse torvelinho, como vê o agronegócio em geral no país hoje?

Camargo ▸ Houve enriquecimento de uma grande parte do mundo, que passou a comer mais e melhor. Exemplos: a China passou a ser um grande importador, e também o Oriente Médio. Avançamos nas carnes e nos grãos como a so-

ja. Começamos a garantir qualidade sanitária. E, nesses últimos 20 a 30 anos, fortes investimentos em tecnologia propiciaram aumento de produtividade nas fazendas, com a fundamental participação da Embrapa e de outros órgãos. Detalhe: o país tornou-se altamente competitivo no campo e na agroindústria em um momento de forte demanda por alimentos no mundo. Já a industria permaneceu protegida e contando somente com o mercado interno, que é um imenso e rico patrimônio. Com a crise, ela ficou sem ter para quem vender. O agronegócio não. O fato de sermos exportadores potenciais trouxe uma flexibilidade muito grande.

GR ▸ Analistas dizem que a crise política não deve frear a tímida recuperação econômica. Como fica o agro, que, no geral, vai bem?

Camargo ▸ Não diria que o agronegócio está em um céu de brigadeiro. Vivemos hoje uma safra feliz, resultado de um ano climático excepcional. A produtividade dos grãos é alta e viabiliza a comercialização mesmo com preços relativamente baixos. Porém, eu não posso assegurar tranquilidade para daqui a um ano. As condições climáticas, por exemplo, podem mudar. No caso da pecuária, o setor vive hoje uma crise de preços resultante desde questões sanitárias até a debacle do JBS, que era o maior frigorífico brasileiro e hoje não está conseguindo se financiar. Estamos abatendo muito menos, e isso ocorre aliado a um problema de queda no preço da arroba. O que ajuda é que, felizmente, estamos competitivos, com os pés no chão. O mundo vai continuar demandando comida. Tem mais: o agronegócio é produtivo, eficiente,

“A cotação da arroba do boi caiu 20% no primeiro semestre e a do bezerro desabou 40%. Acho que o criador perde mais que o invernista neste ano”

não é endividado, e reúne a vantagem de contar com dois mercados, o externo e o interno. Assim, o campo está melhor do que muitos setores, como o da indústria, que viu o mercado interno arrefecer e não tem a opção de vender lá fora.

GR ▸ E a crise política?

Camargo ▸ É lógico que ter um governo federal estável ajuda a todos. Não é nosso caso. Assim, eu não vejo dissociação entre política e economia. A própria crise que a gente vive hoje, a da carne, é piorada por conta do enfraquecimento do governo federal. Em relação à Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, nenhuma alteração foi feita pelo Ministério da Agricultura. A única coisa foi o afastamento dos funcionários identificados pela PF. Tem de existir uma linha de comando muito clara saindo de Brasília direto para os frigoríficos.

GR ▸ As empresas não ficam um pouco à margem das discussões?

Camargo ▸ Não deveriam ficar. São empresas boas, que deveriam ter pressionado por mudanças antes do advento da Carne Fraca, da descoberta do “mensalinho”. Elas com suas obrigações e o governo federal com as dele podem ser parceiros, beneficiando todo o Brasil. Mas está tudo devagar. Esperamos ações desde março passado.

GR ▸ Pecuaristas acreditam que uma possível saída de cena do JBS poderia abrir espaço para pequenos e médios frigoríficos e cooperativas e até melhorar a situação.

Camargo ▸ Pode modificar sim. Espero que ocorra, pois é enorme a concentração. Isso é negativo. Formou um oligopólio. E aqui, pontualmente, faço uma crítica ao Conselho de Defesa Econômica *(Cade)*, que permitiu essa concentração. Num país de economia séria, isso não teria ocorrido, o órgão de defesa da concorrência teria inibido. Agora novos modelos de frigoríficos e cooperativas ocupam espaço. Se eles se basearem na eficiência, na competência, no compartilhamento de ações, vai ser uma mudança positiva.

GR ▸ Já estamos em agosto e não há um número fechado acerca da quantidade de bois confinados neste ano. Arrisca um número?

Camargo ▸ É difícil um número, mas o preço do milho está muito barato. Apesar da crise, eu acho que não deve cair muito o volume de gado confinado. É como um transatlântico, não se muda de rota de uma hora para outra. O gado já foi comprado, a comida idem, há inércia no processo. Arrisco dizer que o invernista não deve sair muito ferido neste ano, diferentemente do criador. Este último poderá perder. Veja: o preço da arroba caiu de 15% a 20%, enquanto o do bezerro desabou 40%. Significa que, quando o preço da arroba cai, a cadeia inteira perde, mas o prejuízo não é por igual.

GR ▸ O governo federal anunciou um plano que relaciona, entre outras ações, o fim da obrigatoriedade da vacinação contra a febre aftosa em 2019. Porém, no mês passado, a vizinha Colômbia registrou dois focos. Não há risco em parar de vacinar?

Camargo ▸ Veja bem, você vacina para um dia parar. Mas é importante parar com responsabilidade. E, no caso desse plano, ele veio de cima para baixo. Tem de ter participação do pecuarista e do veterinário local. O pecuarista sabe que para o fim da vacinação tem de existir uma vigilância sanitária efetiva. Daí a pergunta: houve auditoria nos serviços de segurança sanitária nos diversos Estados? Gostaria de ver essa auditoria. Se for constatado com a participação dos pecuaristas, dos veterinários locais e dos governos dos Estados que temos vigilância, aí sim podemos parar de vacinar. Quero lembrar que o vírus da aftosa é de fácil propagação. Pode ser pego no ar, na roda do caminhão, no trânsito da boiada.

GR ▸ Por conta de países que usam a soja para alimentar sua criação de aves, suínos e bovinos, a oleaginosa deverá ser a vedete nos próximos anos. O senhor concorda?

Camargo ▸ Tem sido assim há quase 20 anos, quando a China entrou comprando e a demanda foi crescendo ao longo dos anos. A soja já é a vedete e vai continuar sendo, já que outros países também estão comprando para alimentar aves, por exemplo. Eu gostaria que a China, o Vietnã, que se urbanizam e mudam o hábito alimentar, adquirissem mais frango também.

CAMPO ABERTO

TECNOLOGIA • MEIO AMBIENTE • INOVAÇÃO • GENTE

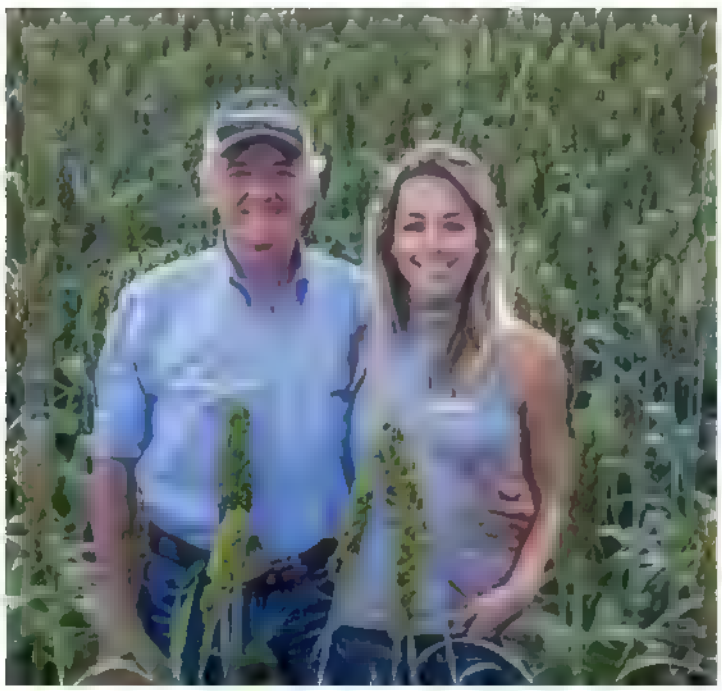
Sorgo matinal

Especializada em produtos nutritivos, empresa aposta no cereal como alimento humano

Texto **Flávia G. Pinho**

© TH NA STOCK

Bailarina e atleta desde a primeira infância, a administradora de empresas Luana Stein, de 26 anos, sempre cuidou da saúde e da silhueta. Se saía de casa, carregava lanches saudáveis na bolsa. "Fazia misturas de grãos e castanhas, com orientação de uma nutricionista, para comer com frutas, iogurte ou salada. Nas empresas onde trabalhei, diziam que eu comia alpiste", ela acha graça. E não é que Luana transformou seus "alpistes" em bom negócio? Fundada em 2014, sua companhia, a Farovitta, tem uma linha de 18 produtos, entre grãos e farinhas considerados funcionais, ou seja, alimentos que comprovadamente contribuem com a saúde e reduzem o risco de doenças. Uma de suas maiores apostas é o sorgo, grão tradicionalmente utilizado na ração animal. "Em viagens, comecei a ver o produto como ingrediente de pães, biscoitos e cereais matinais. E pensei: será o mesmo sorgo que eu conheço?"



Luana Stein e o pai, Vilber, na lavoura de sorgo marsala

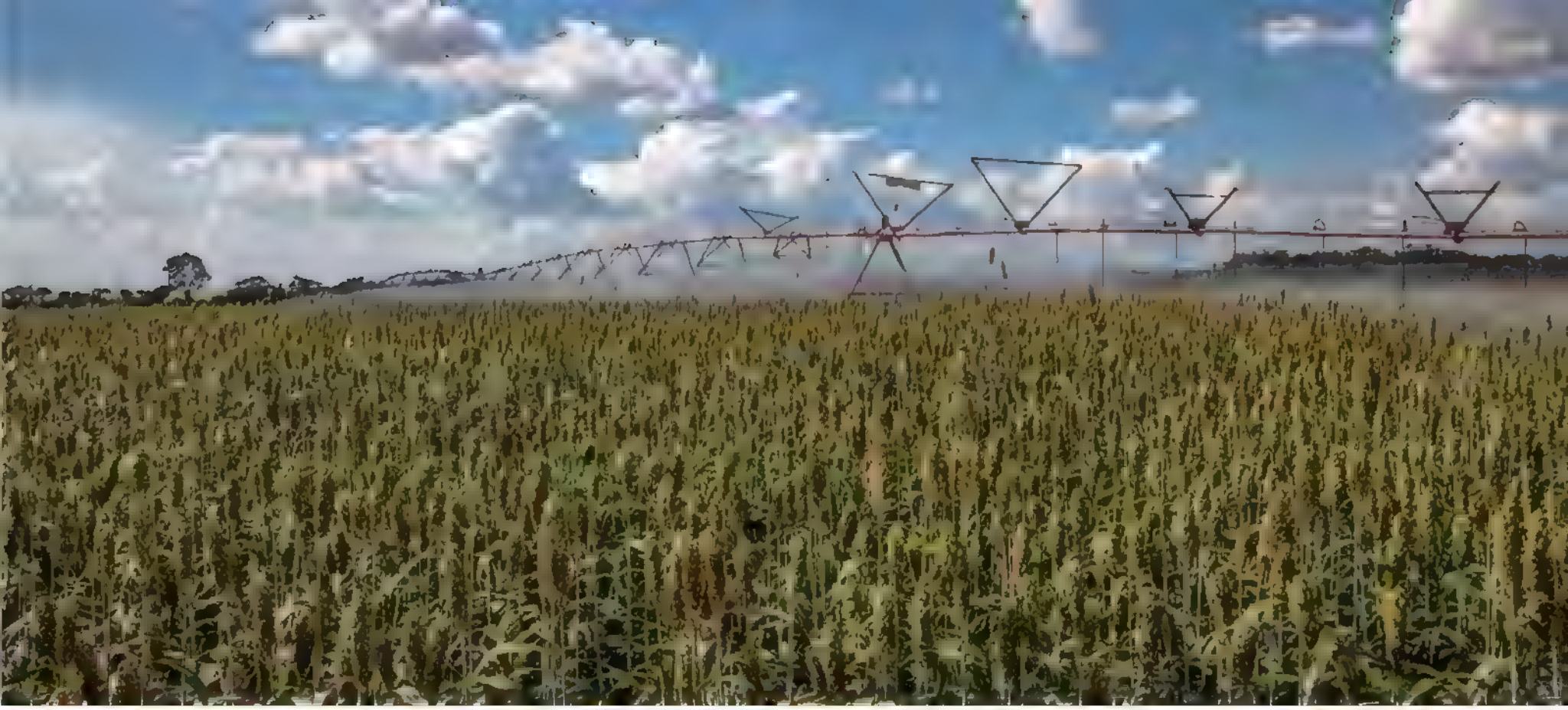
Filha de Vilber Stein, diretor-presidente da Campofert Agronegócios, Luana nasceu e cresceu em Guaíra, interior de São Paulo, e já tinha visto muita plantação de sorgo na vida – a família mantém lavouras do grão desde a década de 1950. Nunca, porém, destinado à alimentação humana. Assim que voltou para casa, ela pôs-se a estudar suas propriedades e topou com a pesquisa que a nutricionista Valéria Queiróz conduz, há uma década, na Embrapa Milho e Sorgo, sediada em Sete Lagoas (MG). "Fui até lá e descobri um tipo de grão muito nutritivo, com alto teor de tanino na casca, e decidi apostar nele." A variedade foi registrada por Luana como sorgo marsala, em função da cor avermelhada da casca.

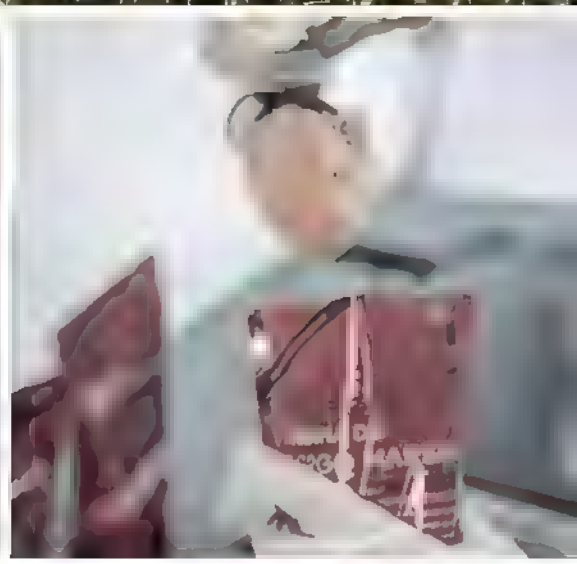
A Farovitta domina a cadeia de produção de ponta a ponta. Os grãos são cultivados em duas propriedades da família Stein, uma em Guaíra e outra em Conceição das Alagoas (MG), que somam 30 hectares de área plantada. Para que o produto seja rotulado como livre de glúten, a lavoura fica a 200 quilômetros de qualquer lavoura de trigo. Ao contrário do sorgo comum para ração animal, que tem safra única, Luana prefere fazer três colheitas menores por ano, de 100 toneladas cada uma, em média. "Assim, garanto que chegarão mais frescos ao mercado", explica. Para não contar apenas com as chuvas – o índice pluviométrico é de 1.500 milímetros anuais, concentrado entre os meses

Um mundo de variedade

Segundo a nutricionista Valéria Queiroz, pesquisadora da Embrapa Milho e Sorgo, as descobertas relacionadas ao potencial do sorgo como alimento humano estão apenas no começo. "Temos um banco genético ativo com mais de 7 mil tipos diferentes, a maioria não comercializada. Por enquanto, avaliamos cerca de 500", conta. Há cerca de quatro décadas, diz Valéria, a Embrapa se dedica a estudar o sorgo para ração animal. "O foco sempre foi produtividade e resistência a doenças. Agora, para alimentação humana, as propriedades nutricionais são o mais importante. Podemos comer qualquer sorgo, mas descobrimos variedades muito mais interessantes."

O sorgo com alta concentração de tanino tem merecido maior atenção da nutricionista. "É o que tem maior capacidade antioxidante. E o tanino interage com o amido, formando um composto que não é metabolizado e, consequentemente, reduz a ingestão calórica. Para os animais, esse sorgo é ruim: o gado acaba não ganhando peso. Em compensação, é ótimo para as pessoas." Os primeiros estudos, realizados em parceria com a Universidade Federal de Viçosa e a Universidade Federal de Minas Gerais, demonstram que a ingestão regular desse tipo de sorgo ajuda a controlar o peso, a glicemia e o nível do colesterol ruim.





de outubro e março –, os Stein investiram no sistema de irrigação por aspersão, com pivô central. O próximo objetivo é adotar o controle biológico de pragas. Por enquanto, pulgões, percevejos e ferrugem são tratados com defensivos químicos, mas somente na primeira fase do plantio – assim que os pés florescem, em torno do 50º dia, o tratamento é suspenso. A colheita, 100% mecanizada, usa equipamentos específicos para sorgo, regulados para não quebrar os grãos.

O sorgo que vai inteiro para o mercado passa por uma senhora limpeza mecânica, através de peneiras, na qual é eliminado qualquer resquício de galho ou folha. Depois, parte do lote vai para um moinho do tipo martelo, também adaptado, para transformar os grãos em uma farinha bem fina. Tudo isso acontece em um galpão novinho em folha, erguido nos fundos da Campofert. Somente a etapa final se dá em São Paulo, na sede da Farovitta, para onde os grãos e a farinha são transportados em sacos plásticos revestidos de papel kraft. Tantos cuidados justificam o preço que o produto atinge: enquanto uma saca com 60 quilos de sorgo para ração é comercializada por cerca de R$ 16, Luana vende o saquinho de 200 gramas de sorgo marsala, em grãos, por R$ 7,70.

O mercado para os produtos Farovitta tem se mostrado promissor. Cerca de 40% dos grãos, farinhas e misturas de grãos são vendidos por atacado, em sacas de 5 ou 25 quilos – as redes de varejo Mundo Verde, Angeloni, St Marche, Emporium São Paulo e Zaffari, os restaurantes Le Manjue e S Simplesmente, ambos em São Paulo, e a indústria de produtos saudáveis Jasmine Alimentos estão entre os clientes. Mas Luana acredita que seu produto tem potencial para ir muito mais longe. Sua meta, agora, é derrubar o preconceito e fazer com que o sorgo se torne mais conhecido do grande público – participar de feiras e programar ações de marketing com formadores de opinião, como a blogueira fitness Gabriela Pugliese e as nutricionistas Alessandra Luglio e Maria Vitória Falcão, são algumas das estratégias de divulgação. Luana ainda lançou um novo produto: a pipoca de sorgo, que já vem pronta no pacote. "O sorgo já é considerado um superalimento em vários países, o que vai acabar acontecendo aqui também."

Acima, lavoura de sorgo irrigada por aspersão e, abaixo, o grão e a farinha do cereal

© LA DERRAR /ED GLOBO

NOVA NISSAN FRONTIER.
É MAIS QUE FORÇA.

O seu caminho acaba de ganhar um design totalmente renovado, mais eficiência com o motor 2.3 I Bi-Turbo Diesel, tecnologia com o Nissan Multi-App e o painel de instrumentos em HD, além da mobilidade inteligente com o controle inteligente de partida em rampa e descida, que faz você chegar a qualquer lugar. Por isso nada é mais forte do que você e uma Nissan Frontier juntos.

Força | Tecnologia | Tradição

Nissan Frontier LE 4x4
A partir de
R$ 155.900
à vista

Taxa ZERO[1]

100% da tabela FIPE no seu usado[2]

Chassi reforçado duplo C

Suspensão multilink

Controle de descida (HDC)

Sistema de partida em rampa (HSA)

Acesse **nissan.com.br/frontier**
ou procure a Nissan nas redes sociais

/nissanbrasil | @Nissan_Oficial | Nissan_Brasil | YouTube /nissanoficial

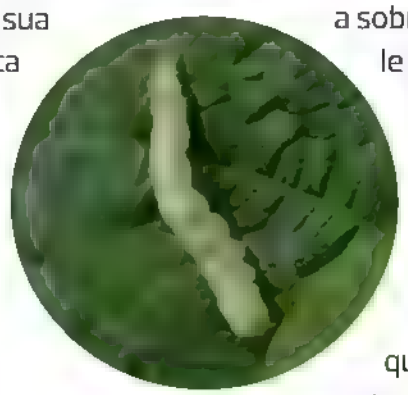
NISSAN
Innovation that excites
FAÇA UM TEST DRIVE
Pedestre, use sua faixa.
Financiamento pelo CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através S.A. (CNPJ/M 62.307.848/ 15). Crédito ... de cadastro. ... válida para pessoa física, até 31/8/2017 ou enquanto durar o estoque de 50 veículos Nissan Frontier LE 4x4 2017, com pintura sólida e câmbio automático. Preço à vista de ... seguintes condições: 79% de entrada (R$ 123.161) + saldo financiado em 12 ... com parcelas fixas de R$ 2.849,12. Taxa de juros ... a.m. (0% a.a.). Tarifa de cadastro ... com registro de contrato no valor de R$ 120,29, refer... São Paulo ... conforme o Estado) + impostos (IOF) de R$ 684,62. Custo efetivo total de 0,6 ... valor total de R$ 157.350,50. Frete incluso. 2 – ... 31/8/2017 ... a troca por uma Nissan Frontier LE 2017 ... importado, diretamente pela Nissan do Brasil, ou fabricado no país, ... Brasil; (ii) válida ... para ... ano/modelo ... 2017; (iii) com valor máximo do veículo usado de R$ 70 mil (tabela vigente da FIPE); (iv) quilometragem máxima de ... km/ano; (v) todas as revisões de fábrica ... na concessionária ... da respectiva marca; (vi) documentação do veículo livre de qualquer ônus ... pendências; (vii) veículo em ... de conservação e sem avarias ... depreciam seu valor; (viii) o CPF/CNPJ do proprietário do veículo usado deve ser obrigatoriamente o mesmo do comprador do veículo novo. Essa ... não é válida para a troca de veículos usados ... táxis, locadoras, leilões, seguradoras, veículos recuperados de seguradora, com ... de gás instalado, tampouco para aquisição por modalidade de vendas diretas. Garantia de três anos ... de quilometragem para ... particular, 100 mil ... uso comercial ou o que vencer primeiro, demais condições, conforme ... de garantia de ... válida para toda a linha Nissan, a partir do ano/modelo 2015/2016, até 60 mil km. No comparativo, foram considerados ... os concorrentes que ... seus sites ... pacotes de revisão periódica com preço ... nacional ... mil km, incluindo mão de obra, peças e lubrificantes. Consulte o Preço Tabelado de Revisão na rede de concessionárias Nissan. Para informações sobre consumo, acesse www.inmetro.gov.br e www.conpet.gov.br. Nissan Way Assistance: assistência 24 horas, em todo o país, válida por dois anos, contados ... data do faturamento do veículo. Mais informações no site nissan.com.br, pelo SAC Nissan (0800 011 1090) ou no manual do proprietário. Em caso de dúvida, entre em contato com o SAC Nissan (0800 011 1090) ou consulte uma concessionária Nissan.

por Viviane Taguchi vtaguchi@edglobo.com.br

CONTROLE BIOLÓGICO

Traça transgênica

Machos das traças-das-crucíferas *(Plutella xylostella)* estão sendo geneticamente modificados para transferir um gene letal a sua prole. A praga ataca lavouras de soja, algodão, hortaliças, milho, couve – e outras – e gera prejuízos calculados em US$ 5 bilhões ao redor do mundo. De acordo com os cientistas, a técnica para controlar pragas com uso da traça transgênica é semelhante ao método usado para reduzir a população de mosquitos transmissores da dengue com indivíduos transgênicos. Um gene que impede a sobrevivência da prole até a idade adulta é inserido nos machos, que, liberados na natureza, se acasalam com as fêmeas, mas os mosquitinhos que nascem morrem antes de chegar à idade adulta. Por enquanto, a traça transgênica está sendo testada em lavouras da Flórida, nos Estados Unidos.



CONSTRUÇÃO

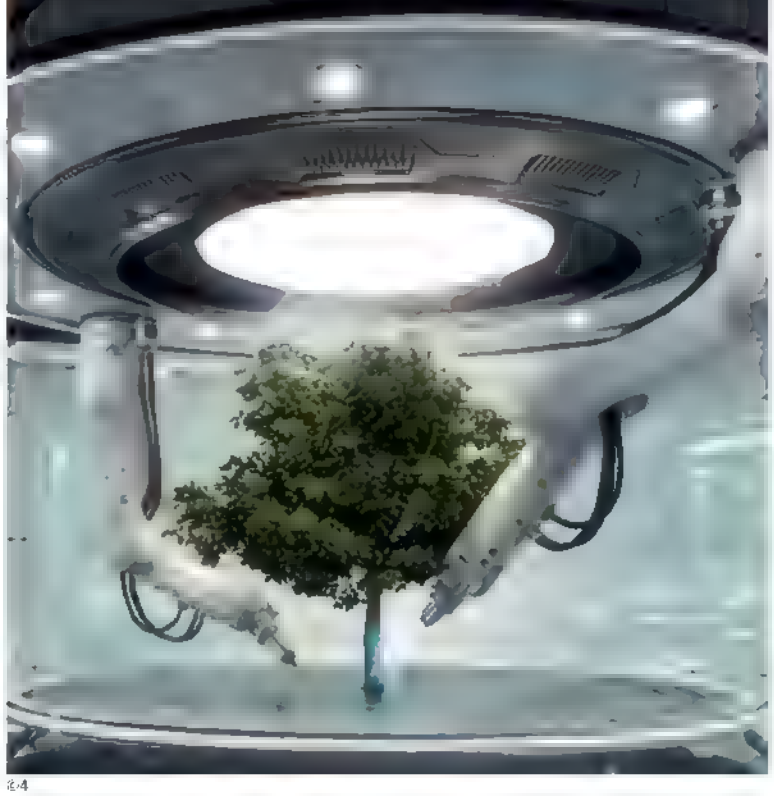
Saliva de cupim

A terra do cupinzeiro, umedecida com a saliva de seus moradores, é um ingrediente valioso de uma nova formulação de argamassa usada para restaurar características originais de paredes de construções históricas feitas com terra crua. A equipe do químico Andrea Cavicchioli, da Universidade de São Paulo (USP), com pesquisadores do Instituto Socioambiental Fazenda Catadupa e do Centro Regional de Investigaciones de Arquitectura de Tierra Cruda, da Argentina, testou várias combinações de matérias-primas encontradas no Vale Histórico Paulista, primeira região ocupada pelas plantações de café no Estado, no início do século XIX, com casarões antigos em estado precário de conservação. A formulação que apresentou o melhor desempenho nos testes de adesão e resistência à erosão e à água realizados na Fazenda Catadupa, em São José do Barreiro, reúne terra de cupinzeiro e areia fina em dobro (peneiradas e misturadas com as fibras de uma gramínea comum da região), além de extrato aquoso de cactos. A fórmula já foi apresentada em um congresso em Assunção, no Paraguai.

BIOIMPRESSÃO 3D

Célula artificial

Cientistas do Laboratório de Nanobiotecnologia da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia criaram cópias perfeitas de folhas, sementes, animais e microrganismos. Luciano Paulino da Silva, líder do projeto, diz que a bioimpressão 3D é uma variante da impressão 3D, método de fabricação de objetos sólidos a partir de um arquivo digital, em materiais como resina ou polímeros. A bioimpressão 3D usa componentes como moléculas ou células. "Podemos testar nanomateriais produzidos a partir de resíduos de indústrias agropecuárias e florestais", diz. "Com a técnica, teremos modelos tridimensionais de organismos vivos." Segundo ele, é possível criar órgãos de plantas, animais, estruturas que simulam um organismo vivo, reconstruir sementes, hormônios e até útero para maturar embriões.



F. TERNESTO DE SOUZA/ED GLOBO 2 3 E 5 TH NAISTOCK 4 GETTY IMAGES

VEGETAIS

Coração de espinafre

Cientistas do Instituto Politécnico Worcester (WPI), de Massachusetts, nos Estados Unidos, usaram uma folha de espinafre para construir um tecido humano cardíaco. O trabalho, publicado na revista *Biomaterials*, mostra como a utilização dos sistemas vasculares da planta pode ajudar na regeneração do coração. Joshua Gershlak, um dos cientistas que participaram do estudo, explicou que a rede vascular do espinafre é tão sutil e fina como a dos tecidos humanos. "Por isso o uso dos vasos condutores de seiva foram essenciais para o sucesso da pesquisa", disse. Segundo Gershlak, eles substituíram células vegetais da folha de espinafre por células humanas, que cresceram em torno da estrutura vascular existente e, depois, formaram um pequeno coração. "Bombeamos fluidos através dos canais do espinafre para mostrar que o sangue conseguiria passar pelo sistema também." Agora, folhas de outros vegetais serão testadas. "Vamos adaptar várias plantas que os fazendeiros cultivam há milhares de anos para construir tecidos humanos", afirmou Glenn Gaudette, outra cientista do grupo.

por Vinicius Galera vgalera@edglobo.com.br

Terra de extremos

Compilação de reportagens mostra que, em Mato Grosso, o moderno e o arcaico convivem

Ao longo de dez anos, o repórter Rodrigo Vargas e o fotógrafo José Medeiros andaram por aquele que é um dos Estados mais contrastantes do Brasil: Mato Grosso. O resultado dessas andanças foi publicado no jornal *Diário de Cuiabá*. Agora reunido em livro, o material dá a dimensão da variedade de uma região que normalmente frequenta o noticiário nacional devido a sua produção agrícola.

ANDANÇAS: REPORTAGENS PELOS CONFINS DE MATO GROSSO
AUTORES: Rodrigo Vargas e José Medeiros
EDITORA: Entrelinhas
PREÇO: R$ 70

Mato Grosso vai muito além disso, como fica patente nessas grandes reportagens, que mostram "histórias que estavam fora do circuito", como diz Vargas, que, a exemplo de Medeiros, também é colaborador de GLOBO RURAL.

Assim, podemos conhecer todos os extremos do imenso Estado. Da produção de borracha à história do bispo missionário que dedicou boa parte da vida à defesa dos povos indígenas; da luta pela preservação do Pantanal aos projetos de colonização que não vingaram; da destruição do arraial fundado em torno de uma missionária em Tanque Novo até o último falante da língua umutina, que se tornou o guardião solitário da cultura de sua nação. Como diz o jornalista Rubens Valente, que assina o prefácio, "Mato Grosso é um Brasil em miniatura, ali se encontra tudo de mais alto e tudo de mais baixo que um brasileiro pode produzir". O livro delineia esse e outros territórios que vão além das fronteiras que conhecemos.

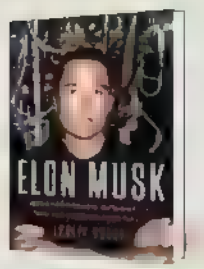
O QUE ESTOU LENDO

Angelo Melo,
diretor da unidade de negócios bovinos da Zoetis

"Estou lendo um livro sobre o Elon Musk, considerado um dos empresários mais inovadores da atualidade. Esta obra sobre a sua vida aborda um pouco das fases que ele já passou, desde as mais complicadas até as mais inventivas. É um homem de negócios que consegue transformar ideias que parecem totalmente fora da realidade em algo concreto e lucrativo.

Ousado e extremamente dedicado aos seus projetos, Elon quase faliu em meados de 2008, mas sua perseverança e visão futurista o fizeram se reerguer. O empresário hoje é dono de três empresas: SpaceX, que faz foguetes para os quais fabrica 90% das peças; Tesla Motors, fabricante de carros elétricos, sendo um dos veículos mais seguros do mundo, por manter o motor na parte central do automóvel; e SolarCity, empresa que capta energia solar.

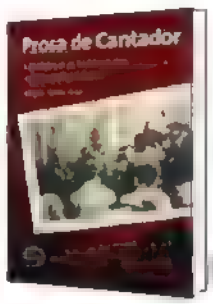
Um de seus projetos mais recentes é conseguir fazer com que o homem colonize Marte. Olhando a ideia de fora, pode parecer um pouco fora de contexto, mas analisando sua vida e até onde Elon Musk já chegou, é uma motivação a mais e algo que pode se tornar factível."



ELON MUSK – COMO O CEO BILIONÁRIO DA SPACEX E DA TESLA ESTÁ MOLDANDO NOSSO FUTURO
AUTORES: Ashlee Vance
EDITORA: Intrinseca
PREÇO: R$ 49

Nas prateleiras

PLANEJAMENTO DA PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO CONTEXTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS
ORGANIZAÇÃO: Jurandir Zullo Junior, André Furtado e Claudia Castellanos Pfeiffer
EDITORA: Unicamp
PREÇO: R$ 68



PROSA DE CANTADOR – A HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS DOS CURURUEIROS PAULISTAS
AUTOR: Sérgio Santa Rosa
EDITORA: Fepaf
PREÇO: R$ 38

O AGRONEGÓCIO DA BANANA
EDITORES: Claudia Fortes Ferreira e outros
EDITORA: Embrapa
PREÇO: R$ 100

DIVULGAÇÃO/ACERVO PESSOAL

otmis.com.br

Inovação. Essa sempre foi a marca da **Otmis**.

OTMIS

A **Otmis** é a marca da **Jacto** para produtos e serviços em agricultura de precisão. É assim que fazemos chegar até você, amigo agricultor, informações e conhecimentos essenciais para facilitar o seu trabalho no campo.

Da mesma forma que trabalhamos por soluções e evoluímos a cada dia, nossa marca também mudou. Ela representa um novo momento de trabalho incansável por soluções inteligentes que vão trazer maior produtividade para sua lavoura.

ONDE TEM SUPERSAFRA, TEM SCANIA.

ESTE ANO O BRASIL VAI PRODUZIR 232 MILHÕES DE TONELADAS DE GRÃOS, 24% MAIS QUE EM 2016.

É MELHOR CONTAR COM A SCANIA PARA CARREGAR TUDO ISSO.

brasileiras, entregando soluções conectadas e inteligentes para otimizar a sua operação e gerar mais rentabilidade para os se negócios. Caminhões Scania, mais confiança para o Brasil que pr

60 ANOS BRASIL

facebook.com/ScaniaBrasil www.scania.com.br

ALTA PRODUTIVIDADE

DISPONIBILIDADE

ECONOMIA DE COMBUSTÍVEL

SERVIÇOS CONECTADOS SCANIA

SCANIA

CAPA

Hortaliças com garantia

Produtor do cinturão verde de São Paulo é o primeiro do Brasil a obter em hortifrúti a principal certificação global do mercado

Texto **Amanda Oliveira** e **Vinicius Galera** | Fotos **Fabiano Accorsi**, de Biritiba Mirim (SP)

Ao caminhar pelas suas hortas com os visitantes, o produtor Marcio Hasegawa chama a atenção para o brilho das verduras. "Se você olhar para o vizinho, vai ver que as minhas são mais brilhantes", afirma, invertendo o ditado que diz que o gramado do vizinho é sempre mais verde.

O brilho é o resultado de um trabalho que está levando o Grupo Hasegawa a ser o primeiro produtor de hortaliças folhosas do Brasil a obter a certificação GlobalG.A.P. (boas práticas agrícolas, na sigla em inglês), um dos protocolos mais respeitados do mundo.

Em suas fazendas no cinturão verde, região que abastece a Grande São Paulo, Marcio cuida dos pés de alface com uma atenção maior ainda do que a do pai, que iniciou o cultivo nos anos 1960, em Registro, no interior do Estado.

Ainda naquela década, Kohei Hasegawa se mudou para Suzano (SP). O filho conta que o pai sempre foi inovador. Em 1995, juntamente com um amigo, ele desenvolveu a primeira embalagem cônica de alfaces do mercado brasileiro, dessas hoje comuns em qualquer gôndola de supermercado. "Isso explodiu no mercado, a empresa acabou crescendo muito e assim foi evoluindo", lembra.

Hoje, o Grupo Hasegawa é o maior produtor de hortaliças do país. Cultiva cerca de 50 variedades de verduras em quatro fazendas, com produção em torno de 1.500 hectares por ano, e as entrega a um mercado cada vez mais exigente, com clientes de peso como a rede de supermercados Carrefour.

O trabalho é árduo e nem sempre reconhecido. Para controlar as pragas e doenças, o setor de hortifrúti (HF) é um dos que mais utilizam agroquímicos. Levar hortaliças com menos resíduos para o prato é um desafio para os produtores. Mesmo quando seguem todos os processos, ele estão mais sujeitos à concentração residual. De acordo com Marcus Pires, coordenador de análise de resíduos em alimentos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), como o agrotóxico é aplicado diretamente nas folhas, há mais chances de encontrar vestígios. Diferentemente do que ocorre com o feijão, por exemplo, que possui a vagem protetora.

Em 2002, quando Marcio Hasegawa se tornou

O GRUPO HASEGAWA É O MAIOR PRODUTOR DE HORTALIÇAS DO PAÍS, COM MAIS DE 50 VARIEDADES

O QUE É A CERTIFICAÇÃO

O certificado surgiu há 20 anos para que os supermercados e redes de varejo europeus tivessem um protocolo uniforme para a compra de produtos dentro e fora do continente segundo requisitos sociais, de segurança alimentar e proteção ambiental.

O documento é aceito em todo o mundo. De acordo com Juliani Arimura Kitakawa, gerente de certificação para alimentos e bebidas da DNV GL, um produtor ou um grupo de produtores como cooperativas podem obtê-lo para um ou mais produtos.

diretor superintendente da empresa da família, deu continuidade aos processos de produção, qualidade e valores estabelecidos pelo pai. "Nosso objetivo sempre foi respeitar todos os princípios do fundador: o uso de tecnologia de compostagem, de microrganismos e todas as técnicas ecológicas que existem no processo de campo, a captação e uso de água, a curva de nível. Temos muita gratidão por tudo isso e queremos evoluir ainda mais."

Essa evolução resulta na certificação inédita. "O GlobalG.A.P. é o ISO da agricultura", diz Marcio Hasegawa. Para obtê-lo, todos os processos, que já eram rigorosos nas fazendas, tiveram de ser aprimorados.

O protocolo exige o monitoramento completo de todos os processos produtivos, do meio ambiente à segurança, passando pelo registro de tudo o que acontece na empresa, da semente até a homologação de fornecedores. "Você não pode comprar de nenhum parceiro que não esteja formalizado, tem de pensar na capacitação de colaboradores, no monitoramento da irrigação, na água da fábrica", enumera o agricultor.

Com as mudanças, o Grupo Hasegawa reduziu em cerca de 30% a aplicação de defensivos. Marcio explica que o número foi possível graças a um conjunto de fatores, que envolvem cuidados com o solo, a genética e a nutrição das plantas (confira a ilustração).

A intensificação do uso de insumos biológicos diminuiu as aplicações de inseticidas em 40%. A alface crespa e o tomate são exemplos de produtos que tiveram redução de fungicidas e inseticidas. "No tomate, a redução foi de cerca de 70% com o uso de bioestimulantes. Na vagem, a redução foi de 100%. Tudo graças ao estímulo para a fortificação das plantas", diz. "Quanto mais você implementa técnicas e processos com o uso de tecnologia, mais redução você tem", conta Marcio.

Foi justamente o resíduo que levou o grupo a buscar um novo horizonte. Há alguns anos, eles tiveram um problema com uma amostra de cebolinha. "Não existe nenhum defensivo registrado para a cultura da cebolinha, e ela sempre pega uma doença. Então, utilizamos alguns defensivos permitidos para hortaliças. Deixamos por dez dias, mas, por não serem registrados, eles deixavam um tracinho de resíduo. Tivemos três não conformidades, quase imperceptíveis", conta o produtor.

O procedimento não é incomum no ramo de HF. Como possuem baixo valor agregado, plantações como acelga, maxixe e alho não têm muitos agrotóxicos específicos registrados. A falta de produtos abre uma brecha. Segundo Peter Rembischevski, especialista em regulação e vigilância sanitária da Anvisa, uma solução viável para o problema seria separar os alimentos por grupos. Dessa forma, seria possível estabelecer o mesmo limite máximo de resíduos (LMR) para culturas semelhantes. "Se você determina um LMR para pimentão, não vai fazer para a pimenta", explica Peter.

"Precisávamos de um plano de ação para resolver o problema. Montamos um grupo e discutimos a possibilidade de termos um diferencial no mercado, de ter um produto totalmente seguro", relembra Marcio. Então ele procurou uma de suas prestadoras de serviços, a PariPassu, que atua na área de tecnologia da informação e no controle de alguns processos nas fazendas, para tentar resolver o problema. "Eu expus essa dificuldade a eles."

Veja o passo a passo para obter a certificação

Todas as exigências estão disponíveis, por cultura, no site **globalgap.org**, para quem quiser iniciar o processo

Fonte: DNV GL

INTERESSE
O produtor ou os produtores interessados devem conhecer as boas práticas exigidas para sua cultura

ADEQUAÇÃO
Depois, é preciso adequar todos os processos produtivos às exigências

AUDITORIA
O produtor deve então buscar uma organização independente como a DNV GL para fazer a auditoria

VALIDAÇÃO
Após validar os processos, a DNV GL emite um certificado de conformidade para a GlobalG.A.P.

CERTIFICAÇÃO
A GlobalG.A.P. concede o certificado e registra o produtor em seu banco de dados

50
variedades de hortaliças folhosas

Produção totalmente controlada

100%
rastreado

500
colaboradores diretos

Em sentido horário, Marcio Hasegawa entre as linhas de alface crespa; mudas de cebolinha; e sementes

Indústria de agroquímicos em busca do "resíduo zero"

A busca pela certificação é um grande incentivo para a adoção de boas práticas agrícolas e para a conquista de novos mercados, mas em pouco tempo pode se tornar uma exigência. Em culturas que demandam muitos agroquímicos como os hortifrútis, os mercados consumidores estão em alerta – e as empresas também. Multinacionais e nacionais do setor de agroquímicos vêm desenvolvendo produtos com propriedades capazes de reduzir a quantidade de resíduos nas plantas.

A Arysta, por exemplo, tem uma linha de fisioativadores, produtos que trabalham no fortalecimento e desenvolvimento para ativar a fisiologia e tornar a planta mais resistente. "A interação do agroquímico com o fisioativador faz com que você tenha uma planta mais eficiente. Assim, você consegue um menor manejo e reduz resíduos e aplicações de defensivos", explica o diretor de marketing da empresa, Marcelo Zanchi.

Também a Geociclo, de Uberlândia (MG), que tem produtos voltados para culturas como soja, milho, cana e hortifrútis, desenvolveu um fertilizante produzido a partir do resíduo da cana com uma tecnologia que otimiza a absorção de nutrientes pelas culturas. A empresa busca unir o fertilizante e o defensivo em um único produto. "Nossa tese é que irá levar menos agrotóxico para o campo", diz o CEO da empresa, Ernani Judice.

Muito marketing e pouca pesquisa

De acordo com o professor Paulo R. C. Castro, da Esalq-USP, produtos como esses atuam na fisiologia da planta para alterar seu metabolismo e mudar seu comportamento. Mas ele faz uma ressalva importante. "Por enquanto, não existe nenhum substituto para os biorreguladores. Os novos produtos não são tão efetivos quanto os biorreguladores, eles têm potencial de serem utilizados, mas precisam de muita pesquisa e desenvolvimento", diz.

O produto da Arysta foi testado por seis anos, enquanto o da Geociclo levou cinco anos na fase de testes. Mas esse período considerável não é tão comum em algumas empresas. "Elas não fazem a necessária pesquisa e o desenvolvimento. Quando fazem, é de uma forma muito superficial porque o que querem mesmo é colocar o produto no mercado", lamenta o professor.

Paulo Castro se diz espantado com a quantidade de novos produtos no comércio. "Fico assustado com o número de lançamentos. São bioestimulantes, microrganismos estimulantes, bioativadores, condicionadores de solo, enraizadores, antiestressantes e de efeito tônico muitas vezes sem terem sua forma de aplicação e eficiência devidamente comprovadas. Não são realizadas pesquisas suficientes para constatar que eles são realmente úteis para o produtor rural."

O especialista atribui a existência de tantos produtos ao marketing. "Muitos são chamados de organominerais, pois as empresas misturam matéria orgânica com sais minerais e acham que isso vai funcionar, sem a necessária comprovação científica. Frequentemente, muita propaganda e pouca pesquisa e desenvolvimento. O produtor deve exigir a comprovação da eficiência do agroquímico pelas pesquisas publicadas em periódicos conceituados."

O marketing tem levado empresas a falar até mesmo em "resíduo zero". Tecnicamente, a expressão existe. Marcus Pires, da Anvisa, diz que o resíduo zero é alcançado quando os equipamentos não detectam substâncias remanescentes dos agrotóxicos Hoje, os aparelhos são extremamente sensíveis e acabam percebendo uma quantidade baixíssima. Na Europa e nos EUA a concentração de 0,01 mg/kg ou menos de resíduo não é considerada prejudicial à saúde

Ele explica que uma quantidade como essa não é, necessariamente, um resíduo proveniente de defensivos. "O agrotóxico pode ser oriundo do próprio rio que o agricultor está usando em sua plantação ou do solo."

O GLOBALG.A.P. FOI CRIADO PARA UNIFORMIZAR A COMPRA DE ALIMENTOS PELOS SUPERMERCADOS

A PariPassu atende a toda a cadeia de produtos perecíveis, em especial a de HF. "Nossos clientes têm uma produção estruturada ou um volume de produto mais consistente. Eles atendem a supermercados. Nesse processo, são auditados e têm controles voltados para a segurança de alimentos. Temos acompanhado nossos clientes nesse caminho da auditoria", diz o diretor comercial Giampaolo Buso.

A empresa trabalha com a percepção de que a sociedade demanda mais controle sobre os produtos que consome. Entre seus clientes, a Hasegawa era um dos que tinham processos mais bem encaminhados. "Ele não é único, mas na área de folhosas é o primeiro, o que está mais adiantado. Até onde nós conhecemos, não há ninguém de folhosas com o certificado GlobalG.A.P. no Brasil", diz Giampaolo, que já possui clientes certificados na área de fruticultura, na qual sem o GlobalG.A.P. os produtores não têm acesso ao mercado europeu. Mas, na área de hortaliças, o selo é inédito.

O certificado foi criado por supermercados para uniformizar a compra de produtos no continente europeu. Hoje, esse é o protocolo de boas práticas mais aceito no mundo. "Ele está em todos os continentes e reúne em torno de 160 mil produtores", explica o coordenador da GlobalG.A.P. no Brasil, Marco Giotto. Ele ressalta que um dos problemas do Brasil é que as grandes redes de varejo e de alimentação criaram protocolos próprios.

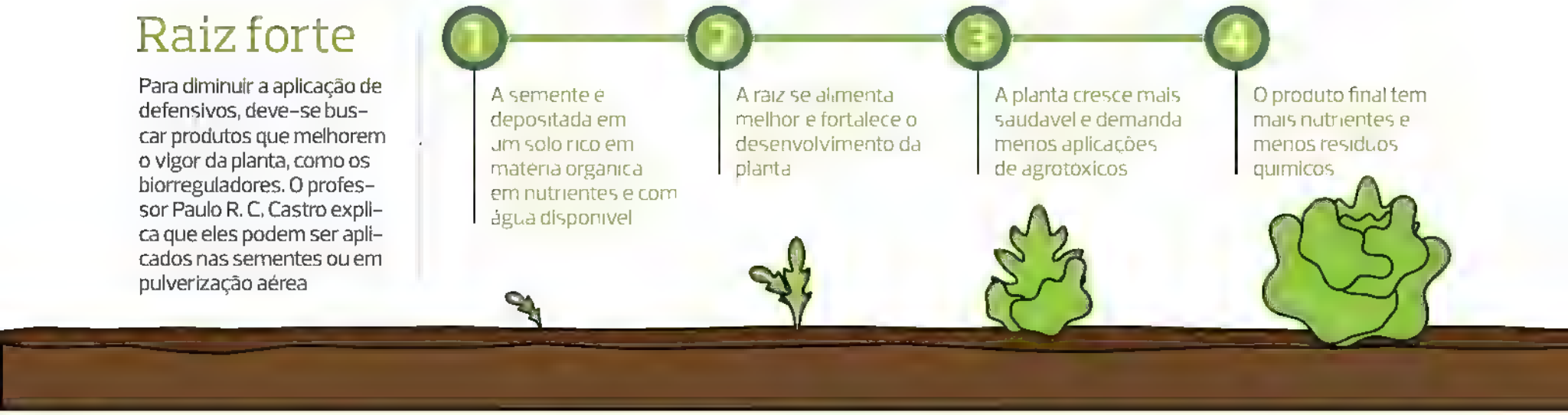
O superintendente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), Márcio Milan, explica que existem diferentes exigências aos fornecedores do segmento de hortaliças para as redes que atuam no país. "O básico é a necessidade do atendimento à legislação brasileira, especificamente as questões ambientais, sociais e de segurança do alimento."

A própria Abras tem um programa de rastreabilidade e monitoramento para a segurança dos alimentos, baseado na conformidade de resíduos químicos. Segundo Márcio Milan, todos os produtores e fornecedores recebem visitas anuais para a verificação dos processos de controle.

O manejo cuidadoso na Fazenda Irohy, em Biritiba Mirim (SP)

Raiz forte

Para diminuir a aplicação de defensivos, deve-se buscar produtos que melhorem o vigor da planta, como os biorreguladores. O professor Paulo R. C. Castro explica que eles podem ser aplicados nas sementes ou em pulverização aérea



COM A CERTIFICAÇÃO, OS PRODUTORES PODEM REDUZIR OS CUSTOS E AUMENTAR SEU LUCRO

Vista aérea da Fazenda Santa Maria, em Suzano, e embalagem das hortaliças na fábrica de Biritiba Mirim

O movimento do Grupo Hasegawa foi iniciado há pouco mais de um ano e faz parte de uma tendência global que se reflete no mercado brasileiro. Em busca de unidade, grandes marcas internacionais de varejo estão exigindo que as operações brasileiras tenham o mesmo nível de certificação comum em outros países. "Como hoje essas redes são globais, se há algum problema no Brasil, isso afeta a marca globalmente. Então elas acabam requerendo a mesma segurança alimentar que existe nos mercados mais exigentes. Não é mais para exportação apenas. Agora, é para o mercado interno", explica Marco Giotto.

O brasileiro também passou a cobrar processos mais rígidos na cadeia alimentar. Marco cita como exemplo a resposta do consumidor depois da Operação Carne Fraca, que evidenciou práticas que podem comprometer a segurança alimentar e motivou a busca por mais informação ou alternativas mais seguras para consumo. "Nós vimos o furacão que passou nesse setor. O consumidor quer segurança alimentar. Os grandes distribuidores e as redes de varejo querem reduzir o risco de comercializar um produto que possa ter um problema lá na frente, que contamine a marca, seus valores."

A certificação também passa pela parte financeira e pode significar uma redução considerável nos custos operacionais dos produtores rurais, além de abrir novos mercados.

"É muito importante que produtores e distribuidores adotem esses controles e atendam aos protocolos. Isso faz com que eles se organizem, utilizem melhor as soluções de tecnologia", diz Giampaolo, da PariPassu. "O resultado é dinheiro, é eficiência. O sujeito começa a ter mais controle da operação e mais noção dos custos."

A expectativa do Grupo Hasegawa é que o reconhecimento seja confirmado no começo deste mês. O certificado GlobalG.A.P. valerá para as espécies de alface crespa, lisa, escarola, mimosa e crespa roxa. "Queremos evoluir nossa marca para que ela seja reconhecida como totalmente segura", diz o agricultor, que também chama a atenção para a questão ambiental.

"Enxergar a certificação apenas como um meio mercadológico não é bom. O segredo é encará-la como uma possibilidade de perpetuação. Queremos subir a régua do mercado com a certificação e tirar essa imagem ruim do setor perante a sociedade", finaliza Marcio.

ACELERE O RENDIMENTO DOS SEUS NEGÓCIOS COM A DAF CAMINHÕES.

Conheça a linha de Caminhões DAF com motores PACCAR-MX produzidos no Brasil. A DAF uniu qualidade e eficiência com o melhor custo/benefício para você acelerar o crescimento do seu negócio. Caminhões robustos, confortáveis e com máximo desempenho.

Cinto de segurança salva vidas.

XF105

- Disponível nas versões 6x2 e 6x4
- Motor PACCAR MX de 12,9 litros, com potências de 410, 460 e 510 cavalos
- Três opções de cabine: Comfort Cab, Space Cab e Super Space Cab

CF85

- Disponível nas versões 4x2 e 6x2
- Motor PACCAR MX de 12,9 litros, com potências de 360 e 410 cavalos
- Duas opções de cabine: Sleeper Cab e Space Cab

EUROPEU FABRICADO NO BRASIL

FINAME

REDE AUTORIZADA EM TODO O BRASIL

DAFcaminhoes DAF Caminhões daf_caminhoes

DRIVEN BY QUALITY

DAF
PACCAR COMPANY

Os Caminhões DAF possuem garantia total no primeiro ano sem limite de quilometragem. Para o segundo ano, a garantia não tem limite de quilometragem e é limitada ao trem de força (motor, caixa de transmissão e eixo traseiro). Os Caminhões DAF também contam com o DAF ASSISTANCE, serviço de assistência técnica emergencial 24 horas. O serviço é gratuito para caminhões no primeiro ano de garantia e pode ser acionado pelo telefone 0800 703 3360.

PARA PRODUZIR E CRESCER, CONTE COM QUEM APOIA VOCÊ. **CONTE COM A SUA COOPERATIVA.**

Regiões Metropolitanas: 4000-1111 | Demais regiões: 0800 642 0000 | Ouvidoria: 0800 725 0996
Atendimento: seg a sex. - das 8h às 20h | www.ouvidoriasicoob.com.br | Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458

Seja pequeno, seja médio, seja grande produtor rural; o Sicoob apoia você em todas as fases da produção. Aqui tem crédito para custeio, investimento e comercialização, com uma das menores taxas do mercado. Para produzir e crescer cada dia mais, conte com a parceria da maior instituição financeira cooperativa do país. Conte com o Crédito Rural Sicoob.

Fale com o gerente da sua cooperativa Sicoob.
Quem faz parte do Sicoob tem mais crédito rural.

SICOOB
Faça parte.

Algodão volta a ganhar força

Boa produtividade anima os produtores, que já preparam a safra 2017/2018

Texto **Raphael Salomão**
Fotos **José Medeiros**, de Campo Verde (MT)

O produtor Carlos Gonçalves Muniz chegou a Mato Grosso, em 2003, quando o Estado já liderava a produção brasileira de algodão. Ele trazia na bagagem a experiência adquirida com o pai, nos tempos em que sua terra natal, o Paraná, liderava a produção nacional da pluma.

Natural de Icaraíma (PR), Carlos plantou a fibra em terras paranaenses até o início dos anos 1990. Hoje, cultiva algodão em Campo Verde (MT). Plantando na segunda safra, decidiu apostar mais no ciclo 2016/2017. Depois de semear 2.600 hectares com soja no verão, reservou 1.600 hectares para a fibra, que começou a colher no mês passado. Na temporada anterior, havia sido 1.060 hectares.

Carlos espera colher 275 arrobas por hectare de algodão em caroço e, deste volume, tirar 110 arrobas por hectare de pluma. "É um ano bom. O clima foi bastante favorável. O ano passado foi bem difícil", conta. Na safra 2015/2016, ele colheu 230 arrobas por hectare em caroço e obteve 92 arrobas de pluma.

O otimismo dele reflete a expectativa de melhora na produtividade da fibra em Mato Grosso. O Instituto de Economia Agropecuária (Imea) projeta 12,52% mais algodão em pluma na safra 2016/2017, ou 986.600 toneladas. O rendimento deve crescer 14,09%, de 96 arrobas para 107 arrobas por hectare.

O Imea estima um aumento de 0,9% no plantio total, para 617.245 hectares. A área de algodão safrinha, semeado no ano passado, encolheu 14,12%, para 83.446 hectares. A segunda, plantada após a co-

Carlos Gonçalves Muniz em sua fazenda, em Campo Verde (MT)

lheita da soja, cresceu 3,68%, para 533.799 hectares.

Esperando mais algodão e estimulados por preços mais atrativos meses atrás, cotonicultores de Mato Grosso venderam, neste ano, uma parcela maior da produção em comparação com a safra 2015/2016. Segundo o Imea, eram 75,6% até julho; na mesma época em 2016, 61,4%.

Carlos Muniz contou que tinha 80% da produção vendida quando começou a colher a safra atual. Também antecipou quase metade do que vai plantar na próxima safra, fixando custos para 2017/2018. "O preço está mais baixo. Já esteve melhor", diz, informando ter fechado negócios a R$ 87 por arroba.

No dia 18 de julho, o boletim semanal do Imea sobre algodão reportou um preço médio de R$ 81,13 no Estado. No relatório divulgado em 16 de janeiro, apontara média de R$ 87,25 por arroba. A desvalorização no período foi de 7,01%.

Em Primavera do Leste (MT), os cooperados da Unicotton começaram a colher em junho com 60% da produção estimada já negociada, diz o gerente comercial Jaison Vavassori. A média histórica varia de 40% a 50%.

Na safra 2016/2017, os 76 associados plantaram 80.000 hectares, 5.000 a menos em relação à safra anterior, sendo 80% no primeiro ciclo. "Como vai ter produtividade maior e tem venda futura maior, já temos uma conta mais precisa, mesmo com as oscilações de preço e câmbio", diz Jaison.

A Unicotton iniciou as atividades como classificadora de algodão e completa 20 anos em 2018. Recebe e informa o padrão de qualidade de toda a produção de seus cooperados, além de prestar o serviço para terceiros. A meta para este ano era receber 900 mil amostras, mas o contratado até julho já estava em 930 mil. Até o fim do ano, deve chegar a 1 milhão.

De 2016 para cá, o laboratório foi ampliado e passou a ter capacidade para analisar até 1,5 milhão de amostras. "O mercado é enorme em Mato Grosso, há espaço para buscar mais clientes", diz o diretor executivo Adelar Antonio Dahmer.

Bahia retoma

Vice-líder do ranking nacional, a Bahia também deve aumentar a produção na safra 2016/2017, depois de pelos menos dois anos de problemas provocados pela estiagem. A colheita deve ser 29,1% superior, ou 798.100 toneladas, estima a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), amparada na maior produtividade em uma área 14,3% menor que a da safra 2015/2016, de 201.600 hectares.

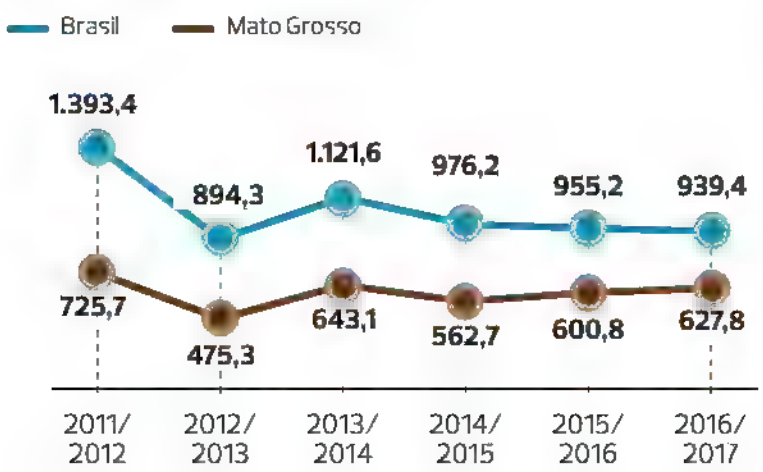
Liderada por mato-grossenses e baianos, a produção brasileira de algodão deve crescer 15,2% neste ano. A Conab espera 3,715 milhões de toneladas, resultando em 2,230 milhões de toneladas de caroço e 1,484 milhão de toneladas de pluma.

"A safra vai surpreender positivamente na produtividade e, apesar de termos plantado uma safra menor, devemos colher 20% mais", diz Arlindo Moura, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa). Até 21 de julho, a entidade contabilizava em torno de 30% colhidos.

A Abrapa estima um volume de pluma um pouco maior que a Conab, podendo chegar a 1,529 milhão de toneladas. O retorno da "normalidade climática" levou a uma recuperação da produtividade que compensa a área 4,06% menor na safra 2016/2017, de 925.000 hectares.

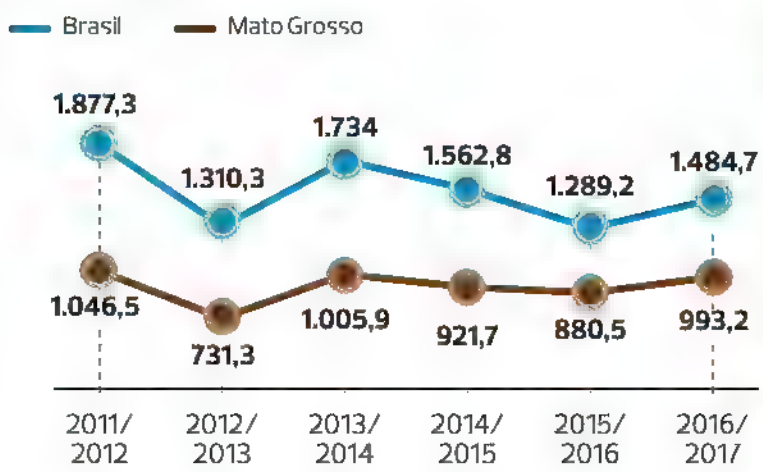
Na Bolsa de Nova York (ICE Futures), principal referência internacional para o preço futuro de algo-

Evolução da área plantada
(em mil hectares)



Fonte: Conab

Cresce a produção
(em mil toneladas)



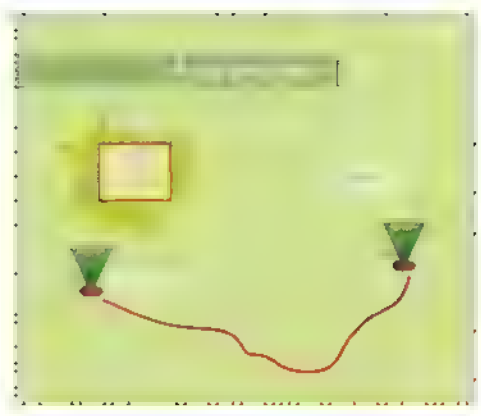
A ABRAPA PREVÊ CRESCIMENTO DE 17% NA ÁREA PLANTADA, PARA 1,102 MILHÃO DE HECTARES

dão, as cotações nos principais contratos registraram queda entre junho e julho. Miguel Faus, diretor da trading Omnicotton, atribui parte desse movimento a fundos de investimento que estavam comprados no mercado e liquidaram parte das posições.

Outra razão é a safra americana. Em relatório divulgado em julho, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) fez uma correção para baixo na expectativa de produção local no ciclo 2017/2018, de 4,180 milhões para 4,137 milhões de toneladas. Ainda assim, é mais que em 2016/2017, com 3,738 milhões de toneladas.

"O algodão americano está plantado e o mercado está olhando para o clima. Se houver alguma anormalidade climática, pode trazer uma volatilidade maior ao mercado", pondera Miguel.

Se o clima nos Estados Unidos mantiver padrões "normais", Miguel avalia que, pelo menos nos próximos meses, os preços devem variar entre US$ 0,68 e US$ 0,72 por libra. No Brasil, quem vendeu antes obteve preços melhores. Mas, ainda assim, ele acredita que, mantidos esses patamares, a safra deve ser rentável para o cotonicultor brasileiro.



É no que acredita também o diretor da Celeres Consultoria, Anderson Galvão. Para ele, a colheita da safra 2016/2017 vem sendo feita em uma situação e um mercado mais equilibrados. No entanto, baseado no cenário até o final de julho, a próxima safra deve ser de estabilidade na área plantada.

"A decisão de plantio do algodão vai até novembro. Até lá, muita coisa deve acontecer, e isso pode mudar. Tudo vai depender da habilidade do produtor de travar contratos", analisa Anderson, lembrando que a recente queda da taxa de câmbio "tirou um pouco do brilho do algodão no mercado".

A Abrapa está otimista para o próximo plantio, a partir de dezembro. A entidade estima que, até o dia 21 de julho, 40% já estavam vendidos por antecipação a preços considerados "atrativos" e que tendem a estimular o plantio maior.

"Quem vendeu antecipado tem a expectativa de um excelente resultado também para o ano que vem. Para este último ano e o próximo, os preços foram bem favoráveis. Por isso temos uma expectativa de crescimento de área plantada para o ano que vem", diz Arlindo Moura.

A Abrapa estima que a área a ser plantada pode chegar a 1,102 milhão de hectares, 17% maior. A produção da pluma pode superar 1,763 milhão de toneladas.

PREPARE-SE

PARA O LANÇAMENTO DO ANO.

De 22 a 25 de agosto, a Teston fará o lançamento oficial do maquinário que ficará conhecido como início de uma nova história para transbordamento de cana no Brasil.

Visite o estande dos Gigantes na Fenasucro, em Sertãozinho-SP, e se surpreenda.

LANÇAMENTO OFICIAL

FENASUCRO & AGROCANA

22 a 25 de agosto de 2017
Centro de Eventos Zanini
Sertãozinho - São Paulo - Brasil

A MARCA DOS GIGANTES

TESTON

www.teston.com.br

SANIDADE

Vacinar até quando?

Governo planeja suspender vacinação do gado contra a febre aftosa até 2021. Produtores querem antecipar prazo e a indústria ampliar

Texto **Sebastião Nascimento**

A pecuária brasileira vive um dilema em relação à imunização do rebanho contra a febre aftosa. O governo federal lançou, em abril, um plano que prevê o fim da vacinação a partir do primeiro semestre de 2019 até 2021. Os representantes dos produtores defendem mudanças no calendário para acelerar a retirada da vacina na maioria dos Estados até 2020, deixando apenas o Rio Grande do Sul para 2021. Já a indústria de medicamentos veterinários pede o adiamento da implantação da medida por dois anos, a partir de 2021, o que levaria à suspensão final da vacinação para 2023.

"Parar de vacinar é um dos objetivos do programa. No total, são 16 ações", informa Plínio Leite Lopes, chefe da divisão de febre aftosa do Ministério da Agricultura, um dos profissionais que detalharam o plano para o setor privado e a jornalistas na Sociedade Rural Brasileira, no mês passado, em São Paulo.

Consta também do plano, por exemplo, dar assistência aos países vizinhos no combate à aftosa.

Plínio fez questão de ressaltar que a proposta de eliminar a vacinação será implantada de forma compassada e baseada em análises. É que está acesa no país a discussão sobre colocar ou não um fim à vacinação para que o Brasil possa alcançar o ambicionado status de zona livre de aftosa sem vacinação no ano de 2022, conforme estabelecido no plano.

A proposta do governo prevê o fim da vacinação em todo o país no primeiro semestre de 2021. A retirada seria iniciada nos Estados do Acre e Rondônia, no primeiro semestre de 2019. Terminaria no Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2021.

Presidente do Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC), Sebastião Costa Guedes acha "muito bom o plano do governo". Solicita, no entanto, uma mudança: "Achamos viável antecipar o fim da vacinação. Em alguns Estados, ganhar um semestre. Caso do Amazonas, Roraima, Amapá e Pará, por exemplo, que pedimos a antecipação para o segundo semestre de 2019 e o Mapa prevê para o primeiro semestre de 2020".

Já para o grupo formado por Bahia, Sergipe, Tocan-

© TONINHO TAVARES/AGÊNCIA BRASIL

tins, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Paraná, que o governo marcou para o primeiro semestre de 2021, o CNPC julga ser possível deixar de vacinar no primeiro semestre de 2020.

Sebastião destaca que a posição da entidade é a de sempre: parar de vacinar. "O medo é o maior inimigo nosso. O Brasil está preparado para deixar de lado a vacinação", diz. Os focos de febre aftosa ocorridos na Colômbia em abril e junho não atemorizam o CNPC. "A fiscalização sanitária brasileira – que era deficiente – melhorou bastante nos últimos anos", diz Sebastião. "No caso da Colômbia, os focos estão entre 600 e 700 quilômetros da fronteira com o Brasil."

Emílio Salani, vice-presidente do Sindicato da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), não concorda. Diz que o vírus da aftosa se propaga facilmente. "É uma doença altamente contagiosa. A roda do automóvel, o trânsito de animais e até o vento transmitem o vírus." Segundo ele, a distância de localização da doença não impede o contágio.

Emílio adianta que o Sindan não é e nunca será contra a retirada da vacinação do rebanho. "O plano do governo é maravilhoso. O que o Sindan sugere é que, em vez de retirar a vacinação a partir de 2019, a data seja esticada para dois anos depois, ou seja, 2021", afirma. Assim, continua, haveria tempo para o envolvimento de todos e para a necessária preparação.

A participação de todos também é solicitada por Pedro de Camargo Neto, pecuarista e vice-presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB). "O plano, porém, veio de cima para baixo. Tem de ter participação do pecuarista, dos veterinários e de outros elos da cadeia produtiva", diz. Pedro observa que, antes de parar de vacinar, é necessário comprovar a solidez da vigilância sanitária, pois o vírus é de fácil propagação. O pecuarista diz ainda que quer receber maiores informações por meio de auditorias antes de tomar uma posição definitiva sobre a paralização.

"O produtor vacina o gado para um dia parar." Pedro acredita que o problema com os EUA ocorreu por conta da vacina. O país embargou a carne brasileira em junho alegando a presença de abscessos, causados pela aplicação incorreta da vacina.

Diretor da Scot Consultoria, Alcides Torres é contrário ao fim da vacinação. "Apesar de nosso esforço, parar de vacinar é um risco muito alto.

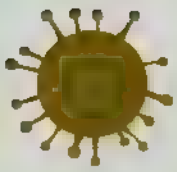
Guilherme Marques, diretor do Departamento de Saúde Animal do Mapa, destaca que a qualidade do serviço de inspeção animal do Brasil foi reconhecida pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) em auditorias feitas nos anos de 2007 e 2014. É a OIE a encarregada de decidir se um determinado país pode ou não ser declarado livre com ou sem vacinação.

Guilherme afirma também que o índice de reação aos componentes da vacina é baixo. "Só no Brasil, vacinamos mais de 200 milhões de cabeças e o número de reações é extremamente pequeno."

Para vacinar o rebanho, os pecuaristas gastam mais de R$ 1 bilhão por ano, considerando o preço da vacina e os custos do deslocamento dos animais dos pastos para os bretes, pelos cálculos do CNPC. O Sindan estima em R$ 400 milhões o faturamento anual com as vendas de vacinas.

Saiba mais sobre a doença

O QUE É?
A febre aftosa é uma enfermidade altamente contagiosa que ataca todos os animais de casco fendido (bovinos, suínos, ovinos e caprinos)



O VÍRUS
Não há transmissores, o vírus é veiculado por ar, água e alimentos, apesar de ser sensível ao calor e à luz

SINTOMAS
Feridas na boca e nos cascos, elevação de temperatura, dificuldade de alimentação e locomoção e salivação intensa são sintomas característicos

PREVENÇÃO
No Brasil, é aconselhável a vacinação periódica dos rebanhos, assim como a vacinação de bovinos antes de viagens. Geralmente, a vacina é aplicada de 6 em 6 meses a partir dos 3 meses

O mapa da aftosa no Brasil

A urgência das reformas

De tempos em tempos, o Brasil depara com uma grande encruzilhada. Praticamente desde o fim do Império passamos por inúmeros percalços econômicos, solavancos institucionais, revoltas armadas e instabilidades políticas de toda natureza.

E ao longo do século XX, até chegarmos aos dias de hoje, quando, novamente, estamos diante de um impasse colossal: ou promovemos as difíceis, inevitáveis e, sobretudo, fundamentais reformas estruturais atualmente em discussão no Legislativo, ou continuaremos fadados a ser um país marcado por um interminável "stop and go".

© 1

Independentemente das condições para concretizar tais reformas, sair dessa armadilha exige coragem e comprometimento com um horizonte histórico que transcenda, ou deveria transcender, os interesses imediatos de uma geração.

Exemplos de países que colocaram suas prioridades acima de eventos momentâneos não faltam. Um deles é a Coreia do Sul, que, num espaço de 60 anos, deixou para trás uma condição muito semelhante à existente no Brasil na mesma época para uma posição de destaque no cenário mundial atual, com uma renda *per capita*, em 2015, de US$ 36.511, contra US$ 15.615 dos brasileiros. E não que a Coreia do Sul não tenha enfrentado crises tão agudas quanto as nossas. Pelo contrário, viveu até uma guerra que dividiu o país.

Exemplos extremos como o da Coreia do Sul deveriam nos inspirar a encarar com coragem nossos desafios. Nesse sentido, nós da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) temos pautado o Congresso Brasileiro do Agronegócio, que promovemos anualmente desde 2002, sobre assuntos que julgamos relevantes para o debate de ideias que auxiliem o país na tomada de decisões.

Nas últimas edições do evento, tratamos de questões ligadas à sustentabilidade, à produtividade, à tecnologia e à competitividade no agro. Todos esses são tópicos relacionados diretamente com a gestão interna das diferentes cadeias do agro, mas também nos debruçamos sobre problemas estruturais, como o do nó logístico. Agora, na edição deste ano, decidimos focar, mais especificamente, no chamado custo Brasil e, portanto, colocamos em evidência o debate sobre as reformas fundamentais, especialmente a trabalhista e a tributária.

Nosso entendimento é que as alterações propostas para as duas áreas são decisivas para aumentar a competitividade da cadeia do agronegócio e também da economia de maneira geral. Além disso, em virtude de o Brasil ser hoje um grande fornecedor de commodities agrícolas para o mundo, reservamos a última parte dos debates para tratar da questão da geopolítica e sua interferência sobre o comércio internacional – nisso está incluída uma boa dose de protecionismo.

Há um consenso de que o mundo contemporâneo convive hoje com uma considerável reconfiguração da ordem internacional. Ao que tudo indica, os contornos geoestratégicos do século XXI tomarão outros formatos nos próximos anos. Para que o Brasil não seja surpreendido, é necessário analisar com zelo todo esse cenário. Entendemos que não há mais espaço para países com poucos acordos bilaterais, mas, ao mesmo tempo, nota-se uma onda mais voltada para medidas protecionistas, que tendem a dificultar as transações comerciais.

Acrescente-se a esse quadro a crise no processo de integração na Europa, o surto migratório descontrolado para aquele continente, os atentados terroristas cada vez mais frequentes e Donald Trump. Todos esses são fatores que estarão em discussão por especialistas durante nosso congresso.

© 2

LUIZ CARLOS CORREA CARVALHO
é presidente da Associação Brasileira do Agronegocio (Abag)

© 1 TH NKSTOCK 2 CLEIBY TREVISAN / EDITORA GLOBO

AMARGOU
PÉSSIMOS
RESULTADOS?
VÁ DE PROFIT®
O MELHOR PARA GRAMÍNEAS
DE DIFÍCIL CONTROLE.
• Aplicação em pré-emergência da soja
• Eficiente no controle em pré-emergência
e pós inicial de plantas resistentes
• Ótimo residual e amplo espectro de controle
PROFIT
Livre-se da matocompetição
ANDEF
ATENÇÃO
CONSULTE SEMPRE
UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO
FMC

O que a nova lei do trabalho muda no campo

A terceirização e o contrato de trabalho intermitente são algumas das novidades

Texto **Luiz Antonio Cintra**

Apresentadas pelo governo Temer como o caminho para a recuperação do emprego, as novas regras trabalhistas entrarão em vigor em 1º de novembro. Com viés liberalizante, o Projeto de Lei 6.787/16 aprovado pelo Congresso traz muitas novidades às relações trabalhistas no país. O espírito da lei é dar maior peso às negociações diretas entre trabalhadores e empresários.

Os representantes dos produtores e especialistas destacam as mudanças que mais impactam as relações no campo, como a questão das horas *in itinere*. Pela nova lei, o período de deslocamento à frente de trabalho e de retorno, em transporte oferecido pela fazenda ou empresa agropecuária, quando não há transporte público, não será mais contabilizado como jornada de trabalho. Outros pontos importantes são o contrato de trabalho intermitente, para safristas; a possibilidade de ampliar a jornada para até 12 horas (com 36 horas de descanso); e a remuneração por produção, regra que permite ao empregador pagar abaixo do valor do piso salarial vigente, desde que acordado entre as partes.

O advogado trabalhista Cleber Venditti da Silva, do escritório Mattos Filho, chama a atenção para o impacto no campo da nova regra sobre o trabalho intermitente. "Na pulverização da lavoura, pode-se contratar apenas no período necessário com o contrato intermitente, por horas e dias, incluídos férias e 13º proporcionais", diz Cleber. "Essa modalidade também pode ser usada no pagamento

SERGIO RANALLI/ED GLOBO

dos safristas", afirma. "Tramita no Congresso outro projeto de lei, específico para o trabalho rural, mas, enquanto ele não é aprovado, a CLT também pode funcionar como referência para o trabalho rural", diz o advogado.

A remuneração por produção abre a possibilidade de reduzir o custo da mão de obra, uma vez que não incide Imposto de Renda, ao menos pelo que diz a nova lei. Diferentemente de um bônus, esse prêmio não reflete no total tributável. O advogado, contudo, faz o alerta: "É uma lei nova, não sabemos como o Fisco vai reagir a essa não taxação, precisamos aguardar, é tudo ainda muito preliminar".

A lei aprovada também reescreveu a legislação sobre a terceirização, aprovada em março passado. O novo texto deixou claro que agora é possível terceirizar inclusive as atividades-fim. No caso de uma usina, por exemplo, a nova legislação, em tese, reduziria a insegurança jurídica. "Já houve muita discussão na Justiça sobre a possibilidade de terceirizar as atividades de corte de cana ou de plantio, por exemplo. Agora, essa discussão perde o sentido, pois a lei é específica", diz Cleber.

À frente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), o produtor Marcelo Vieira também se entusiasma com a nova legislação. "Ela simplifica e torna mais racional a lei, com itens importantes como o que diz que se pode negociar tudo, acima da CLT e dos acordos coletivos, o que dá bastante flexibilidade", afirma Marcelo. "Racionaliza muitos detalhes, como a regulação do horário de trabalho, dos intervalos, tempo parcial, férias fracionadas. São mecanismos que facilitam a negociação com as equipes", afirma.

O presidente da SRB ainda destaca a criação das demissões de comum acordo, a regulamentação da terceirização e o teto para as demandas judiciais trabalhistas como pontos favoráveis aos produtores rurais.

A nova legislação também aumentou os custos para quem decide entrar com um processo trabalhista, assim como ampliou as exigências para os litigantes. Entre sindicatos e representantes dos trabalhadores, a reação ao aprovado pelo Congresso segue em outra direção.

No Ministério Público do Trabalho, também são muitas as críticas às novas leis trabalhistas, que não se restringem ao PL 6.787/16. O promotor Maurício Ferreira Brito menciona ainda o projeto de lei relativo às terceirizações e o projeto, em fase inicial de tramitação, que modifica especificamente as mudanças no trabalho rural. "A posição institucional do MPT é de que todos esses projetos são muito ruins para o trabalhador. Com algumas ressalvas pontuais, de modo geral, são medidas regressivas, que vão minimizar a renda do trabalhador, com efeitos negativos para a economia como um todo", diz Maurício.

Ex-ministro da Justiça e ex-presidente do Tribunal Superior do Trabalho (TST), o advogado Almir Pazzianotto considera que será preciso esperar até novembro, quando entrarão em vigor, para saber como as mudanças serão vistas pelos juízes.

"A lei aprovada não é autônoma, terá de ser incluída na CLT, quando verificaremos as aplicações práticas. Receio que surjam muitos atritos", afirma Almir.

Para o ex-ministro, a nova lei também não altera vários princípios da CLT, como a presunção de que o empregado é relativamente incapaz ou pode ser obrigado a aceitar determinadas regras por falta de opção. E não altera o fato de que o que vale são as condições objetivas de trabalho.

"Os juízes vão determinar a solução desses conflitos", afirma Almir Pazzianotto.

Destaques das novas regras

TRABALHO INTERMITENTE
Os trabalhadores serão remunerados pelo período de realização das tarefas, com base no contrato intermitente, por horas e dias, incluídos férias e 13º proporcionais.

JORNADA DE TRABALHO
A jornada poderá chegar a 12 horas diárias. Neste caso, porém, os trabalhadores terão direito, em seguida ,a 36 horas de descanso.

INTERVALO PARA ALMOÇO
O intervalo entre os períodos, para a hora do almoço, por exemplo, poderá ser de até meia hora.

O NEGOCIADO E O LEGISLADO
Aumenta o número de itens cujo acordo entre as partes prevalecerá. Essas negociações podem incluir a extensão das jornadas ou o tamanho do intervalo para almoço.

REMUNERAÇÃO POR PRODUÇÃO
Pela nova regra, os empregadores poderão pagar abaixo do piso salarial da região, quando for remuneração por produção, desde que acordado entre as partes.

FÉRIAS FRACIONADAS
Hoje, a lei permite dividir as férias em dois períodos. A nova legislação autoriza a divisão em até três períodos, sendo que um deles precisa ter no mínimo 14 dias.

BANCO DE HORAS
A nova legislação prevê a criação dos bancos de horas individuais para a compensação das horas extras.

HORAS *IN ITINERE*
Tempo de deslocamento em veículo fornecido pelo empregador para locais de difícil acesso ou não servidos de transporte público não será contabilizado como jornada de trabalho.

*** Projeto de Lei 6.787/16

A engenharia do rúmen

Os ruminantes – por excelência os bovinos da nossa lida diária – são uma criação prodigiosa da natureza. O rúmen é uma grande câmara de fermentação que proporciona um ambiente anaeróbico com temperatura e pH constantes, povoado com uma microbiota complexa composta por bactérias, protozoários, fungos, dentre outros.

Essa microbiota vive em simbiose perfeita nos ruminantes. Os ruminantes foram criados originalmente para pastar, comer capim. São mestres na arte de digerir capim e fibras, graças ao seu engenhoso processo de ruminação. Mas o mundo mudou, e aceleramos o processo fazendo com que os bovinos passassem a ingerir grãos, muitos grãos. Que o digam as vacas leiteiras de alta produção.

Bois não saíam por aí comendo plantações de milho ou soja. Fomos nós que levamos os grãos até eles. Mas a adaptação milenar dos ruminantes ao seu estilo de alimentação requer cuidados. Eles reagem mal a mudanças de dietas e precisam de um processo relativamente lento para se adaptarem.

Mudanças ruminais iniciam severas mudanças sistêmicas: aumento dos ácidos orgânicos, principalmente o ácido lático, redução do pH e da motilidade do rúmen. Uma mudança abrupta de uma dieta constituída por volumosos para outra com alta inclusão de concentrados pode levar à manifestação de acidose aguda ou subaguda, todas ligadas à redução de ingestão de matéria seca pelos animais.

Basicamente, ao ingerir concentrados, os bovinos fazem uma injeção de glicose no rúmen. Isso provoca o aumento de todas as bactérias do rúmen, incluindo aquelas que produzem ácido lático, baixando o pH. Se o pH do rúmen se mantiver constante, ao redor de 6,5, a microbiota se equilibra e o processo segue normal. Contudo, se o pH continua caindo, bactérias do gênero *Lactobacillus* se proliferam e seguem produzindo mais ácido lático, em um circulo vicioso. Quando o pH ruminal cai abaixo de 5,2, o crescimento de bactérias *Streptococcus bovis* é inibido, mas as bactérias do gênero *Lactobacillus* seguem proliferando e continuam produzindo mais ácido lático.

Por outro lado, ocorre uma redução no número dos microrganismos consumidores de ácido lático (*Megasphera elsdenii* e *Selenomonas ruminantium*), causando um acúmulo ruminal do mesmo. Essas mudanças estabelecem condições para a penetração de determinadas bactérias (*Fusobacterium necrophorum*) através da parede ruminal, as quais chegam ao fígado, podendo causar abscessos. Desse modo, a eficiência hepática é prejudicada, levando a uma queda de desempenho do animal. Quadros mais graves levam a aumento da pressão osmótica ruminal, diminuição do volume extracelular, resultando em desidratação, batimentos cardíacos inconstantes, diminuição da circulação sanguínea periférica, redução do fluxo de sangue para os rins, choque e morte.

Por isso, o período de adaptação a novas dietas tem como principais objetivos melhorar os processos benéficos, minimizar, deletar ou alterar os processos ineficientes e minimizar, deletar ou alterar os processos prejudiciais para o animal hospedeiro, no caso nosso boi. A transição de dietas, via de regra, deve ser feita em um período ao redor de 14 dias, oferecendo aos animais dietas múltiplas diárias, nas quais o volumoso dá lugar gradualmente ao concentrado. É o tempo que o rúmen precisa para se repovoar das bactérias adequadas ao novo manejo.

LUIZ JOSAHKIAN é zootecnista especialista em produção de ruminantes e professor de melhoramento genetico, alem de superintendente tecnico da Associacão Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ)

Preparado com os Melhores temperos

FAÇA SUA INSCRIÇÃO e participe desse delicioso momento recheado de **INFORMAÇÕES** e descubra com os principais Chefs, os segredos para transformar os **DESAFIOS** do

ENCONTRO DOS

ENCONTROS

A LA SCOT CONSULTORIA

2 a 6 de outubro

NO **CENTRO DE EVENTOS** DO

RIBEIRÃO SHOPPING

RIBEIRÃO PRETO/SP

ENCONTROS.SCOTCONSULTORIA.COM.BR MAIS INFORMAÇÕES: 17 3343 5111

REALIZAÇÃO: SCOT CONSULTORIA

ESPECIAL

caminhos da safra

O gargalo argentino

As precárias condições de acesso ao porto comprometem parte da vantagem da proximidade da produção e do processamento

Texto **Marina Guimarães** e **Luciana Taddeo** * Fotos **Ariel Mendieta**, de Rosário (Argentina)

Fila de caminhões para descarregar no Porto de Rosario

Entre poças d'água, caminhões de carga transitam em baixa velocidade pelo pavimento de cascalho. Embora a garoa seja intermitente, não é difícil prever a dificuldade, em dias de maior precipitação, para percorrer somente 9 quilômetros da rua que dá acesso a uma das plantas esmagadoras com maior capacidade da Argentina, localizada em Timbúes, no núcleo portuário de Rosário, o principal do país, composto por 29 terminais, distribuídos em cerca 70 quilômetros às margens do Rio Paraná.

A precariedade do caminho contrasta com a capacidade de processamento nas esmagadoras, como a da Renova, uma joint venture das firmas Vicentin e Glencore que pode processar até 20.000 toneladas de soja por dia e investe para aumentar em 50% a capacidade. Essa é uma das 48 plantas de processamento do país e o complexo de Rosário, na província de Santa Fé, conta com 20 delas. As fábricas dessa área são responsáveis por nada menos que 78% da capacidade nacional, estimada em 202.800 toneladas diárias. A Bolsa de Comércio de Rosário (BCR) estima que apenas cerca de 30% da capacidade instalada está ociosa.

Grandes congestionamentos nas estradas que levam a Rosário são cenas comuns na época de colheita, de janeiro a junho, com o pico entre março e maio. As vias que levam às instalações se congestionam com a quantidade de caminhões, o que se reflete em filas duplas nas rodovias. "Cada vez que chega a época da colheita, todos os acessos aos portos ficam congestionados. É uma reação em cadeia", diz o presidente da BCR, Alberto Padoán, que tambem é diretor da Vicentin.

Um relatório do Banco Mundial apontou que o congestionamento provoca um custo adicional no frete estimado em US$ 8,10 por tonelada. Durante a colheita de soja, até 14 mil caminhões chegam diariamente a Rosário e levam até 30 horas para descarregar. A espera deriva de carências na infraestrutura viária e de uma capacidade de descarga portuária insuficiente.

Especialistas apontam os gargalos na exportação. A soma de rodovias e estradas rurais em mal estado com a falta de trens e ferrovias, além do baixo desenvolvimento do transporte fluvial, dificulta o escoamento. Somente 2.800 quilômetros de autopis-

tas estão bem conservados. A situação é paradoxal frente ao objetivo do presidente Mauricio Macri de mudar a imagem da Argentina de celeiro para um potente motor agroindustrial.

Volumes

Em 2016, a Argentina exportou 87,8 milhões de toneladas de cereais, soja e seus derivados. Cerca de 67,7 milhões deste volume, ou 77%, foi embarcado na Grande Rosário, que é o terceiro maior conglomerado urbano do país, atrás de Buenos Aires e Córdoba.

O segundo complexo portuário mais utilizado foi o de Bahía Blanca, de onde saíram cerca de 10 milhões de toneladas, seguido pelo de Quequén, com 7,1 milhões de toneladas, representando 11% e 8% dos embarques, respectivamente. O restante foi embarcado pelos portos de Zárate, Ramallo, Villa Constitución-San Nicolás.

A BCR estima que, em 2016, o complexo portuário de Rosário recebeu 2 milhões dos 2,6 milhões de caminhões e 194.700 dos 258.700 vagões que ingressaram nos terminais portuários do país. A região também recebeu cerca de 3 mil barcaças, além de 2.100 navios oceânicos dos 2.900 que passaram pelo sistema portuário.

Alfredo Sesé, secretário técnico de transporte e infraestrutura da BCR, observa que o maior problema "é o desequilíbrio da matriz de transporte a favor do uso do caminhão". Os entraves podem acentuar na medida em que a Argentina aumente sua safra. A ausência de políticas oficiais e um crescente desinteresse estimulado pela comodidade de ter uma produção muito concentrada nas proximidades dos portos favorecem o uso do caminhão.

Fretes

Nos custos agrícolas, o frete é um dos fatores que mais incidem na diminuição das margens do agricultor. Levar a produção de fora do núcleo de Rosário até seu complexo agroportuário implica em um aumento entre 30% e 40% no custo do transporte em lavouras mais distantes, em um raio entre 700 e 1.150 quilômetros.

Uma pesquisa realizada pelos especialistas Julio Calzada e Emilce Terré, do departamento de investigações econômicas da BCR, estimou que a cadeia de cereais e oleaginosas argentina gasta US$ 4 bilhões anuais com frete de caminhão, o equivalente a 1% do PIB do país de 2016. Os cálculos foram feitos sobre a base de uma estimativa de colheita total de 126 milhões de toneladas, das quais 105 milhões de toneladas são transportadas em caminhões dos campos às indústrias, aos portos e para o mercado interno. Outros 11 milhões de toneladas são transportadas por ferrovias e apenas 200.000 toneladas viajam em barcaças.

Conforme o estudo, baseado em números do Ministério da Agricultura, fontes próprias e outras oficiais, cerca de 8,7 milhões de toneladas chegam por caminhões do norte da Argentina para a região central (portos da Grande Rosário, indústrias e consumo em geral). A essa carga foi aplicado um custo estimado de US$ 65 por tonelada. Para o resto da mercadoria que chega aos portos da Grande Rosário, Bahía Blanca, Quequén e outros, o valor do frete para uma distância média de 320 quilômetros é de US$ 35 por tonelada.

Pelo terceiro ano consecutivo, a pesquisa apontou que é mais caro transportar por 1.000 quilômetros grãos do norte da Argentina para os terminais portuários da Grande Rosário do que enviá-los deste complexo para os portos da China, a mais de 20.000 quilômetros de distância. Um exemplo de comparação é o traslado de uma mercadoria de Joaquín V. Gonzalez, em Salta, até os portos de Rosário, percorrendo 1.150 quilômetros, com custo unitário de US$ 65 por tonelada por quilômetro. Enquanto isso, o frete marítimo a partir de terminais da Grande Rosário aos portos asiáticos, por exemplo, em Xangai, na China, custa US$ 39 por tonelada por quilômetro.

Um estudo da BCR comparando os fretes com os dois principais países concorrentes na exportação de grãos e oleaginosas mostrou que o frete de caminhão da Argentina é 70% mais caro que o dos EUA e 76% mais caro que o brasileiro para distâncias equivalentes *(confira no quadro ao lado)*. Vale observar que, ao contrário da Argentina, mais da metade da produção brasileira de grãos está bem distante dos portos.

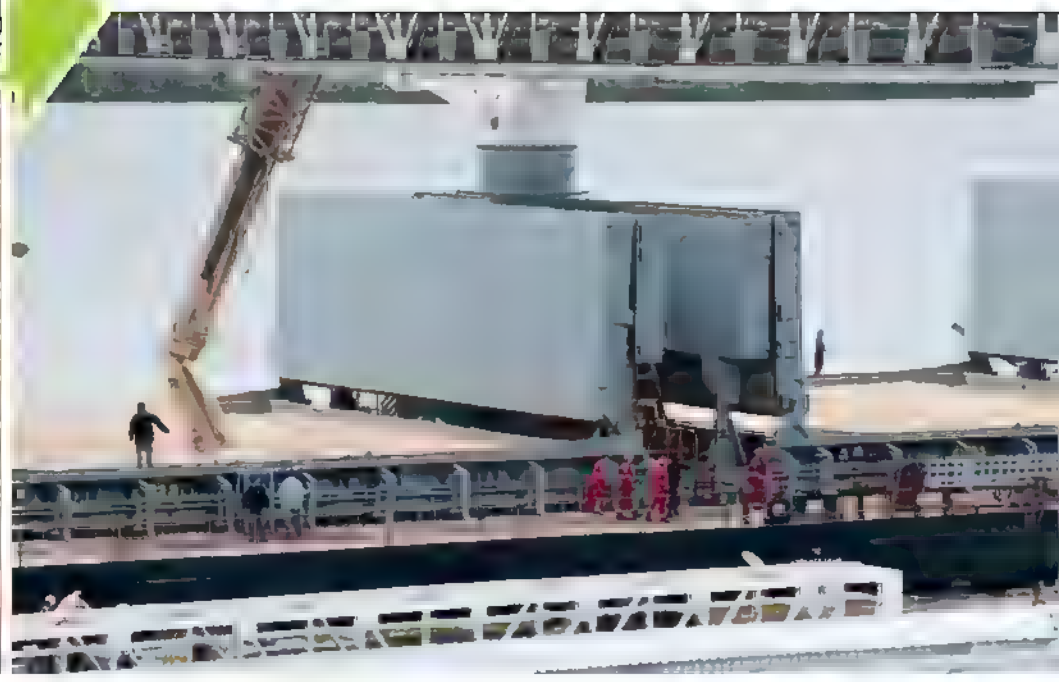
A principal vantagem do complexo portuário de Rosário, além de concentrar o processamento da soja, é justamente a proximidade com a principal zona produtora argentina, o Pampa Úmido. Em um raio de 300 quilômetros, concentram-se 46% da produção de grãos e outros cultivos do país, passando pelas províncias de Santa Fé,

ALBERTO PALCAN, presidente da Bolsa de Comércio de Rosário (BCR)

ANIBAL IVANCICH, presidente da Maizar, associação de representantes da cadeia do milho

ESPECIAL

caminhos da safra



DA SAFRA DE 126 MILHÕES DE TONELADAS, 105 MILHÕES SÃO TRANSPORTADAS POR CAMINHÕES

Acima, lavoura e embarque de farelo de soja na região de Rosário

Córdoba, Buenos Aires e Entre Ríos. Outra facilidade natural é a barranca elevada do Rio Paraná, que facilita os carregamentos a granel.

"Esse sistema argentino é líder no mundo e funciona. Mas estamos trabalhando em condições desfavoráveis, como a elevada inflação e a pesada carga tributária.", disse o economista chefe do Instituto de Estudos Econômicos e Negociações Internacionais da Sociedade Rural Argentina (Ieeyni-SRA), Ezequiel de Freijo. Na opinião dele, "quando o governo deixar o ritmo de gradualismo nas reformas e promover os ajustes necessários, o modelo agroexportador da Argentina será muito mais eficiente e difícil de ser vencido por outro país, mesmo o Brasil, apesar de seu tamanho".

O analista da consultoria Agritrend, Gustavo López, concorda. Para ele, o Brasil tem dificuldades não só de logística, mas em sua estratégia de vendas. "O consumo interno do Brasil de óleo e farelo de soja é muito elevado e tem um comprador forte da soja em grãos, que é a China, o que lhe dá comodidade. E, por isso, tem uma lógica de negócios de valor agregado voltada para o mercado interno e de matéria-prima destinada à China", detalhou. A Argentina desenvolveu sua lógica para exportar valor agregado, já que o consumo interno é menor do que sua capacidade de produção.

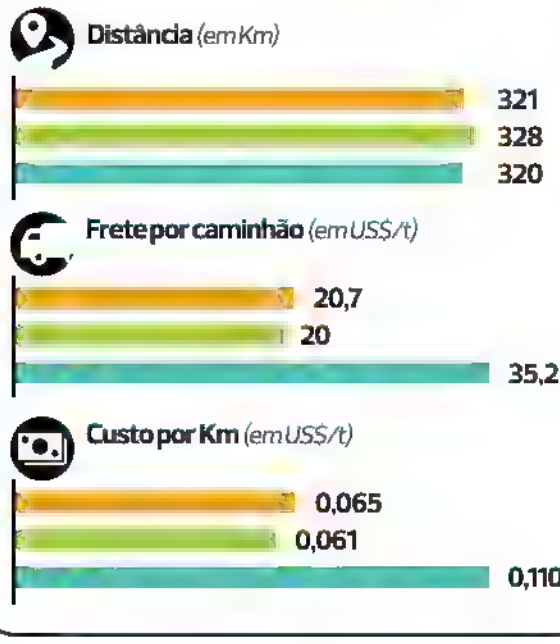
A intenção do governo Macri é reforçar esse modelo e melhorá-lo com obras de infraestrutura. Afinal, exportar a mercadoria com valor agregado amplia a entrada de divisas, gera empregos e atrai investimentos. "Se o país tem como motor da economia o setor agropecuário, o setor agroindustrial não é menos que um turbo. Temos de gerar maior valor agregado", diz Alberto Padoán, em sintonia com o discurso oficial.

O governo anunciou o projeto denominado Belgrano, que, entre outros objetivos, prevê, até 2019, investimentos do Estado e das plantas industriais instaladas nos terminais para melhorar 1.600 quilômetros da linha ferroviária que passa por seis províncias do norte (Jujuy, Salta, Tucumán, Chaco, Santiago del Estero e Santa Fé).

ALBERTO SESE,
secretario técnico de transporte e infraestrutura da BCR

Comparativo do frete entre Estados Unidos, Brasil e Argentina

- **Estados Unidos**: centro-sul – Golfo do México
- **Brasil**: Guarapuava – Paranaguá
- **Argentina**: General Deheza – Rosario



NOSSOS TRATORES VIERAM DA TERRA DA TECNOLOGIA PARA TRABALHAR NA TERRA DA PRODUTIVIDADE: A SUA.

A LS Tractor é uma divisão da LS Mtron, uma das maiores grupos empresariais da Coreia do Sul. Há quatro anos, chegamos ao Brasil e começamos a escrever nossa história por aqui.

- Estamos presentes nas principais **regiões agrícolas do país**, com aproximadamente **50 pontos de venda**.
- Nossos tratores **são adaptados** às características da agricultura e do clima tropical.
- Os tratores LS Tractor são mais **seguros, versáteis e econômicos**, contribuindo para o aumento da produção.
- Contamos com a **satisfação de milhares de clientes** no Brasil.

VENHA CRESCER COM A GENTE.

Para saber mais, acesse lstractor.com.br

LS Tractor

Valor da terra nua para cálculo do ITR exige atenção

VIVIANE CASTILHO
é advogada responsavel pela área de direito fundiario da Guedes Nunes, Oliveira e Roquim – Sociedade de Advogados

Todos os proprietários ou possuidores de imóvel rural estão sujeitos ao recolhimento do imposto territorial rural (ITR) e são obrigados a apresentar declaração à Receita Federal do Brasil entre os meses de agosto e setembro de cada ano.

Através dessa declaração, a Receita recebe informações das características do imóvel rural, tais como as áreas de Reserva Legal (RL), de Preservação Permanente (APP), uso restrito, servidão e dados de ocupação e exploração. E ainda o valor do hectare da terra nua e das benfeitorias que servem como base para o cálculo do ITR.

Por força de lei, desde 2008, a Receita vem firmando convênios com as prefeituras a fim de transferir aos municípios a competência para fiscalizar e autuar os proprietários e possuidores de imóveis rurais que apresentarem dados divergentes da realidade do imóvel e que resultem em recolhimento de ITR inferior ao valor devido. O estímulo das prefeituras em atuar com mais rigor na fiscalização é o repasse de 100% da arrecadação aos cofres do município.

A Receita também transferiu para as prefeituras a competência para fixar o valor do hectare de terra nua dos imóveis rurais, por meio de decretos.

Uma das justificativas para a criação do convênio é a falta de condições da Receita para fiscalizar e fixar os valores de terras em milhares de municípios com grandes diferenças agronômicas.

Ante a expectativa de ampliar a arrecadação, a adesão ao convênio se deu em massa e centenas de prefeituras passaram a publicar decretos anuais de valor de hectare de terra nua. Isso gerou um problema porque, em muitos casos, o valor do hectare praticamente dobrou em determinados casos, sem metodologia ou embasamento técnico. Há um certo abuso por parte dos municípios, visando aumentar a arrecadação.

Atualmente, a Região Centro-Oeste é a que apresenta o maior número de municípios conveniados. Do total de 466 municípios, 406, ou seja, 87,3%, aderiram ao convênio com a Receita e se apararelharam para fiscalizar o correto recolhimento do ITR. A Região Nordeste, com menor adesão, tem um total de 206 municípios conveniados, ou seja, 11,5%. O Estado de Mato Grosso tem 100% de adesão de seus municípios.

O aumento da fiscalização e, consequentemente, da receita municipal em função da arrecadação do ITR já é uma realidade. Os produtores rurais devem ter especial atenção à publicação de decretos que fixam o valor da terra nua em seus municípios para ajustarem suas declarações de ITR e, eventualmente, questionarem os valores arbitrados pelas prefeituras.

Isso porque, caso o município constate a declaração de valor de terra nua inferior ao decretado, com consequente recolhimento a menor do ITR, a prefeitura irá autuar o proprietário ou possuidor, que terá de justificar o valor declarado e o ITR recolhido. A revisão dos valores e o recolhimento complementar poderão ser relativos aos últimos cinco anos.

Diante da situação atual, devem os proprietários e possuidores confrontar os dados informados a título de valor de terra nua nas declarações de ITR dos últimos cinco anos, com eventuais decretos publicados pelo município de localização do imóvel, a fim de diagnosticar eventuais passivos e definir uma estratégia de regularização.

Colaboração de Luiz Ernesto de Oliveira, sócio da Guedes Nunes, Oliveira e Roquim – Sociedade de Advogados

© MACROVECTOR/TH NKSTOCK

anauger

Bombear Água com Sol?!

É POSSÍVEL COM O SISTEMA ANAUGER SOLAR!

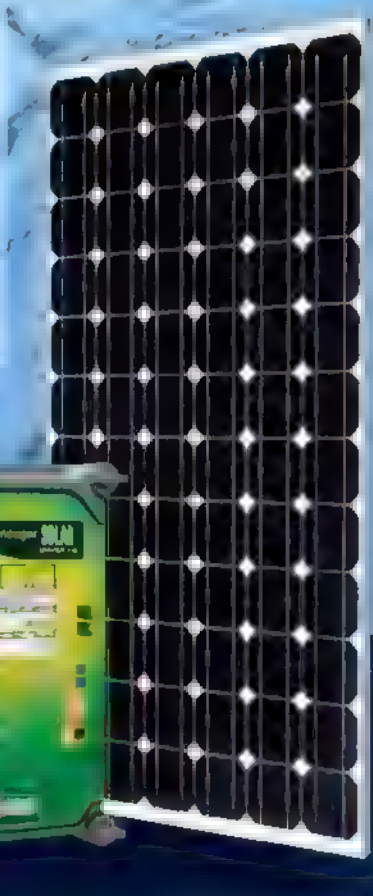
SUSTENTABILIDADE

ECONOMIA

INOVAÇÃO

A energia elétrica captada pelo **módulo solar** é levada à **bomba** através do **Driver** de forma eficiente, proporcionando maiores vazões com baixa potência e um bombeamento independente das flutuações do nível de radiação solar.

As bombas operam em dias nublados sem o uso de baterias. Sempre haverá água enquanto houver luz do dia!



Viabiliza o processo de captação de água onde não há acesso à energia elétrica.

*Condições climáticas interferem na vazão da bomba.

Conheça a linha completa de bombas anauger

- Alta tecnologia e qualidade
- Líder de mercado no segmento
- Reconhecimento no fornecimento de água
- Bombas submersas vibratórias diferenciadas
- Baixo custo de manutenção
- Simplicidade de instalação
- Assistência técnica nacional
- Excelente relação custo X benefício

Anauger: você conhece, você confia!

Fone: (11) 4591-1661 • www.anauger.com.br • bombas@anauger.com.br

4º PRÊMIO
FAZENDA SUSTENTÁVEL
SOCIAL + AMBIENTAL + ECONÔMICO

Lucro com a preservação

Especialistas em sustentabilidade da Fundação Espaço ECO mostram como os serviços ecossistêmicos podem valorizar a atividade agropecuária

O Brasil é detentor de uma biodiversidade que, segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA), representa 20% das espécies existentes e inclui a maior reserva de água doce e a maior floresta tropical do mundo. E, mesmo possuindo clima e solos bons para a atividade agrícola em toda a sua extensão, o país possui hoje, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 60% do seu território coberto por vegetações nativas, em todos os biomas, e aproximadamente 53% dessas áreas estão em propriedades rurais.

A atividade agrícola vem desempenhando um papel importante nisso e, portanto, merece reconhecimento. As fazendas são protagonistas na conservação da biodiversidade e na manutenção dos serviços ecossistêmicos, que são os benefícios obtidos da natureza para o bem-estar da sociedade, de maneira direta ou indireta, como, por exemplo, fornecimento de água, regulação do clima, matérias-primas, auxílio no controle da erosão e manutenção dos solos férteis, polinização, recreação, lazer, entre outros.

Hoje, conforme o Código Florestal, as propriedades rurais devem ter um zoneamento do uso e ocupação do solo, com áreas de Preservação Permanente (APP), de Reserva Legal (RL) e a destinada à produção agropecuária. Cada uma das zonas tem diferentes normas que devem ser seguidas. E, apesar de ter sido reduzido o espaço do produtor rural para a prática da atividade agríco-

© 1 FERNANDO MARTINHO/ED GLOBO 2 F 3 DIVULGAÇÃO

Metodologia e visitas técnicas: Rabobank
Metodologia: FUNDAÇÃO ESPAÇO ECO Sustentabilidade que se mede
Patrocínio: RAÇA FORTE
Realização: GLOBORURAL

la, é importante ressaltar que os recursos naturais existentes nas APPs e RLs, aliados às boas práticas agrícolas, resultam em benefícios que, se valorados economicamente, comprovam como a conciliação da conservação ambiental e a produção agrícola são tão importantes.

Para ilustrar isso, a Fundação Espaço ECO, uma das parceiras do Prêmio Fazenda Sustentável, calculou o valor econômico do serviço ecossistêmico da área de vegetação nativa e das boas práticas de conservação de solo adotadas na Fazenda Porteira Velha, do produtor Silvino Caus. A propriedade, localizada em Pinhão (PR), foi uma das vencedoras do 3º Prêmio Fazenda Sustentável no ano passado e possui 140 hectares de vegetação nativa. "Realizando estudos de forma aproximada, identificamos que esse remanescente de vegetação estoca uma quantidade de aproximadamente 58.000 toneladas de CO_2", explica o consultor de sustentabilidade da Fundação Espaço ECO, Thiago Egydio Barreto.

Baseado no estudo da Interagency Working Group (IWG), que calcula em US$ 38 o custo social do carbono (parâmetro que representa o custo estimado dos prováveis impactos da adição de 1 tonelada de CO_2 na atmosfera na produtividade agrícola, na saúde humana e na forma de danos a propriedades públicas e privadas, associados a riscos e impactos decorrentes das mudanças climáticas), Thiago avaliou que o estoque de carbono da floresta da Porteira Velha corresponde à valoração econômica de US$ 2,2 milhões.

"Remanescentes florestais nas fazendas guardam estoques de carbono que podem custar US$ 38 a tonelada"
THIAGO EGYDIO BARRETO

"Se não houver a adoção de modelos mais harmônicos, faltará o básico para sobreviver, como alimentos e água"
MARCELA COSTA

Ao estimar o serviço ecossistêmico de regulação da erosão, desempenhado por essa floresta e as boas práticas de manejo de solo adotadas por Silvino, que contribuem num custo evitado para repor os nutrientes perdidos pelos processos erosivos que resultam em perdas de produtividade, Thiago Egydio estimou a valoração econômica em R$ 150 mil ao ano.

Silvino Caus contou, em entrevista à GLOBO RURAL, que, após adotar medidas de conservação, a água na propriedade voltou a ser abundante e nunca mais faltou.

Diferentemente das áreas urbanas, onde o asfalto não permite que a água retorne ao lençol freático e falta espaço para a ampliação de parques e florestas, a propriedade rural é protagonista para prover não somente alimentos, biocombustíveis e fibras, mas também serviços ecossistêmicos. "Em um cenário tão desafiador em relação às mudanças climáticas, se a sociedade não adotar um modelo produtivo mais harmônico, aliado à conservação de recursos naturais, faltará o básico para sobreviver, como alimentos ou água", alerta Marcela Costa, analista de sustentabilidade da Fundação Espaço ECO.

Atualmente, segundo ela, existem tecnologias e modelos de boas práticas agrícolas que potencializam esse trabalho. "Podemos citar casos de sucesso como integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), agricultura de precisão, agroflorestas, plantio direto, práticas de conservação do solo", diz Marcela.

Em 2016, além da Porteira Velha, também foram vencedoras a Fazenda Modelo II, que intensificou a atividade com a adoção da ILPF, e a Fazenda Primavera, que utiliza a agricultura de precisão em seus milhares de hectares cultivados com café e mogno-africano.

Proibição de uso de cobaia gera polêmica

Proposta aprovada na Assembleia Legislativa de São Paulo restringe a utilização de animais nas aulas dos cursos de medicina veterinária

Texto **José Alberto Gonçalves Pereira**

O governador Geraldo Alckmin recebeu uma encomenda polêmica da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), que aprovou, no início de julho, o projeto de lei 706/2012, que proíbe o uso de animais vivos nas atividades de ensino, incluindo os cursos de medicina veterinária. Até o fechamento desta edição Alckmin não havia decidido se vetava ou sancionava o projeto.

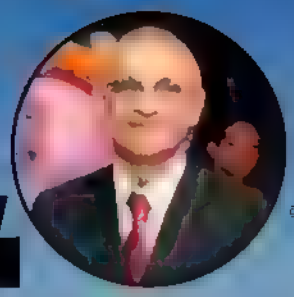
Dirigentes das universidades de São Paulo (USP), Campinas (Unicamp), Estadual Paulista (Unesp) e do Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV-SP) pressionam Alckmin para vetar a proposta do deputado estadual Feliciano Filho (PEN), enquanto defensores dos direitos dos animais trabalham para que o governador a sancione.

É difícil achar nos cursos de veterinária quem não concorde com a necessidade de reduzir a participação de animais vivos nas atividades didáticas. A tendência se acentuou com a promulgação da Lei Federal 11.794/2008. Conhecida como Lei Arouca, a norma regulamentou o inciso VII do parágrafo 1º do artigo 225 da Constituição Federal, estabelecendo diretrizes para a utilização humanitária de animais com finalidade de ensino e pesquisa científica.

No entanto, o projeto aprovado pela Alesp alimenta forte polêmica em torno dos seguintes pontos: restrição do uso de animais vivos apenas a pacientes reais e sob autorização do dono; falta de uma etapa de adaptação à eventual futura lei; e desacordo com o marco regulatório para o tema criado a partir da Lei Arouca.

"Não há como preparar adequadamente os alunos para cirurgias, inseminação artificial e cesárias sem que eles realizem procedimentos em animais vivos", argumenta o professor José Antonio Visintin, diretor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP (FMVZ/USP).

A possibilidade de utilizar apenas pacientes reais também é considerada limitante para a formação dos estudantes, complementa o diretor da FMVZ/USP. "Para treinar os alunos em cesárias, usamos por ano, em média, quatro vacas pro-



Para treinar os alunos em cesárias, usamos por ano, em média, quatro vacas provenientes do rebanho da faculdade"

Professor José Antonio Visintin

venientes do rebanho da faculdade. Ficaria inviável, logisticamente falando, atrelar as aulas à gestação de vacas em fazendas comerciais."

"Toda mudança traz desconforto", afirma Julia Maria Matera, também professora e pesquisadora na FMVZ/USP e entusiasta do projeto de lei 706/2012. Ela desenvolveu uma série de metodos para dispensar o uso de animais vivos em aulas de cirurgia.

Uma dessas alternativas é denominada "solução de Larssen modificada", inspirada numa técnica empregada para embalsamar cadáveres em um hospital da França no século XVIII. Textura da pele, coloração e estruturas são mantidas e um líquido é bombeado no cadáver do animal imitando o sangue. A professora Julia Maria deixou de empregar animais vivos em suas aulas de técnica cirúrgica em 2000.

O assunto é polêmico mesmo nos conselhos profissionais das áreas médicas. O Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo (CRMV-SP) lembra que compete ao Conselho Nacional de Experimentação Animal (Concea) monitorar e avaliar a introdução de técnicas alternativas ao uso de animais vivos no ensino e na pesquisa, conforme prescreve a Lei Arouca.

Leonardo Burlini, porta-voz do CRMV-SP, observa que a entidade não é contra a evolução do ensino e a utilização dessas técnicas. "O que apenas contestamos é a forma impositiva escolhida para realizá-las, sem levar em consideração a ciência, a área técnica e a manifestação daqueles que realmente atuam nessa área e que unanimemente se posicionaram contra o projeto de lei da forma como foi escrito."

Favorável ao projeto aprovado pela Alesp, Carlos Müller, presidente da Comissão de Especialidades Emergentes (CNEE) do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), cita diversos métodos humanitários, tais como simuladores (realidade virtual), modelos e manequins, impressoras 3D, vídeos de treinamento cirúrgico, técnicas de pintura corporal, uso de cadáveres de origem ética e estudos em campo. "A experiência em animal vivo que provoque dor ou manifeste crueldade nas atividades de ensino e nas atividades científicas é crime quando existirem recursos alternativos", afirma Carlos.

"Os fundamentos do projeto estão corretos, mas ele poderia ter sido discutido com mais atores e ter melhor definido os usos prejudiciais de animais nas atividades de ensino", pondera Rosangela Ribeiro, gerente do programa veterinário do escritório brasileiro da Proteção Animal Mundial, organização com sede em Londres.

Ela acredita que a proposta também poderia incluir uma fase de dois anos para os cursos substituírem integralmente animais vivos por métodos substitutivos, resguardadas as exceções previstas no projeto.

©GETTY IMAGES 2D VULGAÇÃO

Boi verde do Pampa

No Rio Grande do Sul, pecuaristas e ambientalistas se unem em defesa do campo nativo, onde a carne ganha selo de origem e negociação vantajosa com frigorífico

Texto **Hellen Santos** e **Cristina Vieira*** * Fotos **Marcelo Curia**

A manhã é fria em Lavras do Sul, no interior gaúcho. O pasto está coberto pela névoa e o que se vê é a silhueta do gado e dos cavalos crioulos. O biólogo Glayson Bencke, da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, caminha entre os animais e observa o entorno. Ele está em busca de alguns dos passaros mais ameaçados do bioma Pampa e, para ter sucesso, precisa chegar bem cedo às áreas mais úmidas, que servem de abrigo para as aves. Glayson está em busca de uma delas em especial. Um pássaro ameaçado de extinção, mas que resiste em áreas de vegetação nativa do Pampa. "O veste-amarela (*Xanthopsar flavus*) desaparece quando a paisagem fica tomada com agricultura e outros tipos de uso. Ele depende da conservação do campo nativo", explica o biólogo.

Por conservação, leia-se pecuária tradicional, em pastagens naturais e bem gerenciadas. O gado, que, não raro, é acusado de ser um dos principais motores do desmatamento de áreas nativas no Brasil, pode ser a chave para a proteção do bioma Pampa. É que 60% desse ecossistema é formado justamen-

te por campos que servem de alimento para os animais. As pradarias gaúchas não foram plantadas por ninguém. Existem desde muito antes de os colonizadores portugueses e espanhóis desembarcarem na América do Sul.

A paisagem de um campo nativo é homogênea. Um mar de grama alta que se estende até onde o olhar encontra o horizonte. É um cenário quase tedioso, não fossem os tons vibrantes de verde ou dourado, a depender da estação, que preenchem áreas imensas, dignas de um quadro impressionista. Parece uma coisa só, mas especialistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul destacam a diversidade da vegetação do Pampa. "Em 1 metro quadrado de vegetação campestre como esse, no Pampa, podemos ter 35, talvez 40 espécies. Nosso recorde, em um levantamento feito por nossa equipe, é de 56 espécies num único metro quadrado", destaca o engenheiro ambiental Gerhard Overbeck. É uma diversidade comparável com a de uma floresta tropical, mas em escala menor, rasteira.

Refeição diversificada

Para o gado, é um bufê livre e variado, como um prato colorido, desses recomendados por nutricionistas para nós humanos. Capim-caninha, forquilha, flechilhas, trevos e babosas são algumas das gramíneas e leguminosas à disposição dos animais. Eles escolhem as vitaminas que precisam e montam uma refeição diversificada, que dificilmente pode ser reproduzida em pastos plantados. "É o que a gente tem de melhor", diz o pecuarista Victor Wortmann. "É o diferencial da carne produzida no Pampa."

O jovem produtor rural recentemente voltou para o campo depois de abandonar a carreira de publicitário na capital gaúcha para cuidar das terras da família, em Quaraí. "A vantagem é que o campo nativo já está no solo. A gente tem de saber explorar porque essa é nossa Amazônia", completa.

Não precisa plantar, mas precisa cuidar. Victor entrega o segredo dos pecuaristas que têm alcançado sucesso na produção de carne em campo nativo. Na Estância Coxilha, ele cria 3 mil cabeças de gado em 4.200 hectares. Só 10% dessa área tem pastagens plantadas com azevém, que é usado como forragem de inverno. O restante da fazenda segue com vegetação nativa manejada e controle de ocupação.

A técnica é chamada de diferimento. "A gente retira o gado ou reduz a quantidade de animais na área para que as sementes das espécies nativas retornem para o solo e reabasteçam esse banco de sementes. E isso tem de ser feito periodicamente", explica o veterinário Danilo Sant'Anna, da Embrapa Pecuária Sul. É uma espécie de pastejo rotacionado, técnica já utilizada em outras regiões, mas com piquetes maiores e sem reduzir muito a altura do pasto, que deve ter sempre entre 10 e 15 centímetros.

Os produtores da região, conhecidos pela qualidade da carne a pasto em raças europeias ou sintéticas, trabalham para ter boa rentabilidade. O pecuarista Eduardo Eichemberg alterna a produção de tourinhos em pastagens de inverno – plantadas com azevém – e nos campos nativos, que ocupam 80% da Estância Santo Antônio. Além do diferimento, ele roça o pasto no fim do inverno para abrir espaço para a brotação da primavera. "Com essas técnicas, estamos com 0,7 animal por hectare. Com boa genética e manejo, um novilho já pode ser carregado gordo a partir de 2 anos", diz Eduardo.

A vegetação nativa alimenta bem o gado e, na mão contrária, especialistas defendem que o gado alimenta o Pampa. "Quando a gente pensa em conservar uma floresta, a gente pensa em não tocar. Bota uma cerca, ninguém mexe, e a floresta vai adiante. Só que com o campo é diferente, ele evolui com a perturbação", explica o biólogo Glayson. Há cerca de 8 mil anos, essa perturbação era feita pelo fogo e por grandes herbívoros, que acabaram extintos.

No Campo de Instrução Barão de São Borba, área de treinamento do Exército, em Rosário do Sul, o ga-

Glayson Bencke, da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul

© 1 THIAGO CAPELLE/REPRODUÇÃO

FRIGORÍFICO PAGA BONIFICAÇÃO PELA CARNE VENDIDA EM UMA REDE DE SUPERMERCADOS

O pecuarista Victor Wortmann, de Quaraí, e João Paulo Schneider, produtor de Urugualana

do está ajudando na recuperação de áreas degradadas por antigas lavouras de soja e arroz fruto de arrendamentos. A Embrapa Pecuária Sul coordena o projeto de regeneração, usando o gado para carrear sementes de piquetes conservados para áreas de solo degradado. "Temos diferentes espécies que produzem sementes e elas vão ser carreadas pelo gado no esterco ou coladas no pelo. Além disso, o ato de pastar faz com que várias plantas se alastrem e cubram o solo", diz Danilo Sant'Anna. Mas o especialista lembra que a diferença entre o remédio e o veneno é a dose. O segredo está no número de animais por hectare, uma conta que depende da qualidade do solo e da vegetação.

A aposta nessa estratégia de conservação do Pampa – aliando produção e meio ambiente – fez a organização ambiental Bird Life International, focada na proteção de aves, criar a Alianza del Pastizal, que reúne cerca de 500 pecuaristas dos quatro países do Pampa. A principal motivação do projeto, segundo o coordenador brasileiro, Pedro Develey, é conter o desmatamento do Pampa. Nos últimos 15 anos, o bioma perdeu 30% da área original. "É uma área muito ameaçada, com altas taxas de conversão para outras culturas e menos de 1% de áreas protegidas". Por isso a ONG escolheu trabalhar em parceria com os produtores. No Brasil, são 130 fazendas cadastradas. As propriedades têm de manter pelo menos metade da área com vegetação natural e criar o gado a pasto, sem confinamento. Ao in-

Espécies dos campos nativos

Algumas das aves que convivem com o gado nas planícies do Pampa gaúcho

VESTE-AMARELA
Xanthopsar flavus
Vive exclusivamente no Pampa e nos campos de altitude do nordeste do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina

NOIVINHA-DE-RABO-PRETO
Xolmis dominicanus
É exclusiva da Região Sul, além dos campos do Pampa na Argentina, Uruguai e Paraguai

ARREDIO-DO-GRAVATÁ
Limnoctites rectirostris
Vive em banhados de regiões campestres do sul do Brasil, onde tem intima relação com a planta chamada gravatá ou caraguatá

CABOCLINHO-DE-CHAPÉU-CINZENTO
Sporophila cinnamomea
É migratória passando os meses de outono e inverno nos campos tropicais do centro da América do Sul

CARDEAL
Paroaria coronata
É uma das aves mais comuns e mais bonitas do sul do Brasil. Em determinadas épocas do ano, formam bandos que colorem a paisagem

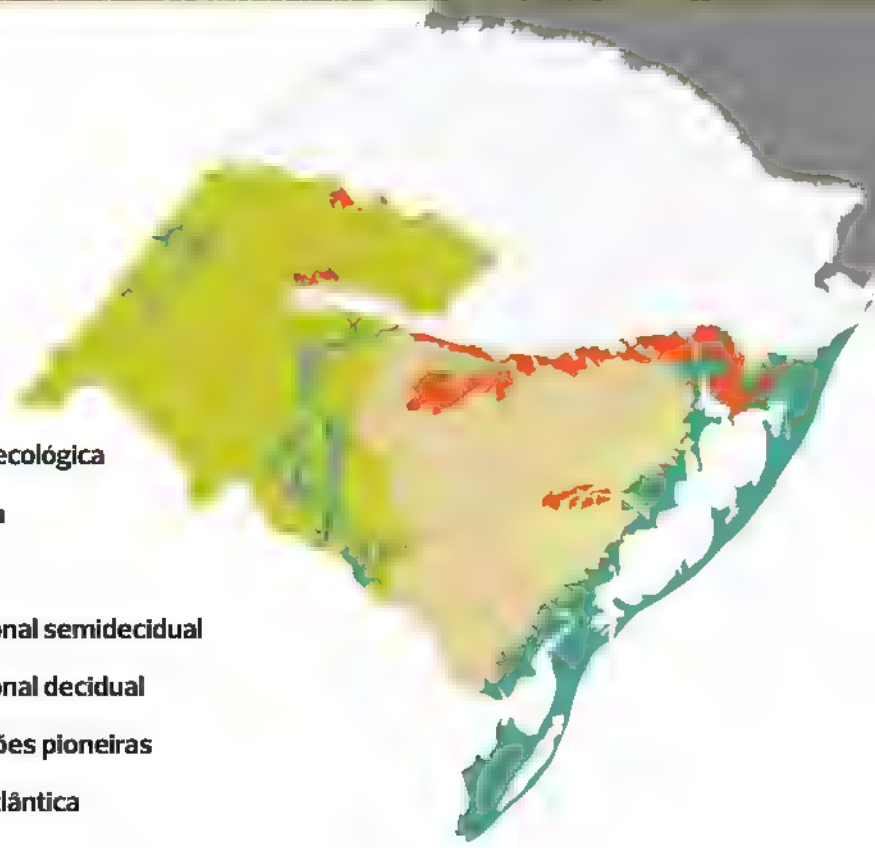
EMA
Rhea americana
É a maior ave encontrada no Brasil. No Pampa gosta das vastas planícies onde encontra alimento variado (folhas, frutos, insetos e pequenos roedores)

tegrar o grupo, os produtores receberam assistência para o manejo correto e passaram a trocar experiências. "A pecuaria, que é a tradição do gaúcho, quando bem manejada e em campo nativo, protege a fauna nativa e deixa todo mundo contente", reforça o ambientalista.

Há pouco mais de um ano, as propriedades brasileiras da Alianza vendem carne identificada por um selo de origem, que mostra para o consumidor que o produto vem do Pampa. "As pessoas querem saber a origem do que estão comendo. Existe uma tendência mundial de valorização dos rincões preservados, as áreas que mantêm sua origem. Isso valoriza nossa carne", analisa João Paulo Schneider, produtor de Uruguaiana e integrante da Alianza. O frigorífico que fechou parceria com o projeto paga uma bonificação de 1% pela carne, que está nas prateleiras de uma rede de supermercados, em Porto Alegre e São Paulo. A associação negocia agora linhas de crédito especiais para os produtores que protegem o bioma.

Para o geógrafo da UFRGS Heinrich Hasenack, que monitora a cobertura florestal do bioma, é preciso proteger os campos naturais. E a pecuária é uma ótima alternativa. "As florestas do Rio Grande do Sul nós já perdemos e estamos tentando recuperá-las. O campo ainda está aqui. É uma oportunidade ímpar que temos para conservar esse ambiente com suas espécies originais, ter um uso econômico e talvez até enriquecer a biodiversidade. E aí posso chamar isso de uma atividade sustentável."

O bioma Pampa



- Área de tensão ecológica
- Savana estépica
- Estepe
- Floresta estacional semidecidual
- Floresta estacional decidual
- Área de formações pioneiras
- Área de Mata Atlântica

E se você está se perguntando sobre o veste-amarela – aquela ave que o biólogo Glayson Bencke procurava no início da reportagem –, pois saiba que ele achou sim. Estava nas terras do pecuarista Lucídio Dourado, que fica orgulhoso do ilustre visitante. "Hoje em dia, fala-se tanto em conservação ambiental, produzir com sustentabilidade, não é? A gente fica feliz de estar no meio disso tudo."

**Hellen Santos e Cristina Vieira são repórteres do Programa Globo Rural da TV Globo*

E 1 E 2 SANDRO QUEIROZ/REPRODUÇÃO 3 4 5 6 7 E 8 GLAYSON BENCKE/FZB DIVULGAÇÃO

Um belo programa

Não é segredo para ninguém que o setor sucroenergético sofreu enormes perdas desde a crise financeira global de 2008/2010, quando dezenas de unidades industriais fecharam as portas. Ainda hoje, mais de 70 estão em recuperação judicial.

Depois desse problema veio o governo Dilma Rousseff, que acabou de liquidar com um dos setores mais florescentes do agronegócio brasileiro, invejado por muitos países pela rota alternativa de biocombustíveis depois dos choques do petróleo dos anos 70 do século passado.

Esse desastre teve consequências graves, além da quebradeira das empresas e respectivo desemprego no campo, nas usinas e nas fabricantes de equipamentos para o setor. O Brasil, líder absoluto no mercado de biocombustíveis até aquela época, foi passado para trás pelos Estados Unidos: no ano passado, os americanos produziram 58,2 bilhões de litros, enquanto nós ficamos marcando passo em 27,3 bilhões, menos da metade. Sempre é bom lembrar que, mesmo no biodiesel, programa aqui lançado em 2005, produzimos em 2016 cerca de 3,8 bilhões de litros, e os Estados Unidos já chegaram a 5,9 bilhões de litros.

Apesar disso, temos no Brasil a matriz de combustíveis mais limpa do mundo. O etanol hidratado representa 13% da nossa matriz, enquanto o anidro equivale a 10,4%. Somando o biodiesel, os biocombustíveis já são 26,8% do consumo de combustíveis.

Com o objetivo de recuperar a cadeia produtiva de biocombustíveis, o governo federal lançou o RenovaBio, programa fruto de ampla discussão entre o governo e o setor privado. O programa nasceu por causa do compromisso assumido pelo nosso país junto à COP 21, de reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 43% (tomando como base o que emitíamos em 2005) até o ano de 2030.

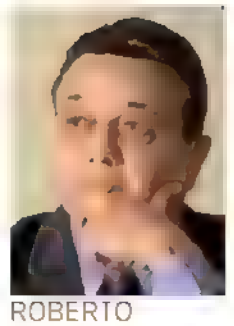
Trata-se de um desafio e tanto, num país onde o planejamento estratégico não é um forte. Para atingir essa meta, entre outros temas a serem desenvolvidos em diferentes segmentos econômicos, será necessário aumentar a participação dos biocombustíveis na matriz energética, bem como as fontes renováveis como a biomassa (em que o bagaço e a palha da cana representam atualmente 90%), a energia solar e a eólica.

O RenovaBio está organizado para garantir previsibilidade ao setor produtivo, porque só assim haverá confiança em novos investimentos. Que não serão poucos: para atender aos compromissos, teremos de passar da atual produção de quase 28 bilhões de litros de etanol para 43 bilhões até 2030. Já no caso do biodiesel, o salto será dos atuais 3,8 bilhões para 18 bilhões de litros no mesmo período.

Por isso a previsibilidade é essencial, bem como o planejamento. Afinal, as estimativas de investimentos para cumprir as responsabilidades assumidas superam os US$ 40 bilhões. Mas são tantos os benefícios alcançáveis que o programa vale a pena, até porque so será implementado com a incorporação de inovações técnicas em todos os elos da cadeia, desde a agricultura, passando pela indústria, pela distribuição e pela melhora dos motores, que viabilizem a competitividade duradoura da atividade.

Será possível gerar 750 mil empregos diretos e indiretos, reduzindo fortemente os gastos com saúde pública (graças à redução de emissões de GEE), economizar US$ 45 bilhões, com a eliminação da importação de 95 bilhões de litros de gasolina no período, e, principalmente, interiorizar o desenvolvimento para reduzir em mais de 570 milhões de toneladas as emissões de GEE.

Um belo programa, muito bem estruturado, que tem tudo para dar certo. Só falta ser implementado pelo governo federal. Aguardemos.



ROBERTO RODRIGUES
é coordenador do Centro de Agronegocio da FGV, embaixador especial da FAO para as cooperativas e presidente do LIDE Agronegocios

MONTAGEM/THINKSTOCK

LEILÕES & CRIAÇÃO

NEGÓCIOS • GESTÃO • GENTE • GENÉTICA • MERCADOS

No embalo da supersafra

Colheita recorde de grãos deve incrementar as vendas de máquinas agrícolas e negócios com gado durante a Expointer

Texto **Sebastião Nascimento**

© DIVULGAÇÃO

Na versão 2016 da tradicional Expointer, realizada em Esteio, no Rio Grande do Sul, os negócios com o cavalo crioulo foram responsáveis por 74,6% do faturamento total dos leilões. Os negócios com a raça equina somaram R$ 8,79 milhões, sendo que, na soma, os pregões movimentaram R$ 11,77 milhões.

"Foi muito positivo. Tanto o volume de vendas como a liquidez deram o tom", afirma Marcelo Silva, leiloeiro e proprietário da Trajano Silva, empresa gaúcha que comanda o maior número de remates. Ele espera repetir ou mesmo superar o resultado do ano passado durante a Expointer 2017, marcada para o período de 26 deste mês a 3 de setembro, no Parque Assis Brasil.

Vários motivos levam Marcelo a prever um movimento igual ou maior que no ano passado. Em primeiro lugar, a tradição da raça e a qualidade dos animais selecionados para oferta. Auxilia também, segundo o leiloeiro, a disseminação do cavalo crioulo, que é gaúcho, para uso em outros Estados na lida com o gado, como em Mato Grosso. Outro fator, na opinião do leiloeiro, diz respeito à melhora ainda tímida da economia brasileira, que pode ficar mais robusta no final deste mês e início de setembro. "Acho que o pior já passou", diz.

Por fim, as próprias vendas da Trajano Silva, que vão bem neste ano, devem alavancar os pregões da Expointer. "Faturamos R$ 1,8 milhão a mais no primeiro semestre deste ano em relação a igual período em 2016", observa Marcelo Silva.

Do palco para a poeira. Prometem bastante este ano também as provas do Freio de Ouro, competição máxima do cavalo crioulo, cuja final está marcada para o dia 27 deste mês, durante a Expointer. Nos três dias anteriores, estão marcadas as disputas que classificam para a grande final.

Máquinas

As vendas de máquinas agrícolas cresceram 21,8% no primeiro semestre deste ano, informa a Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Foram comercializadas 21.300 unidades, em comparação às 17.500 unidades vendidas em igual período do ano passado.

Esse ritmo ascendente deve continuar na safra 2017/2018, acredita Alexandre Blaisi, diretor comercial da New Holland Brasil. "Esse cenário positivo do agronegócio nos leva a projetar um movimento de vendas na Expointer maior ou igual ao do ano passado, que foi superior ao da feira em 2015", diz.

Alexandre vai um pouco além: "O Brasil deve repetir, ou até superar, em 2017/2018 o recorde obtido na safra passada. O cenário é favorável para uma colheita expressiva, seja no que diz respeito ao clima ou ao preço".

Apesar do agronegócio caminhar muito bem e estar sustentando a economia brasileira, Alexandre espera ainda a reação por parte de outros setores produtivos. "O pior da crise já passou. Outros segmentos estão reagindo e o panorama econômico descola do político." Ajuda também a disponibilidade de financiamentos a juros atrativos.

Foi no início da década de 1970 que as primeiras colheitadeiras New Holland chegaram ao Brasil. E foi justamente no Rio Grande do Sul. "A Expointer é uma feira muito importante para a marca. É o palco também para os lançamentos. Neste ano, apresentamos um novo pulveri-

Angus rústicos e ovinos são presença certa em Esteio (RS)

PELO MENOS 20 RAÇAS DE BOVINOS, EQUINOS, OVINOS E CAPRINOS ESTARÃO EXPOSTAS NO PARQUE ASSIS BRASIL

zador, o Defensor, de 2.500 litros e mais potente em relação aos concorrentes", informa.

Angus

A angus, uma das raças de carne mais saborosas de todo o mundo, cujo rebanho é mais numeroso no Sul, vai ter mais de 280 animais nas pistas e palcos da Expointer. Segundo Katiulci Santos, gerente da associação brasileira da raça, haverá maciça participação de gado rústico. "É que o mercado mudou e os animais de produção entraram definitivamente no cenário."

O mesmo tem acontecido em outras feiras agropecuárias, nas quais os animais exclusivamente de pista perdem terreno.

Katiulci afirma que um leilão de exemplares rústicos e também cruzados tem data marcada: 28 de agosto.

Visão panorâmica

Zootecnista e responsável pelo setor de feiras e eventos da Secretaria da Agricultura gaúcha, Paulo Charão concorda que a supersafra de grãos deve estimular os negócios com máquinas agrícolas em Esteio e também a comercialização de animais e outros negócios. Estes últimos, no entanto, de forma gradativa.

"As empresas de colheitadeiras e tratores estão sim esperando uma comercialização forte na Expointer. Do lado do gado, caso seja melhor do que no ano passado, é motivo de comemoração", diz. Segundo ele, o Brasil está saindo da crise e o agronegócio, que já vai muito bem, deve crescer mais. Uma coisa é certa, adianta Paulo: "Estamos sendo contatados pela associação do lusitano, sediada em São Paulo, para participação pioneira da raça em Esteio".

Ele informa também que, neste ano, o gado zebu deve marcar presença mais expressiva em relação ao ano passado. "Ficou caro e complicado trazer animais dessas raças no ano passado. Tempos de crise aguda. Agora em 2017, a procura para a participação tem se mostrado 50% maior."

Pelo menos 20 raças de bovinos, equinos, ovinos e caprinos estarão no Parque Assis Brasil para os julgamentos. Destaque para o gado de sangue europeu, como angus, devon, blonde, hereford, charolês, entre outras raças criadas nos pastos sulinos.

Já em relação aos ovinos, as argolas do Parque Assis Brasil estão prontas também para acolher os animais das raças île de france, texel, corriedale e suffolk. No ano passado, foram 748 ovinos inscritos.

As informações para 2017 estão ainda incompletas, segundo Paulo Charão, por conta de as inscrições para participação de animais e realização de leilões estarem ainda abertas até o fechamento desta edição da revista GLOBO RURAL.

Alexandre Blaisi, diretor comercial da New Holland

EXPOINTER
40ª EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ANIMAIS, MAQUINAS, IMPLEMENTOS E PRODUTOS AGROPECUARIOS
De 26 de agosto a 3 de setembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio (RS)
expointer.rs.gov.br

© DIVULGAÇÃO

CASA BRANCA

Três raças na oferta

Angus, brahman e simental. Essas três raças compõem a oferta do Leilão Casa Branca, comandado por Paulo de Castro Marques e marcado para os dias 8 e 9 do próximo mês de setembro, na Fazenda Santa Ester, em Careaçu (MG). Serão apresentados oito reprodutores e muitas matrizes.

"É um evento cinco estrelas. Bastante movimentado, recebe pecuaristas de todo o Brasil", afirma Paulo, cuja marca Casa Branca conquistou, no mês passado, os títulos de grande campeã angus da Exponel de Avaré (SP), com a fêmea PWM Relíquia, e grande campeão angus, com o touro PWM Ruído. Fez também os grandes campeões simental, com a fêmea PWM Parla e o macho LGPM Salvatore.

LEITE

Campanha incentiva exportação

As Fazendas do Basa, de Leopoldina (MG), lançaram, no mês passado, uma campanha solicitando esforços, seja do governo ou do setor privado, visando à exportação de leite e de derivados. A iniciativa partiu do pecuarista Evandro do Carmo Guimarães, proprietário das Fazendas do Basa, e conta com a colaboração de produtores de diversos Estados, sindicatos rurais, cooperativas e confederações. Evandro disse que foi lançada uma planilha para coleta de assinaturas de pessoas físicas e entidades preocupadas com o mercado futuro de leite e de derivados caso não sejam abertas as possibilidades de exportação.

O pecuarista diz, baseado em análises de especialistas no setor, que o mercado interno não vai conseguir absorver toda "nossa produção, que será inexoravelmente ampliada, pois temos terra, grãos, população precisando de trabalho e gado para o ambiente tropical",

EXPANSÃO

ABCZ anuncia unidade no Rio

A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), de Uberaba (MG), informa que estão em fase final os estudos para a implantação de um Escritório Técnico Regional (ETR) da entidade no Rio de Janeiro. "A inauguração deve acontecer ainda neste ano", afirma Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges, presidente da ABCZ.

"É um Estado importante para a pecuária brasileira, onde temos muitos pioneiros na criação de zebu e grandes criadores que, com essa iniciativa, vão receber um atendimento ainda melhor da equipe técnica da ABCZ", explica Arnaldo Manuel.

São cerca de 1.200 criadores de zebu no Rio de Janeiro cadastrados na ABCZ. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Estado o número de animais bovinos cresceu mais de 60% de 1970 a 2006.

O superintendente geral da ABCZ, Jairo Machado Borges Furtado, explica que a inauguração do novo escritório é uma estratégia de ampliação do atendimento regional, valorizando os criadores e reduzindo custos para a entidade no deslocamento dos técnicos.

© DIVULGAÇÃO

AGOSTO 15 TER 16 QUA 17 QUI 18 SEX 19 SÁB 20 DOM 21 SEG 22 TER 23 QUA 24 QUI 25 SEX 26 SÁB 27 DOM 28 SEG 29 TER 30 QUA SETEMBRO 1 QUI 2 SEG 3 QUA 4 5 SEX 6 SÁB 7 8 9 10 11 12 SEG 13 TER 14 QUA 15

15 **Virtual Touros Mafra** – Programa Leilões, tel. (43) 3373-7077

20 **Leilão Katayama** – Central Leilões, tel. (18) 3608-0999

22 **Leilão Online Glaura Genética HJ** – 20 horas – Embral, tel. (11) 3864-5533

26 **Leilão Santa Angélica** – Cavalo Crioulo – Esteio (RS). Trajano Silva, tel. (51) 3028-2828

15 **Leilão Haras Cristal e El Far** – Manga-larga Marchador – Programa Leilões, tel. (43) 3373-7077

INFORME PUBLICITÁRIO

LEITE & LEILÕES

ANUAL DA SEKITA AGROPECUÁRIA

150 animais da raça Holandesa estarão à venda no 1º Leilão Anual Sekita Agropecuária, criador máster 2015/2016. O pregão acontece no dia 1/9, sexta-feira, às 17 horas, durante a Fenacampo e Exphomig, em São Gotardo (MG). Transmissão pelo Agrocanal e pela internet na Embral.TV

#EmbralRumoAos40Anos

+ 14.000 ANIMAIS VENDIDOS + 70% COMÉRCIO NACIONAL + 95% LIQUIDEZ MÉDIA NO 1º SEMESTRE: Líder de Mercado.

Mais 14.000 animais vendidos, entre bezerras, novilhas e vacas, mais 70% do comércio nacional, mais 95% média de liquidez no 1º semestre de 2017. Resultado: Líder de Mercado. Esse é o saldo da Embral Leilões no ano, onde as raças Girolando e Holandesa tiveram maior presença no faturamento ficando perto de 2/3 da comercialização.

A aposta em um público diferente de investidores fez os leilões virtuais e os pregões online responderem por 75% do faturamento no período. Contrariando a crise, o i-commerce criado pela Embral nos últimos dois anos fortaleceu a empresa de 37 anos e ajudou a incrementar as vendas com absoluto sucesso em todo o território nacional.

Força do criador. A presença dos criadores de gado leiteiro que fizeram pista e disputaram torneios com seu plantel nas principais exposições do país, teve um papel importante no 1º semestre de 2017 para sustentação do agronegócio leite. "Bastava ver a força dos produtores nas feiras espalhadas pelo país nos últimos 6 meses, para ter certeza que não há crise que derrube o setor pecuário", arrematou Paulo Santos, gerente de Negócios da Embral.

R$ 7.575 DE MÉDIA NO FEIJÃO CRU. O Leilão Feijão Cru de Marcos Junqueira foi destaque na Expoleo 2017, em Leopoldina (MG). O pregão cravou R$ 7.575,00 de média geral com a de comercialização de animais das raças Holandesa e Girolando. As bezerras Girolando tiveram média de R$ 6.814,29, enquanto as novilhas fizeram R$ 6.975,00 e as vacas R$ 10.100,00. As médias das fêmeas holandesas também mostraram valorização, com bezerras a R$ 6.450, novilhas a R$ 8.400 e vacas por R$ 7.540. Participação especial: Fazendas do Basa.

Vaca tem 50% das cotas vendida por R$ 120 mil EM LEILÃO DO CONDOMÍNIO MIRANTE

Confirmando o propósito de "Excelência em Produzir o Melhor da Raça" e sucesso absoluto de vendas, o 1º Leilão Condomínio Mirante & Convidados, com transmissão pelo Terraviva e Embral.TV, realizado em julho (15) agitou o Parque de Exposição Agenor Lemos, em Araxá (MG).

O movimento de criadores e investidores de todos os pontos do Brasil alavancou os negócios e fechou o pregão com 100% de vendas e média geral de R$ 9.470,86, na comercialização de produtos Gir Leiteiro e Girolando.

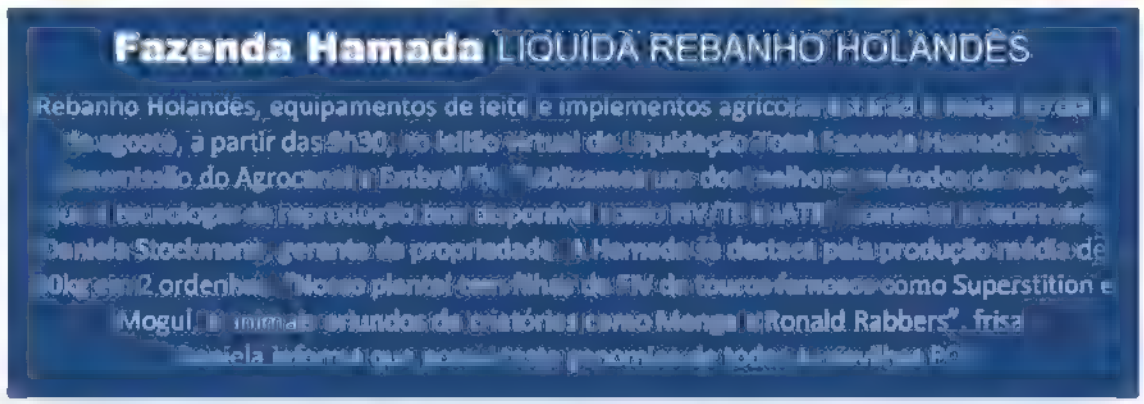
Ponto alto do leilão, a vaca Girolando ½ sangue de 50 meses, a 154 FIV Sanshez da Anta, teve 50% de seu passe negociado por R$ 120.000,00. O evento teve outras disputas espetaculares como a novilha Girolando ¾ Qualidade FIV Sol Bárbaro do Mirante que recebeu lance final de R$ 57.000,00 e a vaca Gir PO Charulekha FIV Cal, com lactação de 36.670 kg, vendida por R$ 75.000,00.

Outro lote forte no pregão foi Poesia FIV Sol Aristeu do Mirante, uma bezerra ¾ de sangue que teve metade de sua cotação arrematada por R$ 30.000,00.

Divulgação Mirante

SHOPPING ONLINE AGROLEITE 2017

Uma nova atração acontece no Pavilhão da Agroleite, em Castro (PR) a cidade do leite. É o Shopping Online Agroleite 2017 que acontece de 15 a 19 de agosto com apresentação dos animais pela TV. "O diferencial será o sistema de vendas", revela o administrador Dirceu Rodrigues, um dos organizadores do pregão, "O cliente pode cobrir o lance do outro sem a presença de leiloeiro, apenas com propostas sobrepostas", explica. Serão vendidos animais das raças Jersey e Holandesa HPB e HVB. Dirceu estima vender 25 exemplares no modo presencial e 25 no virtual.



AGENDA Embral

Sujeito a alterações.
Acesse o site: www.Embral.com.br

5/8 VIRTUAL
Liquidação Total Rebanho Holandês Fazenda Hamada
120 animais Holandês PO e PC.
Filmados em: Buri (SP)
Transmissão: *Agrocanal e Embral.TV, 9h30*

5/8 PRESENCIAL
4º Leilão Genética Lins & Convidados
Genética e produção selecionadas.
Local: durante Expolins 2017, em Lins (SP)
Transmissão: *Embral.TV, 14h*

12/8 VIRTUAL
Leilão Virtual Agropecuária Fini
80 animais Holandês
Filmados em: Castro (PR)
Transmissão: *Terraviva e Embral.TV, 10h*

15/8 a 19/8 SHOPPING ONLINE
Shopping Online Agroleite 2017
Variedade com qualidade
Local: durante Agroleite, em Castro (PR)
Transmissão: *Embral.TV, 10h*

22/8 ONLINE
1º Leilão Online Glaura Genética HJ - Fernando Oliveira & Alceni
40 animais Holandês e Jersey
Filmados em: Ouro Preto (MG)
Transmissão: *Embral.TV, 20h*

26/8 VIRTUAL
Liquidação Total Rebanho Holandês Estância Dona Benildes
320 fêmeas 3/4, 7/8, 15/16 e PC Registradas
Local: Ivinhema (MS)
Transmissão: *Terraviva, 14h*

1/9 PRESENCIAL
1º Leilão Anual Sekita Agropecuária
150 animais Holandês.
Local: durante a Fenacampo e Exphomig, em São Gotardo (MG)
Transmissão: *Agrocanal e Embral.TV, 17h*

O informe **LEITE & LEILÕES** é uma realização da Embral Leilões Rurais, www.embral.com.br, Rua Airosa Galvão, 97, São Paulo /SP, telefones (11) 3864-5533.
Produzido pela ContatoCom - www.contatocom.com.br - (15) 3224-1000 - atendimento@contatocom.com.br

PRECISÃO

Reinventando o manejo do boi

Foi lançado no Brasil um sistema que permite acompanhar ao vivo o desenvolvimento do rebanho bovino. É a pecuária de precisão, que analisa o desempenho do gado individualmente no interior do seu hábitat natural. Não há necessidade de transportá-lo para o curral.

Quem desenvolveu a tecnologia foi a Bosch, que deu a ela o nome de Plataforma de Pecuária de Precisão. A Bosch é uma multinacional alemã e está presente no Brasil desde 1954. Atualmente, o peso do animal é estimado de acordo com uma média entre as várias cabeças ou individualmente, porém, por meio de pesagens pontuais no curral de manejo. O diferencial do novo sistema é que ele atua no pasto mesmo ou no confinamento.

O controle rigoroso e ao vivo visa eliminar desperdício de recursos naturais e de comida. "O pecuarista sabe quais os animais de alto desempenho e os que não estão evoluindo desde o início, seja em um confinamento ou no pasto. É possível identificar animais com queda abrupta ou progressiva de performance indicando doença ou problema nutricional", explica Gustavo Ferro, gerente da Bosch.

O projeto piloto foi desenvolvido no confinamento Santa Fé, de Pedro Merola, em Santa Helena de Goiás. Lá, 22 baias são monitoradas e, por conta do êxito, a projeção é implementar o sistema nas demais 244 até o fim deste ano. "Além de aprimorar a gestão operacional, com o sistema foi possível verificar, em poucos dias de cocho, quais animais apresentam conversão alimentar baixa e não trazem retorno financeiro", diz Pedro.

NELORE CARPA

Venda antecede a monta

A tradicional seleção do criador Eduardo Biagi, desenvolvida em unidades nos Estados de São Paulo e de Mato Grosso, realiza dois grandes leilões. O primeiro, Leilão Carpa Serrana, acontece no dia 19 deste mês, em Serrana, interior paulista, a partir das 13 horas. Já a segunda etapa será no dia 3 de setembro, a partir das 10 horas, em Barra do Garças (MT).

Eduardo diz que os meses de agosto e setembro são aguardados pelo mercado da pecuária por antecederem a estação de monta. A oferta em Barra do Garças é de 180 touros e 3 mil bezerros de corte.

Informações: tel. (16) 3987-9003

COLUNA DO PH

Protagonismo

O momento é de sobressalto e a pecuária faz parte desse cenário. Mas meu encontro é com o positivo e com a reflexão. É no momento de crise que crescemos e temos a favor nosso protagonismo no cenário nacional e internacional de produção de proteína animal.

Uma lição já tinha sido aprendida: a de que a genética e o melhoramento são a saída. É a liquidez da genética que vai nos dar resultados mais rápidos e nos garantir a sobrevivência dos negócios em tempos bicudos.

Temos oferta de qualidade, e é ela que responde com animais férteis, precoces, melhor avaliados. Temos numeros muito bons. Hoje, 90% do que se vende de sêmen e produto de touros avaliados e a pecuária de corte rendeu quase US$ 5 bilhões no ano passado — mais de 8,5 milhões de toneladas de carne.

Precisamos agora ganhar nossa representatividade para fora da porteira, melhorando a força do setor nas decisões, mostrando ainda mais nosso potencial de elevar o PIB do nosso país com produto de qualidade.

PAULO HORTO é presidente da Programa Leilões, de Londrina (PR)

© DIVULGAÇÃO

INÉDITO

Surge leite não alérgico

A produção de alimentos funcionais, entre eles o leite não alergênico, é realidade há mais tempo em países como Nova Zelândia e Austrália. Agora, as experiências chegaram ao Brasil. As Fazendas Villefort, de Virgílio Villefort, localizadas em Morada Nova e Jaíba, em Minas Gerais, realizam, em escala, experiências com doadoras e reprodutores das raças gir leiteiro e guzerá, ambas de origem indiana. Criadores de outro tipo de gado, o sindi, igualmente zebuíno, estão também acelerando o trabalho. E há experiências iniciadas no reputado Instituto de Zootecnia de Nova Odessa, no Estado de São Paulo.

Como o nome diz, o leite alergênico provoca alergia nos seres humanos. As experiências consistem em usar o mapeamento genético e outras tecnologias para identificação e seleção de animais portadores do alelo A2A2, que é o responsável pela presença no leite da proteína beta-caseína A2. A beta-caseína A2 é isenta de fatores que causam reações nas pessoas. Virgílio Villefort explica que no leite da vaca estão presentes os alelos da beta-caseína A1 e A2.

É possível, assim, fazer a separação dos animais que poderão produzir o leite A2A2, ou seja, aquele que contém apenas a beta-caseína A2, que torna o produto mais saudável e sem risco de alergia para o ser humano.

Segundo Arthur Targino, diretor da Associação Brasileira dos Criadores de Sindi, a produção de leite saudável e sustentável é uma exigência de mercado. Ele adianta: "Desde o ano passado, a venda de lácteos A2 já é maior que a de produtos orgânicos".

De acordo com a bióloga Cássia Pimenta, do laboratório Gene Genealógica, que conduziu os testes na Villefort, pesquisas afirmam que originalmente todos os bovinos produziam leite que apresentava apenas a proteína A2, mas, por volta de 5 mil a 10 mil anos atrás, uma mutação genética ocorreu nas vacas do norte da Europa e a proteína A1 começou a aparecer no leite. Virgílio adianta que já foram analisadas 6.997 cabeças de gado PO criadas em suas duas fazendas.

O fazendeiro Virgílio Villefort

FEIRA LÁCTEA

Estrangeiros invadem BH

O setor leiteiro dá sinais de que vive um bom momento no segmento da genética. Na principal exposição da pecuária leiteira do país, a Megaleite 2017, ocorrida no mês passado, no Parque da Gameleira, em Belo Horizonte (MG), as vendas de animais em nove leilões movimentaram R$ 3,836 milhões. Com mais de 80 empresas de vários segmentos do agronegócio e de outros setores expondo seus produtos no evento, o total de negócios efetuados ao longo dos quatro dias de realização foi a R$ 10 milhões, segundo a Associação Brasileira dos Criadores de Girolando, uma das organizadoras.

Muitos negócios foram feitos por comitivas estrangeiras da América Latina, vindas de países como Bolívia, Costa Rica, Colômbia, El Salvador, Guatemala, Nicarágua e Panamá. Mais de 300 estrangeiros visitaram a exposição e também fazendas da região de Belo Horizonte. "O Brasil é referência em genética bovina no mundo e a Megaleite foi uma grande oportunidade de negócios para estrangeiros e brasileiros. Com a abertura recente de novos mercados para nossa genética, as vendas pós-Megaleite foram maiores este ano", diz o presidente da Girolando, pecuarista Luiz Carlos Rodrigues.

No Parque da Gameleira, os visitantes conheceram mais de 1.700 animais de alta qualidade genética das sete raças leiteiras expostas: girolando, gir leiteiro, holandês, jersey, pardo-suíço, guzerá leiteiro e guzolando.

Crise?

A **família Niemeyer** (Juca, Zé Luiz e Andrea) promoveu o Leilão Terra Boa, no mês passado. Faturou alto: R$ 1,4 milhão por 219 animais nelore e brangus. Os leilões de gado de elite passam ao largo da crise política e econômica.

Intercorte

Carla Tucílio está sempre na estrada. A Intercorte, que ela organiza, já teve suas edições de julho realizadas em Ji-Paraná (RO) e Campo Grande (MS). Agora, é a vez de Araguaína (TO), nos dias 18 e 19 de outubro. Em novembro, São Paulo fecha o calendário.

Grife Brumado

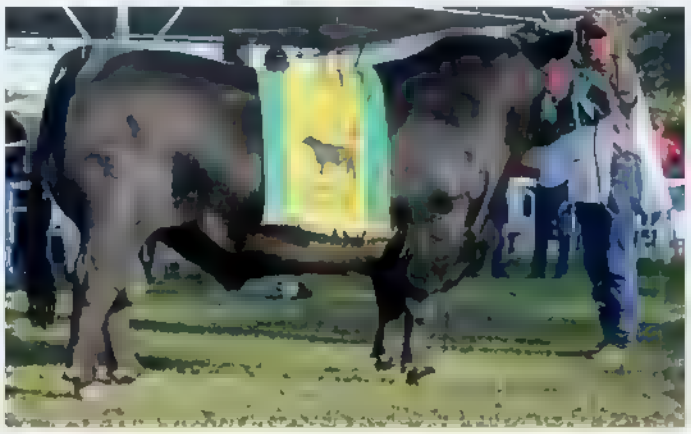
Tonico Carvalho, da Fazenda Brumado, de Barretos (SP), ficou bastante satisfeito com o resultado e a grande presença de público em seu leilão de nelore. Foram vendidos 190 animais e a média, de R$ 9.042, foi 8% superior à do pregão de 2016.

Estrategista

Mauricio Graziani, que tem 25 anos de experiência na área de saúde animal, assumiu a presidência da Phibro Saúde Animal. Antes, havia ocupado o cargo de diretor de novos negócios e elaborou os planos de colocação de produtos nas unidades.

Na pista

A Casa Branca Agropastoril, do criador Paulo de Castro Marques, conquistou o Grande Campeonato Macho da Exponel 2017, realizada em Avaré (SP), no mês passado, com o **touro PWM Ruído**.



Liquidez total

O pecuarista **Carlos Viacava** recebeu mais de 500 convidados para o 63º Mega Leilão CV Nelore Mocho, realizado no dia 23 do mês passado, na Fazenda São José, em Paulínia (SP). "O remate teve 100% de liquidez, com 351 animais comercializados e faturamento total de R$ 2,5 milhões, com média geral de R$ 7.194", ele diz.

Abate incrementado

O **Marfrig** informou, no mês passado, que irá aumentar os abates de bovinos em torno de 25%. Nesse sentido, o grupo anunciou a reabertura de duas plantas nos municípios de Pirenópolis (GO) e Nova Xavantina (MT). Em comunicado, o Marfrig disse que o incremento é devido à facilidade de encontrar bovinos prontos para o abate.

CURTAS

■ **TOUROS** – A Katayama Pecuária selecionou 500 touros nelore das safras 2014 e 2015 para seu leilão anual, no dia 19 deste mês, a partir das 12 horas, na Estância Cachoeirinha, em Guararapes (SP). No dia seguinte, a propriedade vende um lote especial de 150 novilhas prenhas.

■ **INDICADORES** – A safra de reprodutores nelore PKGA está muito boa. "Os indicadores dos touros jovens comprovam sua funcionalidade, precocidade sexual e de acabamento e carcaça. É uma de nossas melhores ofertas", informa o criador Gilson Katayama, promotor do pregão.

© DIVULGAÇÃO

PUBLIQUE

28º LEILÃO

FAZENDAS
SANT'ANNA
A GENÉTICA DA CARNE

O LEILÃO QUE **MULTIPLICA RESULTADOS**

17 SETEMBRO 2017
DOMINGO . 14H
RANCHARIA - SP

BATERIA ESPECIAL
TOUROS BRAHMAN

AO VIVO PELO
TERRAVIVA e MF RURAL
120 TOUROS NELORE

FRETE FREE

Propriedades Certificadas
ISO 14001

APOIO GRUPO GASPARIM · TRANSMISSÃO terraviva, MF RURAL · LEILOEIRA · CHANCELA 100% PMGZ

FAZENDAS SANT'ANNA
A GENÉTICA DA CARNE
Inovar é a nossa tradição.

Rancharia: (18) 3265.1329 . Uberaba: (34) 3319.0700 . www.fazendasantanna.com.br

BOI GORDO

Chuvas adiam a entressafra

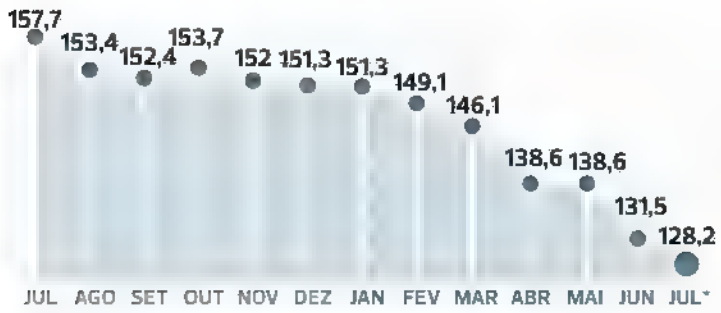
O prolongamento das chuvas, associado à retenção de boiadas, devido às turbulências do mercado, atrasou a oferta de final de safra, que normalmente aconteceria em maio/junho. Mas, apesar disso, a pressão de baixa se manteve, com as pastagens perdendo suporte entre o final de junho e julho.

A tendência é que a oferta diminua a partir de meados de setembro, devido à entressafra. O destaque fica por conta da oferta de gado confinado, que deverá ser menor que as expectativas.

As margens de comercialização dos frigoríficos, por sua vez, dão espaço para alguma recuperação da cotação da arroba do boi gordo se a oferta encurtar. Há de se considerar a recessão, que mantém o consumo lento.

Até o fechamento desta análise, não foi observado impacto das notícias sobre pagamentos de suborno mensais da JBS a fiscais agropecuários, embora essa informação possa subsidiar novas etapas da Operação Carne Fraca, da Polícia Federal.

Preços do boi gordo em Araçatuba (SP)
(em R$/@, a prazo)



*Até o dia 14/7 Fonte: Scot Consultoria

Custos seguem em queda

Julho trouxe nova rodada de queda nas cotações dos insumos consumidos na pecuária.

Em virtude disso, o custo da pecuária leiteira em julho caiu 3,8% em relação a junho. Para a pecuária de corte, a redução média foi de 1,5%.

O Índice Scot Consultoria de Produção Pecuária vem em queda desde fevereiro. Em um ano, esse indicador caiu para a atividade leiteira 14,8% e para a pecuária de corte 5,1%.

O "refresco" veio principalmente dos alimentos concentrados, notadamente os energéticos, pressionados pela queda da cotação do milho.

LEITE

Maior oferta e demanda fraca pressionam preços

Depois de quatro meses em alta, a cotação do leite ao produtor caiu no pagamento de junho, que remunera a produção entregue em maio.

A média dos 18 Estados pesquisados pela Scot Consultoria ficou em R$ 1,172 por litro, sem frete – um recuo de 0,3% na comparação mensal.

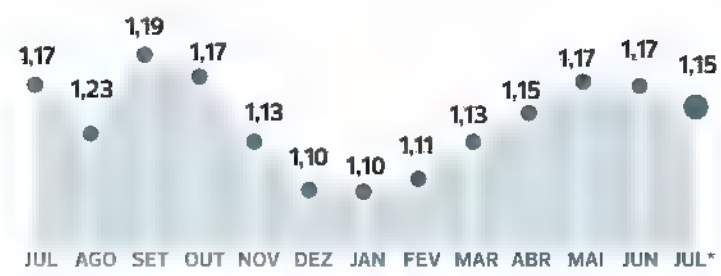
Os principais fatores que causaram essa baixa foram a produção de leite aumentando na região sul do país e também em São Paulo, Minas Gerais e Goiás, o clima favorável este ano e a queda nos custos dos alimentos concentrados. Além da oferta maior, a demanda fraca na ponta final da cadeia tem produzido estoques, por exemplo, de queijos nas indústrias.

Em maio, a captação média nacional de leite aumentou 1,4% em relação a abril. Os dados parciais de junho indicam um incremento de 1,8% na captação na comparação com maio.

O tom do mercado daqui para frente é de queda de preços do leite ao produtor. A intensidade das quedas será determinada pelo ritmo de crescimento da produção e pelo consumo interno neste segundo semestre.

No mercado spot, os preços estiveram em queda em junho e julho, corroborando com o cenário de menor concorrência e também refletindo as expectativas de aumento da produção no país.

Preço do leite pago ao produtor
(em R$/litro)



*Estimativa Média nacional ponderada Fonte: Scot Consultoria

SCOT CONSULTORIA Hyberv Ile Neto (boi gordo) e Gustavo Aguiar (leite e custos de produção da pecuária)
scotconsultoria.com.br
Tel. (17) 3343-5111

Colostro em pó

Empresa lança no Brasil produto que reduz taxa de mortalidade de bezerros a índice próximo de zero em rebanhos comerciais

Texto **Viviane Taguchi**

Após seis anos de tratativas com o Ministério da Agricultura, o colostro em pó para bovinos foi liberado para comercialização no Brasil. Importado do Canadá e vendido pela Alta Genetics, dá até para confundi-lo com o leite em pó comprado no supermercado: vem em saquinhos e, para usar, basta misturar o pó branco e fino na água e colocar na mamadeira. A diferença é que ele exige mais trabalho para ser dissolvido. Mas nada que um fouet (o bom e velho batedor de claras) ou um mixer não resolvam. O produto, classificado como alimento, e não medicamento, promete suprir um sério problema do rebanho brasileiro: reduzir a taxa de mortalidade de bezerros que adquirem algum tipo de enfermidade transmitida pelo colostro.

O professor Manuel de Campos, especialista em nutrição animal da Universidade de Saskatchewan, no Canadá, diz que o índice de contaminação por colostro no Brasil é tão alto que, de cada cinco bezerrinhos nascidos, quatro têm algum problema e três morrem. Isso porque o colostro é a secreção mais importante que o animal receberá em toda a sua vida e determinará se ele será saudável ou não. "O colostro é uma secreção rica em anticorpos, nutrientes e gorduras. A vaca não transmite essas substâncias ao filhote através da placenta, é pelo colostro", diz. Por essa razão – e por precisar fazer um esforço imenso para se levantar e sair andando logo após nascer – o bezerrinho precisa mamar o colostro rápido. "O filhote ainda não tem sistema imunológico, a mucosa do intestino dele vai absorver todas as substâncias ingeridas nas primeiras 24 horas de vida de forma não seletiva", diz.

©1

Saquinho de colostro em pó: basta misturar água e pôr na mamadeira

©2

"O colostro é a secreção mais importante que o bezerro vai receber em toda a sua vida, por isso precisa ser de boa qualidade"
MANUEL DE CAMPOS

©3

"Criadores de ovinos e caprinos também estão utilizando o colostro em pó para evitar a contaminação em rebanhos"
HEVERARDO CARVALHO

O colostro é uma secreção produzida pelas glândulas mamárias da mãe minutos antes e minutos depois do parto. É rico em nutrientes, anticorpos, vitaminas, sais minerais e gorduras específicas. "O bezerrinho nasce com reservas energeticas muito baixas, em torno de 3%. O colostro vai dar a ele energia para estabelecer seu metabolismo e sua respiração e regular a temperatura corporal para conseguir se levantar e andar." De acordo com Manuel, logo após a ingestão, o teor de reserva energética do animal sobe para 15% e o cérebro do bicho entende que, a partir de então, anticorpos já podem ser armazenados em suas glândulas mamárias. "Isso ocorre durante as três semanas de vida dele."

Bezerra boa

De acordo com Rafael de Azevedo, médico-veterinário da Alta Genetics, as principais causas de contaminação do colostro devem-se às más condições sanitárias do ambiente onde circulam as vacas e à presença de bactérias e vírus no organismo da mãe. "É comum ainda o bezerro nascer em locais distantes, no pasto, na lama", lembra. "Em rebanhos comerciais, esse controle é mais fácil, mas não está livre das contaminações."

Em algumas fazendas, para evitar a contaminação do colostro, os pecuaristas investiram em bancos de colostro instalados próximo às maternidades. Só que o trabalho exige rigor. "É preciso selecionar as vacas sadias, retirar de 10% a 15% do colostro delas, fazer exame de laboratório, para ter certeza da qualidade, e congelar em frascos estéreis", explica o médico-veterinário Luís Fernando Moroz, da Fazenda Frankanna, de Carambeí (PR). Na Frankanna, o banco pode armazenar até 50

Os bezerrinhos precisam receber o colostro minutos após o nascimento

litros de colostro. Só que nascem, em média, 350 bezerrinhas por ano lá. "Não dá conta de todo mundo mamar o congelado direito", brinca Luís Fernando.

Mamar o congelado é so um jeito de falar, porque, antes de ser fornecido ao bezerro, o produto tem de ser descongelado em água quente por aproximadamente uma hora e meia. "Tem de saber quando o bezerro vai nascer e deixar o colostro preparado, mas também não pode passar do tempo, para ele não estragar", conta. "O colostro em pó já é utilizado para complementar o banco rapidinho."

Luís Fernando afirma que a preocupação com a administração do colostro melhorou muito o índice de crescimento de bezerras na fazenda, que se dedica à prática leiteira. "Uma bezerra bem colostrada pode vir a se tornar uma boa vaca. Uma bezerra mal colostrada corre um grande risco de nem chegar a ser uma vaca."

Não é remédio

O colostro em pó é produzido no Canadá pela empresa Saskatoon Colostrum Company, que pertence ao mesmo grupo que controla a Alta Genetics. O produto vem em saquinhos, em dose única, e, de acordo com Heverardo Carvalho, diretor-presidente da Alta Genetics no Brasil, é o que há de mais prático e seguro para os filhotes. Um saco de 470 gramas misturado a 1 litro de água mineral ou filtrada rende uma mamadeira de 1,4 litro. De uma a duas doses são suficientes para um recém-nascido.

Heverardo conta que o produto é feito a partir da coleta de colostro de vacas que estão em fazendas localizadas no Canadá e nas regiões do norte dos Estados Unidos. O material vai para os laboratórios da Saskatoon, é congelado, examinado duas vezes e depois segue para o processo de secagem, até virar pó.

Na América do Norte, o colostro em pó já é utilizado há mais de uma década. Aqui, segundo Heverardo, a demora deu-se porque os trâmites burocráticos para a aprovação do produto no Ministério da Agricultura esbarraram em uma dúvida: é alimento ou é medicamento? "É alimento, não é remédio", ressalta o executivo.

Ele conta que a empresa tem sido procurada também por criadores de ovinos e caprinos, que utilizam o colostro em pó bovino para evitar os mesmos problemas de contaminação. "É um produto bovino que supre as necessidades de animais como ovinos e caprinos sem problema algum."

por Viviane Taguchi vtaguchi@edglobo.com.br

PREMIX

Novo gestor de vendas para a Região Norte

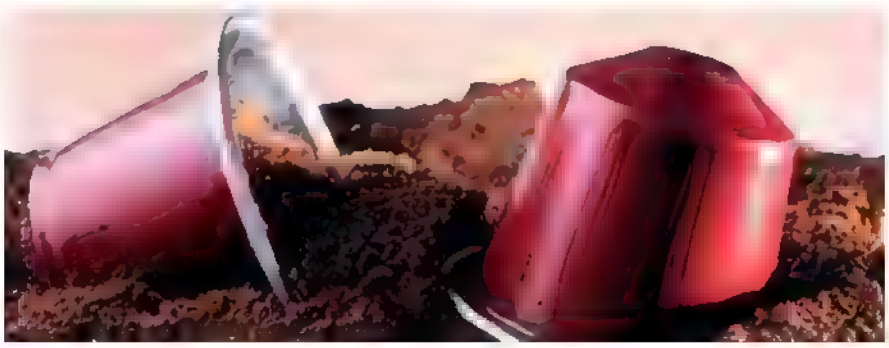
A Premix, empresa que atua no setor de nutrição animal, anunciou o médico-veterinário **Marcus Luciano Guimarães Rezende** como novo gestor de vendas regionais para o norte do Brasil. Com experiência em gestão de equipes técnicas e comerciais, Marcus atuou em outras companhias do segmento de saúde animal como gerente nacional e diretor técnico. Formado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com MBA em gestão empresarial, mestrado em ciência animal e habilitação em coaching, atuará como gestor regional de vendas nos Estados de Tocantins, Maranhão e Pará.

1

TENDÊNCIA

Café em cápsulas

Uma pesquisa realizada anualmente pela Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic) apontou que o **setor de cápsulas** deve crescer três vezes mais até 2019. A entidade calcula que, entre os anos de 2014 e 2019, o mercado de café deve crescer até 7,7% ao ano, graças à ascensão das cápsulas, o que pode gerar uma receita de R$ 20 bilhões. De acordo com a pesquisa da Abic, os consumidores estão começando a diferenciar o café por tipo de grão, suas intensidades e sabores, e a tendência é aprimorar. A maior oferta de máquinas mais baratas será responsável por impulsionar esse nicho de mercado.


2

STARTUP

Agricultura digital

A Câmara Brasil-Alemanha, em parceria com a Bayer, abriu inscrições para a segunda edição do Startups Connected. Neste ano, o desafio proposto é a redução de perdas de produtividade relacionadas a pragas e doenças e o fomento ao desenvolvimento de soluções na área de agricultura digital. Podem participar startups estabelecidas no Brasil ou na Alemanha que apresentem ideias inovadoras, incluindo plataformas com interface simples e acessível via mobile. Os ganhadores se apresentarão no Congresso Brasil-Alemanha de Inovação. Eles serão acompanhados ao longo de três meses e terão a possibilidade de receber investimento do BMG UpTech em troca de participação minoritária. Os projetos vencedores serão ainda elegíveis ao Prêmio Ideias 4Action, do Banco Mundial.

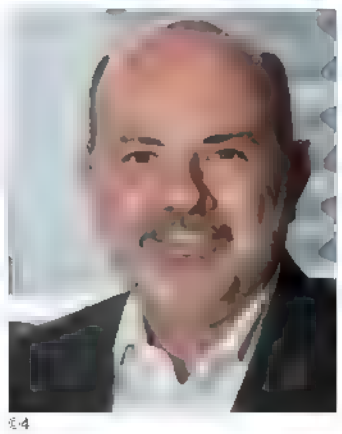
As inscrições podem ser feitas pelo site: **startupsconnected.com.br/categorias/agricultura-digital/** até o dia 4 de agosto de 2017.

©13 4F5 DIVULGAÇÃO 2THINKSTOCK

SANPHAR

Maior atuação na área de vacinas

O médico-veterinário **Marco Aurélio Gama** assume a gerência geral da Sanphar, companhia que oferece soluções integradas em saúde de animal para aves e suínos. Ele entra para substituir Ricardo Pereira, que assumiu integralmente a gestão da Biomin, empresa do mesmo grupo, o austríaco Erber Group. Para Marco, o desafio agora é fortalecer a equipe de campo, ampliar o portfólio de produtos e dar andamento ao projeto de atuação na área de vacinas, com o desenvolvimento de uma nova tecnologia voltada para a prevenção da diarreia epidêmica suína (PED).



COPASUL

Nova unidade em Amandina

A Copasul inaugurou uma unidade **armazenadora de grãos em Amandina**, distrito de Ivinhema, em Mato Grosso do Sul. Com a unidade, que pode armazenar até 30.000 toneladas de grãos, a cooperativa marca presença em oito municípios da região e eleva sua capacidade de armazenamento para 8 milhões de sacas. De acordo com o presidente da Copasul, Gervásio Kamitani, já está prevista para o ano de 2019 uma nova unidade na cidade de Anaurilândia.

INVESTIMENTOS

US$ 1 bilhão
por ano é o valor que a **Royal Dutch Shell** pretende investir para acelerar a entrada no setor de energias renováveis e carros elétricos.

US$ 1,1 bilhão
foi o valor pago pelo grupo chinês **Citic** aos americanos da Dow Chemical. Os chineses compraram parte de seus negocios de produção de sementes de milho no Brasil.

US$ 300 milhões
é o valor final da negociação entre o **JBS** e o **Grupo Minerva**, que comprou as operações de carne bovina da JBS na Argentina, Paraguai e Uruguai. A transação foi aprovada sem restrições pelo Cade.

R$ 100 milhões
é o investimento que a cervejaria espanhola **Estrella Galicia** vai fazer em uma fábrica na cidade mineira de Poços de Caldas. A unidade terá capacidade de produzir 20 milhões de litros da bebida.

US$ 7,5 milhões
foi o aporte que a **Taranis**, startup israelense que desenvolve apps para o agronegócio, recebeu de investidores-anjo.

€$ 5 milhões
é quanto a **Fibria**, fábrica de celulose de eucalipto, pagou pela aquisição de 18% das ações da Spinnova, startup finlandesa que produz tecnologias sustentáveis para a indústria têxtil, como fibras de madeira para confecção de tecidos.

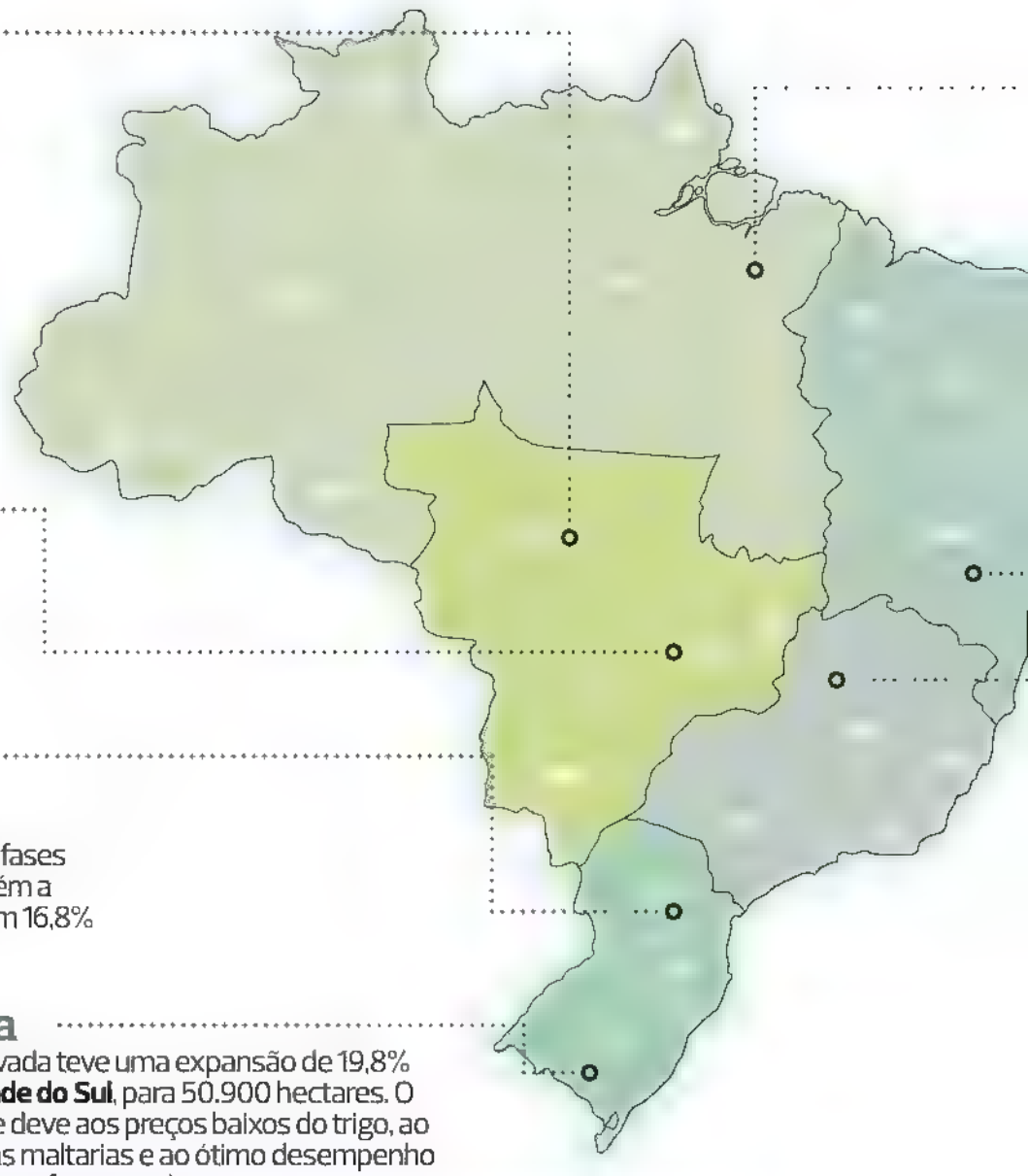
R$ 40 milhões
é o valor que a **Tetra Pak** investiu no Centro de Inovação ao Cliente para atender toda a America Latina. O espaço dará suporte à indústria de alimentos e bebidas para o desenvolvimento de novos produtos.

Exportação de suco de laranja recua ao menor volume desde a safra 1990/1991

Devido à redução da oferta, os embarques do produto concentrado (FCOJ) pelo Porto de Santos caíram 17% e somaram 894.669 toneladas ao longo da safra 2016/2017

Milho

A produção do cereal de segunda safra em **Mato Grosso** cresceu 76,2% no ciclo atual, impulsionada pelo aumento de 18,2% na área plantada e pela esperada recuperação de 49% na produtividade, que teve forte quebra no ano passado



Sorgo

O plantio aumentou 14,5% nesta safra em **Goiás** e a expectativa é de aumento de 135,7% na produção, estimada em 805.400 toneladas. A produtividade deve subir 105,9% em relação à safra passada, quando a lavoura foi castigada pela estiagem

Feijão

As expectativas são de queda de 8,8% na produtividade do cereal de segunda safra no **Paraná**, por conta do excesso de chuvas nas fases de maturação e colheita, que afetaram também a qualidade. Os bons preços elevaram a área em 16,8%

Cevada

A área cultivada teve uma expansão de 19,8% no **Rio Grande do Sul**, para 50.900 hectares. O aumento se deve aos preços baixos do trigo, ao estímulo das maltarias e ao ótimo desempenho da cultura na safra passada

R$ 137,2 bilhões

FOI O MONTANTE DE FINANCIAMENTOS TOMADOS PELA AGRICULTURA EMPRESARIAL NA SAFRA 2016/2017

© TH NKSTOCK

Babaçu

Um grupo de 22 quebradeiras de coco do **Piauí** recebeu da Conab, no final de junho, R$ 5.100 para complementar a renda referente a 8.928 quilos de amêndoa de babaçu vendidos abaixo do preço mínimo fixado pelo governo federal

Batata

O IBGE revisou suas previsões e estima crescimento de 57% na área cultivada na **Bahia**, que deve colher, neste ano, 269.000 toneladas (100.800 toneladas na primeira; 96.200 toneladas na segunda; e 72.000 toneladas na terceira safra)

Alho

Após cinco anos de aumentos consecutivos, a uma taxa média de 26,7% ao ano, a área cultivada com o bulbo em **Minas Gerais** recuou 4,9% em Minas Gerais, o maior produtor nacional, que em 2017 deve colher 45.700 toneladas

Calendário rural | AGOSTO

REGIÃO	Colheita	Plantio
CENTRO-OESTE		
Goiás	2ª	
Mato Grosso	2ª	
Mato Grosso do Sul	2ª	
NORDESTE		
Bahia	3ª, 2ª	
Ceará	2ª	
Maranhão		
NORTE		
Pará		
Rondônia		
Roraima	2ª	
SUDESTE		
Espírito Santo		
Minas Gerais	3ª, 2ª	
São Paulo	P/M, 2ª	
SUL		
Paraná	2ª	
Rio Grande do Sul		
Santa Catarina		

*VARIEDADES DE LARANJA – **P** (precoces): hamlin, pineapple, rubi e westin; **M** (meia-estação): pera; **T** (tardias): valência e natal. 1ª, 2ª e 3ª se referem à 1ª safra, 2ª safra e 3ª safra respectivamente

CULTURAS

Algodão, Amendoim, Arroz, Café, Cana, Cacau, Feijão, Fumo, Girassol, Laranja*, Mamona, Melão, Milho, Soja, Trigo

Mundo

NICARÁGUA

A safra de **café** deve atingir o recorde de 2,3 milhões de sacas de 60 quilos. O aumento é atribuído à estação chuvosa, que favoreceu a floração precoce das lavouras e a produção nos novos cafezais, que começam a dar frutos

ÍNDIA

A produção de **algodão** na safra 2017/2018 é estimada em 6,3 milhões de toneladas de pluma, volume 9,4% superior ao colhido na safra passada. Os estoques finais devem crescer 21,2%, para 3,163 milhões de toneladas

RÚSSIA

A safra 2017/2018 terá a maior exportação de grãos da história russa. A previsão de embarques é da ordem de 28 milhões de toneladas de **trigo**. 3,3 milhões de toneladas de **cevada** e 5,7 milhões de toneladas de **milho**

TAILÂNDIA

A produção de **arroz** superou as estimativas iniciais e atingiu 19,2 milhões de toneladas, volume 22% maior que na safra passada. O ganho vem do plantio fora da época normal, impulsionado pelo clima favorável e pela disponibilidade de água para irrigação

por Joesandra Silva

Chuvas na primavera ficam concentradas no Sul

Mesmo com a ausência do El Niño e a confirmação da manutenção da neutralidade climática no segundo semestre, as chuvas devem ficar concentradas no sul do país durante a maior parte da primavera.

Na Região Sul, em especial nas áreas produtoras do Rio Grande do Sul, entre a segunda quinzena de setembro e a primeira de outubro, haverá um período prolongado de chuvas volumosas e frequentes. Já em novembro, a chuva fica mais espaçada, o que pode dificultar o desenvolvimento das culturas de verão.

Com a neutralidade, há chance de frio tardio e se mantém o risco de geada na segunda quinzena de agosto e na primeira de setembro.

No Sudeste, as primeiras pancadas de chuvas começam na segunda quinzena de setembro, mas de forma irregular; em outubro, persiste a irregularidade. O volume deve ficar abaixo da média nesses meses. Somente em novembro o volume de precipitação aumenta e se regulariza. A demora na regularização pode atrasar o plantio das culturas precoces.

No Centro-Oeste, as primeiras pancadas também chegam em setembro; em outubro, o volume aumenta um pouco, mas continua de forma irregular. Já em novembro, a chuva regulariza e, como tende a diminuir na Região Sul, deve aumentar no Centro-Oeste e Sudeste.

Mas neste ano o produtor deve ter mais cautela, porque a chuva virá de forma mais espaçada. "E, como não há regularidade nos meses de setembro e outubro, o produtor que plantar mais cedo corre o risco de ter de fazer replantio", destaca Celso Oliveira, meteorologista da Somar Meteorologia.

Já no Matopiba, região que compreende parte dos Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, as primeiras pancadas chegam em outubro, mas de forma irregular. A partir de novembro, o volume aumenta e a chuva regulariza.

Neutralidade climática se mantém

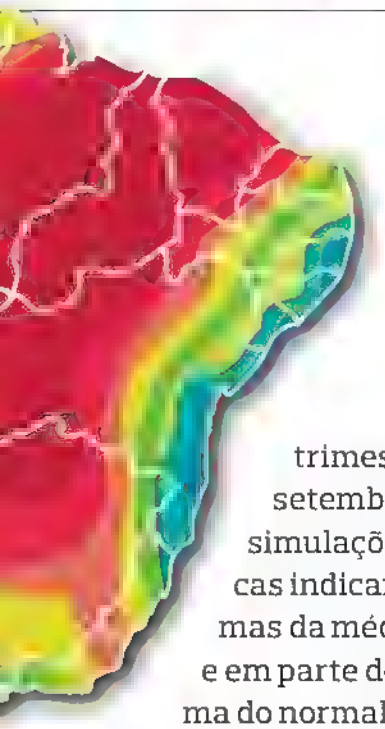
O segundo semestre de 2017 começou com a confirmação dos centros internacionais de meteorologia sobre a condição de neutralidade climática no período que vai do atual inverno até o verão de 2018.

Segundo o último boletim da NOAA (Agência Americana de Meteorologia e Oceanografia) junto ao IRI (Instituto Internacional de Pesquisa para o Clima), da Universidade da Colúmbia, divulgado em 13 de julho, se mantém o maior percentual de neutralidade ante o El Niño, fenômeno que aquece de forma anormal as águas do Oceano Pacífico equatorial.

Embora a neutralidade climática prevaleça, vale destacar que o último desvio de temperatura registrado entre abril e junho no Oceano Pacífico equatorial central chegou a 0,5° C, valor mínimo necessário para ser considerado El Niño. Mas a segunda exigência para que o aquecimento seja efetivamente rotulado como fenômeno é que permaneça por um período de pelo menos cinco trimestres consecutivos, o que não será cumprido.

Apesar da condição de neutralidade, isso não implicará em chuvas dentro da média no Brasil. Para o

Crescente (30/7) Cheia (7/8) Minguante (14/8) Nova (21/8) Fonte: Simepar



trimestre agosto-setembro-outubro, as simulações meteorológicas indicam chuvas próximas da média no sul do país e em parte do Nordeste, acima do normal entre o Amapá e Roraima e inferior à média no Sudeste e Centro-Oeste.

Já a temperatura ficará mais elevada que o normal na maior parte do Brasil. A exceção fica somente entre a Bahia e a divisa entre Goiás e Tocantins, no período entre o fim do inverno e o início da primavera, quando as temperaturas devem se manter mais frias que a média.

As informações são da
Somar Meteorologia
assessoria@somarmeteorologia.com.br
tempoagora.com.br

EUA

Frio antecipado pode afetar lavouras no norte do país

O mês de julho confirmou o padrão típico do verão americano, com redução das chuvas e elevação das temperaturas. Ainda assim, as condições de umidade do solo mostram padrões normais para esta época do ano e sem indicação de risco para o desenvolvimento das lavouras.

O desempenho das lavouras de soja e milho um pouco abaixo em relação ao ano passado não está associado às condições do verão, mas sim às circunstâncias de instalação entre o final de abril e o início de maio, quando houve episódios de chuvas fortes e frio extremo, que afetaram algumas regiões produtoras.

A estiagem regionalizada em julho foi mais evidente para as áreas produtoras mais ao norte, nos Estados de Dakota do Norte, Dakota do Sul, Minnesota e Iowa, enquanto as principais áreas produtoras mantiveram uma condição mais próxima do esperado para a época do ano.

A expectativa para agosto é de manutenção do padrão típico de verão, alternando períodos quentes com frentes frias. Isso significa chuvas dentro da média, sem fenômenos extremos e duradouros, o que, em tese, diminui o risco do clima representar quebra de safra.

A condição de neutralidade climática mantém a indicação de antecipação da chegada do frio para o fim de agosto e o início de setembro. "De forma que pode vir a afetar a fase final das lavouras plantadas mais tardiamente nas áreas produtoras mais ao norte do país", ressalta Paulo Etchichury, climatologista da Somar Meteorologia.

Estados Unidos
Umidade do solo
(JULHO/2017)

- Excessivamente seco
- Seco
- Anormalmente seco
- Pouco seco/Favoravelmenteúmido
- Anormalmente úmido
- Úmido
- Excessivamente úmido

Fonte: ClimatePrediction Center/NOAA

Agosto/Setembro **2017**

Eventos que você não pode perder nestes meses

AGOSTO

22 a 25

Fenasucro & Agrocana

Feira que reúne a cadeia produtiva do setor sucroenergético deve receber mais de 35 mil visitantes

Sertãozinho (SP)
(11) 3060-4717
fenasucro.com.br

14 a 16
Congresso ANDAV
Setor de distribuição de insumos agropecuários discute evolução do agronegócio no Brasil
São Paulo (SP)
(11) 3214-1300/3893-1304
congressoandav.com.b

24 a 25
5º Fórum de Agricultura da América do Sul
Curitiba (PR)
(41) 3321-5274
agrooutlook.com

25/8 a 24/9
35ª Expoflora 2017
Holambra (SP)
(19) 3802-1499
expoflora.com.br

26 a 3
Expointer
Estelo (RS)
expointer.rs.gov.br
peeab@seapa.rs.gov.br

29 /8 a 1/9
11º Congresso Brasileiro do Algodão
Macelo (AL)
(61) 3963-5769
congressodoalgodao.com.br

AGOSTO	15 SÁB	16 DOM	17 SEG	18 TER	19 QUA	20 QUI	21 SEX	22 SÁB	23 DOM	24 SEG	25 TER	26 QUA	27 QUI	28 SEX	29 SAB	30 DOM	31 SEG

12 a 21
Exporural
Salvador (BA)
(71) 3375-3860
accoba.com.br

15 a 17
Pet South America
São Paulo (SP)
petsa.com.br

19 a 27
ExpoGenética
Uberaba (MG)
(34) 3319-3900/3886
abcz.org.br

22 a 24
21º Food Ingredients South America
São Paulo (SP)
(11) 4878 5990
fi-events.com.br/pt/

15 a 16
AgrochemShow
São Paulo (SP)
(11) 99003-1192
agrochemshow.com.br
brasil@agrochemshow.com.br

17 a 18
Encontro sobre a Cultura do Amendoim
Campus Unesp Jaboticabal (SP)
(16) 3209-1303/(16) 3209-1300
funep.org.br

21 a 25
Encontro Maranhense de Ciências Agrárias
Imperatriz (MA)
(99) 99132-3883/99132-0079
emcauema.com.br/

27
Prova Final do Freio de Ouro
Estelo (RS)
(53) 3284-1450
cavalocrioulo.org.br/

1º a 24

Festa das Flores e Morangos de Atibaia

Atibaia (SP)
(11) 0800-555-979
festadasfloresdeatibaia.com.br

11 a 15

Congresso Brasileiro de Fruticultura

Programação do evento conta com conferências, mesas-redondas, minicursos e visitas técnicas

Porto Seguro (BA)
(65) 3621-1314
fruticultura2017.com.br

SETEMBRO	1 TER	2 QUA	3 QUI	4 SEX	5 SÁB	6 DOM	7 SEG	8 TER	9 QUA	10 QUI	11 SEX	12 SÁB	13 DOM	14 SEG	15 TER

6 a 10

Exposição Agropecuária, Comercial e Industrial de Tangará da Serra – Exposerra

Tangara da Serra (MT)
(65) 3325-0142
sindruraltangara.com.br

6 a 7

Irrigashow

Setor de tecnologia em irrigação mostra novas ideias e práticas sustentáveis

Campos de Holambra, Paranapanema (SP)
(14) 3769-1788
irrigashow.com.br/index.php

3 a 10

42ª Expofeira 2017

Feira de Santana (BA)
(75) 3602-4569
seagrifsa @hotmail.com

9 a 10

5º Dia de Campo e Negócios

Videira (SC)
(49) 3531-1369
diadecampo3marias.com.br

© THINKSTOCK 3 ROGERIO ALBUQUERQUE/EDITORA GLOBO

Scot Consultoria www.scotconsultoria.com.br

MILHO

Um olho na exportação; outro na safra americana

As cotações estão negativamente pressionadas em função do tamanho da oferta. A colheita da segunda safra e a baixa liquidez no mercado interno têm mantido o mercado estacionado.

A falta de espaço nos armazéns para guardar toda a produção, principalmente no Centro-Oeste, aumenta a especulação. O ritmo lento de comercialização da soja na temporada 2016/2017 piorou a situação, uma vez que um volume maior do grão continua ocupando os armazéns.

Em julho, até o dia 17, o preço médio da saca de 60 quilos, na região de Campinas, em São Paulo, ficou em R$ 25,54, sem frete.

Essa cotação representa uma queda de 1,8% na comparação mensal. Na comparação anual, com julho de 2016, a cotação atual está 41,4% menor – uma tremenda retração.

A pressão de baixa é maior na Região Centro-Oeste. Na média dos três Estados que a compõem, a cotação caiu 5,3% em julho em relação a junho.

A expectativa é que o viés de baixa em curto prazo (safra) continue. Porém, o ritmo de queda poderá ser menor, visto os atuais patamares de preços, em muitas regiões, abaixo do custo de produção.

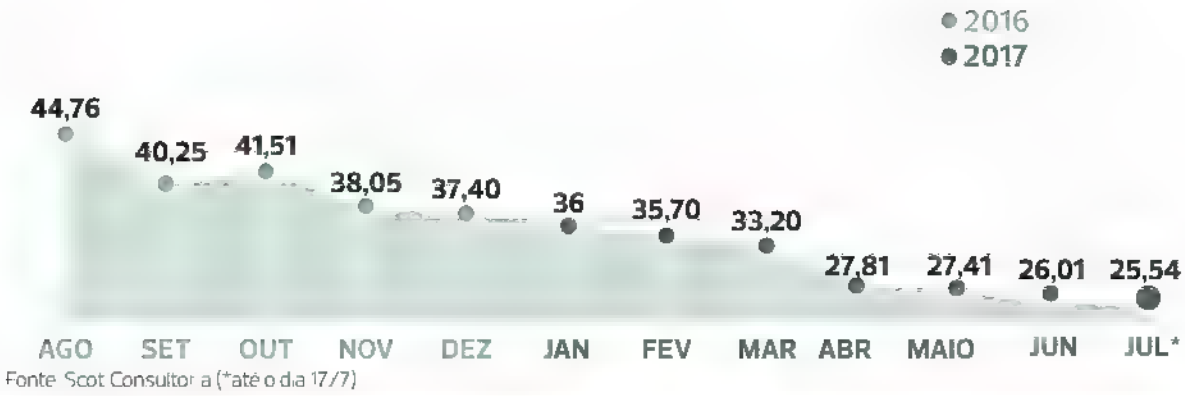
A exportação também deverá dar sustentação às cotações neste segundo semestre.

A média diária embarcada em junho foi de 26.820 toneladas, em comparação às 14.090 toneladas exportadas por dia em maio. Em julho, até a primeira semana, foram embarcadas, em média, 88.290 toneladas de milho por dia (MDIC).

O clima e o desenvolvimento da safra americana (2017/2018) devem ser acompanhados. As previsões apontam para um tempo quente e seco em julho e agosto nos Estados Unidos, o que poderá afetar a produtividade das lavouras.

O clima foi o principal fator de sustentação das cotações no mercado internacional no começo do segundo semestre.

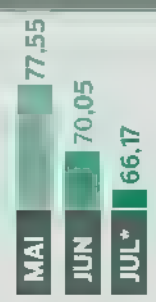
↗ Preço médio em Campinas (SP)
(em R$/saca de 60 kg)



Fonte: Scot Consultoria (*até o dia 17/7)

SUÍNOS
Exportação menor

A cotação do suíno terminado caiu 29% desde janeiro, queda semelhante à da cotação da carcaça. Em valores reais (descontando a inflação), os preços consolidados de junho, tanto da carne quanto da arroba, foram os menores para o mês desde 2013, último ano em que a economia cresceu de forma plena. E as desvalorizações continuaram na primeira quinzena de julho, com exportações 3% menores no primeiro semestre em relação a 2016 e consumo interno típico de ano de crise.



Preços médios do suíno terminado, em São Paulo – R$/kg
*Até 10/7

FRANGO
Perda de margem

A indústria perdeu margem no último trimestre, enquanto a remuneração do avicultor esteve estável. A diferença entre o preço pago pelo frango e o de venda da carcaça, na primeira quinzena de julho, ficou em 38%. Em maio, no mesmo período, a margem era de 48%. Mas a remuneração ao produtor foi a menor deste ano e caiu, em 12 meses, 15%, enquanto a margem do frigorífico, apesar da redução, é a mesma de julho de 2016 e está na média dos cinco últimos anos para o mês.

Preços médios mensais do frango vivo em SP – R$/kg
*Até 14/7

AÇÚCAR
Pressão de baixa

O tempo seco na região centro-sul favoreceu o avanço da colheita e a moagem de cana-de-açúcar. Com isso, na segunda quinzena de junho, a produção acumulada de açúcar na região superou pela primeira vez os numeros da safra passada, totalizando 11,05 milhões de toneladas. A maior disponibilidade da matéria-prima pressionou as cotações. Desde o início de junho até o fim da primeira quinzena de julho, a cotação caiu 19,3%.

Preço médio mensal da saca de 50 kg de açúcar cristal em São Paulo – R$/saca, com impostos, sem frete
*Até 14/7

SOJA

O sobe e desce do mercado climático

A previsão de clima seco e quente nos Estados Unidos e as especulações sobre os impactos desses fatores na produtividade das lavouras americanas deram sustentação às cotações no mercado internacional nas duas primeiras semanas de julho.

Essas altas repercutiram na cotação do grão no Brasil, com a ajuda do câmbio firme e a exportação em bons níveis. Em Paranaguá (PR), a saca chegou a ser negociada por R$ 75, sem frete, na primeira quinzena de julho. Já no final desta primeira quinzena, a queda do dólar, as previsões climáticas favoráveis para os Estados Unidos e os recuos na Bolsa de Chicago (CBOT) voltaram a pressionar para baixo as cotações, que retornaram a patamares próximos de R$ 70 por saca.

Em Paranaguá, até o dia 17 de julho, segundo levantamento da Scot Consultoria, a saca de 60 quilos ficou cotada, em média, em R$ 72,70.

Esse desempenho significou uma alta de 5,1% na comparação com a média de junho, no entanto, a cotação da saca está 17% menor em relação a julho de 2016.

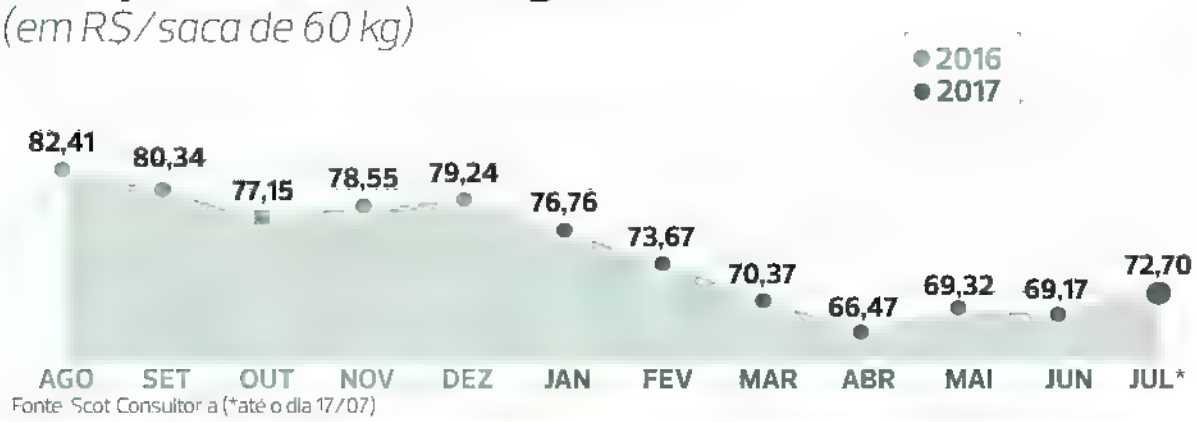
Com relação às exportações, em julho (até a primeira semana), a média diária embarcada esteve 38,6% maior que o registrado em igual período do ano passado (MDIC).

Em curto e médio prazos, a expectativa é que esse mercado de clima, com os agentes de mercado de olho no desenvolvimento das lavouras nos Estados Unidos, além do câmbio e da demanda, siga ditando o rumo das cotações interna e externamente.

Para o vendedor, atenção às oportunidades para negociar a produção.

↗ Preço médio em Paranaguá (PR)

(em R$/saca de 60 kg)



Fonte: Scot Consultoria (*até o dia 17/07)

SCOT CONSULTORIA

Alex Lopes, zootecnista (frango e suíno); **Gustavo Aguiar**, zootecnista (leite e custo de produção da pecuária); **Hyberville Neto**, médico-veterinário (boi gordo); **Felippe Reis**, zootecnista (algodão e café); **Breno de Lima**, zootecnista (açúcar e arroz); **Rafael Lima**, zootecnista (milho, soja e leite). **Coordenação: Alcides Torres**, engenheiro agrônomo; **Marina Zaia**, médica-veterinária. **scotconsultoria.com.br**. Tel. (17) 3343-5111

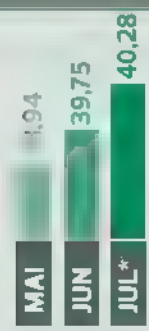
ALGODÃO
Viés de baixa

A colheita em Mato Grosso e na Bahia pressiona para baixo as cotações. Na média da primeira semana de julho, a pluma ficou cotada em R$ 86,92 por arroba, queda de 5,9% frente a junho. A queda nas exportações colabora com o cenário de baixa. No primeiro semestre, o Brasil embarcou 151.130 toneladas, volume 56,9% menor que em igual período de 2016. A expectativa de uma produção 15,4% maior em comparação à safra anterior deve manter o viés de baixa.

Média mensal do algodão em pluma Cepea** em R$/arroba. *Até 14/7. **Média dos principais Estados produtores

ARROZ
Oferta retraída

A demanda das indústrias em junho e a retração da oferta por parte dos produtores explicam o cenário de alta. O Banco do Brasil, que atende boa parte dos orizicultores no Sul, prorrogou os vencimentos das primeiras parcelas do crédito de custeio no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Assim, sem necessidade de fazer caixa imediatamente, os produtores preferiram frear as vendas, o que resultou em cotações firmes.



Médias mensais do indicador diário arroz em casca Cepea/Esalq/BM&FBovespa por saca de 50 kg, tipo 1 58/10, posto indústria RS, prazo de pagamento descontado pela taxa CDI/Cetip. *Até 14/7

CAFÉ
Estoque enxuto

Apesar de a colheita estar em andamento, o estoque interno enxuto e a ponta vendedora menos disposta a comercializar nos atuais patamares de preços têm limitado a desvalorização no mercado brasileiro. De qualquer maneira, permanece o viés de baixa, e a queda na exportação este ano colabora com esse cenário. No primeiro semestre, o Brasil exportou 13,39 milhões de sacas (60 quilos). O volume foi 7% menor que em igual período do ano passado.

Indicador Cepea/Esalq mercado físico de café arábica em R$ por saca de 60 kg líquido bica corrida, tipo 6 bebida dura para melhor, valor descontado o prazo de pagamento pela taxa da NPR, posto praça da cidade de São Paulo (média mensal). *Até 14/7

BAIXE O APP

GLOBORURAL

e tenha tudo sobre o cenário da agronomia e da pecuária

- Destaques
- Fácil de navegar
- Últimas edições
- Leitura off-line
- Melhor experiência de leitura

BAIXE GRÁTIS. DISPONÍVEL PARA iOS

ACESSE APP.REVISTAGLOBRURAL.COM.BR

EDITORA GLOBO 65 ANOS

Esquilo-da-mongólia

Opção entre os roedores adaptados ao ambiente doméstico, o mamífero de 9 centímetros pode ser fonte de renda para o criador interessado no crescente mercado de animais de estimação

Texto **João Mathias**
Consultor **Pierre J. Alonso***

© TH NKSTOCK

COMO CRIAR

Parece não haver crise para o mercado pet, que vem se expandindo continuamente nos últimos anos. O segmento não está livre dos impactos da desaceleração da economia brasileira, mas tem mantido um ritmo de crescimento atraente para investidores de empreendimentos de todos os tamanhos. Embora cães e gatos sejam de longe os que representam a maior parcela de animais de estimação existentes, há um grande leque de opções de bichos para escolher como companhia.

Entre os pequenos roedores que vivem bem em gaiolas e apresentam boa adaptação ao ambiente doméstico, o esquilo-da-mongólia *(Meriones unguiculatus)* é uma alternativa que ainda tem demanda pouco explorada por aqui. Chamado de gerbil na Europa e nos Estados Unidos, país onde já é popular no convívio em residências, o animal dócil e fácil de lidar reúne características adequadas para gerar renda com vendas no comércio da criação.

Sem apresentar grandes dificuldades em seu manejo, o esquilo-da-mongólia é uma boa opção até para os mais inexperientes com a atividade. De pequeno porte, com cerca de 9 centímetros de comprimento – apesar de também contar com outros 9 centímetros de cauda –, o animal vive bem em locais com pouco espaço e não exige muitos cuidados, embora seja muito ativo de dia e de noite, tirando apenas alguns cochilos.

Mas basta fornecer brinquedos, que podem ser comprados em lojas especializadas, para entreter o mamífero curioso e explorador, que se diverte até com a construção de ninhos se tiver acesso a qualquer material por

THINKSTOCK

> Sem apresentar grandes dificuldades em seu manejo, o animal é uma boa opção até para os mais inexperientes com a atividade"

perto. Diferentemente das curtas patas dianteiras, usadas para manipular os alimentos, as traseiras são longas, facilitando a movimentação rápida do roedor. Grandes, os olhos permitem a ele uma visão ampla, enquanto as orelhas, redondas e pequenas, são sensíveis a qualquer ruído.

O esquilo-da-mongólia ainda tem a vantagem de ser limpo e livre de mal cheiro em comparação a outros roedores domesticados. A expectativa de vida, no entanto, chega a três ou, no máximo, quatro anos.

"Agouti" é a denominação da cor original dos pelos, cujos fios marrons e de pontas pretas apresentam um tom dourado. Contudo, cruzamentos da espécie deram origem a outras colorações, como preto, branco, cinza-amarronzado e versões inusitadas de exemplares com pintas brancas e azulados, além dos albinos, identificados pelos olhos vermelhos.

O esquilo-da-mongólia é oriundo da Ásia, mas é incerta a área onde surgiu no continente. Alguns relatos dão conta de que o animal vem da parte central, enquanto outros indicam que o Oriente Médio é o berço do mamífero. A região semideserta da Mongólia e o nordeste da China também são considerados outros locais de origem do roedor.

***Pierre J. Alonso** é zootecnista e consultor, tel (11) 99621-7725, pierre.alonso@uol.com.br

ONDE ADQUIRIR: em criadouros ou lojas especializadas, onde podem ser fornecidas mais orientações sobre o mercado

MAIS INFORMAÇÕES: Abrase (Associação Brasileira de Criadores e Comerciantes de Animais Silvestres e Exóticos) encaminha dúvidas a especialistas da região, tel (21) 2218-7881, abrase@ism.com.br

MÃOS À OBRA

>>> INÍCIO A compra de animais saudáveis é muito importante para assegurar a implantação de uma atividade sem dificuldades. Assim, a aquisição dos primeiros casais deve ser feita com criadores idôneos e com referência. Nem por isso, no entanto, deixe de observar se os exemplares que serão adquiridos são vivazes e apresentam agilidade.

>>> AMBIENTE Recomendado é o que tem clima ameno na maior parte do ano. Ao redor de 23 °C é uma temperatura agradável para o esquilo-da-mongólia viver. Mesmo assim, é preciso tomar cuidado onde serão instalados, evitando locais com rajadas de vento e com alta incidência de raios solares. O indicado é uma área arejada, com iluminação indireta e protegida do acesso de outros animais, a fim de impedir a possibilidade de transmissões de doenças e outras contaminações.

>>> CAIXAS Plásticas utilizadas em laboratórios são adequadas para a criação do esquilo-da-mongólia. Elas têm grade de proteção e espaço suficiente para a instalação de comedouro de cerâmica, de bebedouro com bico e da forração de serragem grossa de pinho, areia ou granulado sanitário para gato. Disponibilize feno macio ou uma pequena caixa de madeira para fazer de toca ou cama.

>>> ALIMENTAÇÃO É à base de grãos e sementes, embora também goste de comer folhosas e ração industrializada, vendida no varejo especializado. O consumo médio diário é de 5 a 8 gramas para cada 100 gramas de peso do animal. Embora faça parte da dieta, evite oferecer insetos, para não induzir a criação a atos de canibalismo. Forneça galhos ou cascas de árvores para ajudar o esquilo-da-mongólia a desgastar seus dentes incisivos, que têm crescimento constante.

>>> CUIDADOS Substitua água por pó de mármore ou bicarbonato em uma pequena vasilha que servirá de banheira para o animal. A troca é uma prevenção contra o risco de o animal pegar uma pneumonia. Apesar de serem limpos, mantenha as gaiolas higienizadas frequentemente, eliminando toda a sujeira e passando pano úmido com água e álcool.

>>> REPRODUÇÃO A partir de 65 dias de vida, sendo que alguns podem demorar até 85 dias para iniciar a procriação. No período, macho e fêmea precisam conviver na mesma gaiola, já que o cio se manifesta apenas por 24 horas, com intervalos de quatro a cinco dias. Com gestação variando de 24 a 26 dias, as mães geram, em média, seis crias por ano. Os filhotes devem ser separados dos pais ao completarem três ou quatro semanas. Com 30 dias, é hora de colocar os machos – identificados pelo apalpamento dos testículos salientes – em uma gaiola e as fêmeas em outras individualmente, já que são dominantes na espécie.

RAIO X

Criação mínima: ideal iniciar com, pelo menos, dois casais
Custo: em média R$ 200 é o preço do casal
Retorno: aproximadamente 6 meses
Reprodução: de 4 a 5 posturas por ano

Bertalha

Hortaliça rústica com boa produção durante o ano todo, tem folhas semelhantes às do espinafre, que são saborosas para o consumo em refogados e outras preparações culinárias

Texto **João Mathias** * Consultora **Izabel Cristina dos Santos***

© TH NKSTOCK

Após sentir o sabor agradável das folhas verdes que brotaram espontaneamente no quintal de sua casa, um leitor solicitou à GLOBO RURAL a identificação da planta. A equipe de consultores desta revista verificou que se tratava da bertalha (*Basella alba*), hortaliça que a maioria dos brasileiros desconhece e ainda muitos agricultores não descobriram o potencial comercial das vendas em maço que a cultura oferece.

Produtores que já são familiarizados com a plantação listam as vantagens do cultivo da folhosa: cresce com facilidade, tem boa produtividade o ano inteiro (estima-se oscilar entre 15.000 e 37.000 quilos por hectare), apresenta resistência a temperaturas altas e umidade elevada, registra poucos ataques de pragas e não requer muita adubação, o que reduz o custo de produção.

Oriunda do sudeste da Ásia e com presença aqui destacada no Estado do Rio de Janeiro, a bertalha é uma trepadeira vigorosa, com folhas grandes, de textura espessa e cor semelhante à do espinafre, podendo substituí-lo em várias preparações culinárias. Fonte de vitaminas A e C, cálcio, ferro e fósforo, além de digestiva, pode ser consumi-

> Fonte de vitaminas A e C, cálcio, ferro e fósforo, além de digestiva, pode ser consumida cozida em sopas, refogada ou em recheio de tortas, panquecas, entre outras receitas"

da cozida em sopas, refogada ou em recheio de tortas, panquecas, entre outras receitas.

Pertencente à família *Basellaceae*, a bertalha faz parte do projeto de retomada das hortaliças "não convencionais", promovido pelo Centro Nacional de Pesquisa em Hortaliças, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), e pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater-MG), em parceria com o Ministério da Agricultura e com a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado de Minas Gerais (Epamig-MG).

Vale ressaltar que também há no país a falsa-bertalha *(Anredera cordifolia)*, assim conhecida para se distinguir da bertalha "verdadeira". Chamada de bertalha-coração, devido ao formato das folhas lisas e brilhantes, é nativa do Brasil e consumida, sobretudo, nos Estados do Sul, onde predomina seu plantio.

Na região, ainda tem os nomes de espinafre-gaúcho, folha-gorda e folha-santa, devido às propriedades medicinais que possui. Por contar com mucilagem – substância rica em polissacarídeos que torna-se viscosa em contato com a água –, foi batizada como "ora-pro-nóbis sem espinho" no norte de Minas Gerais.

***Izabel Cristina dos Santos** é doutora em fitotecnia, pesquisadora da Epamig Sul, Campo Experimental Risoleta Neves. Av. Visconde do Rio Preto, s/nº, Vila São Paulo. São João del-Rei (MG). CEP 36301-360. tel. (32) 3379-2649.

Onde adquirir: as sementes são vendidas em lojas de produtos agropecuários.

Mais informações. Embrapa Hortaliças. BR-060, Km 09, Caixa Postal 218, CEP 70359-970, Brasília (DF). tel. (61) 3385-9000, www.embrapa.br/fale-conosco e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG). Av. Raja Gabaglia, 1626, CEP 30441-194, Belo Horizonte (MG), tel. (31) 3349-8001.

MÃOS À OBRA

>>> INÍCIO As sementes para a propagação da bertalha são vendidas em lojas especializadas. Podem ser encontradas até em casas de jardinagem. Dotadas de tegumento espesso, precisam ser deixadas de molho durante 24 horas na água em temperatura ambiente para quebrar a dormência.

>>> AMBIENTE Ensolarado e com temperaturas elevadas, entre 26 °C e 28 °C, é o mais adequado para o desenvolvimento da hortaliça, que não tolera geadas. Para a germinação das sementes, a faixa é mais extensa, de 15 °C a 30 °C. Regiões com chuvas abundantes e bem distribuídas são favoráveis para a produção da cultura.

>>> PLANTIO Nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, é recomendado nos meses mais quentes, entre setembro e fevereiro, enquanto no Centro-Oeste e Norte pode ser o ano todo. Em solo leve, fértil e rico em matéria orgânica, faça aração e gradagem, seguidas de coveamento e adubação, se adotar o sistema convencional. No caso do plantio direto, revolva as covas, deixando o solo protegido por uma cobertura morta. Mudas também podem ser produzidas em sementeiras no solo, em bandejas, em saquinhos de papel ou por outro método.

>>> ESPAÇAMENTO Para sementeira no solo, marque linhas distantes 10 centímetros uma da outra e coloque uma semente a cada 3 a 4 centímetros. Em bandejas e copinhos, usa-se uma semente por célula. Leva de oito a dez dias para germinar e, depois de 20 dias ou com 10 centímetros de altura, as mudas estão prontas para o transplante. A semeadura no plantio direto é feita em sulcos distanciados em 80 centímetros, deixando-se, após desbaste, um espaço de 50 centímetros entre as plantas de crescimento indeterminado e de 40 centímetros para as de crescimento determinado.

>>> CUIDADOS Tanto a calagem quanto a adubação devem ser realizadas segundo o resultado da análise de solo. Se for necessário, corrija a acidez do solo com antecedência, ajustando o pH entre 5,5 e 6,5. No plantio, opte pelo adubo fosfatado e parte do adubo nitrogenado e potássico, além da adubação orgânica. A cobertura aos 15, 20 dias deve ser feita com fontes nitrogenadas e, de acordo com o manejo, potássicas e com matéria orgânica. Após cada corte, indica-se adubação de 30 quilos de nitrogênio por hectare. Limpe o terreno com capinas manuais e/ou mecânicas e regue as plantas sem excesso.

>>> PRODUÇÃO Começa após 60 a 90 dias do transplante das mudas. Corte os ramos com 40 centímetros de comprimento e elimine os que apresentam defeitos. Lave-os em água corrente e de boa qualidade. Ao amarrar os ramos em maços, a recomendação é que cada um tenha peso médio de 300 gramas. Para o consumo doméstico, uma alternativa é colher apenas as folhas maiores. Importante lembrar que todo o manuseio da bertalha deve ser feito à sombra, além de o transporte ser realizado à noite, para evitar o calor do dia.

RAIO X

Solo: eve, férti e com bom teor de mater a orgânica
Clima: de preferência quente
Área mínima: pode ser plantada em canteiros, vasos ou jardineiras
Colheita: 60 a 90 dias após o transplante
Custo: as sementes tem s do fornecidas entre produtores

Da roça

de seu pai vinha o sustento da família. Nascida na zona rural do Rio Grande do Norte, Kauany Sousa aprendeu a ler e a escrever debaixo de uma árvore. Sem energia elétrica, era difícil enxergar o futuro. Até que, aos 17 anos, chegou sua primeira TV. Kauany só tinha olhos para o Futura, até entrar na faculdade.

Lá, Kauany foi escolhida para participar da oficina de audiovisual no Futura.

Depois de muitos desafios superados, ela realizou o sonho de produzir

conteúdos tão incríveis quanto sua história e levar tudo isso direto

para o microfone.

Kauany está online. futura Kauany está no Futura.

futuraplay.org

PARCEIROS MANTENEDORES

Votorantim

Fundação Bradesco

Sistema Fecomércio RJ Sesc Senac

Itaú Social

FIESP SESI SENAI

CNI Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

Curiosidade insaciável

Para com isso, menino! Deixa de ser glutão! Aquela palavra gorda e diferente entrava pelos meus ouvidos um tanto de vezes por dia quando era criança. Só não continuou entrando porque tia Alda morreu com aqueles olhos muito azuis e tranças brancas, grossas.

Mas não dava para impedir, era assim que eu tinha nascido, curioso. Porque é quase impossível matar a curiosidade por comida. Cada qual com um formato, cores diferentes, cheiros e o gosto, que vontade de saber o gosto... Sem comer, sem experimentar, você fica diante do mistério, do não sabido, da árvore do bem e do mal.

Minha mãe que era o verdadeiro segredo. Como conseguira aprender a lidar com todos os ingredientes do mundo se nunca lhe tinham ensinado nada, a não ser fazer contas e escrever redações? E nem um livro de cozinha tinha para estudar na calada da noite.

Eu precisava descobrir que novidade era aquela que havia feito e posto no armário, lá no alto, dentro de um vidro. Subi com dificuldade pela pia, abri a jarra com a mão muito esticada, e pesquei...um quiabo! Às vezes acontecia isso, era um anticlímax, afinal. Só que depois de posto na boca se revelava. Um quiabinho pequeno, tenro. Desde muito pequeno eu já sabia comer picles, já vira como se fazia, água, vinagre, sal, alho e pimenta, na maioria das vezes. Daí punha os legumes dentro e fechava muito bem. Comecei a entender de transformações, pois não existia gosto melhor, mesmo nos legumes que eu evitava comer ensopadinhos na mesa de todo dia.

Era aquele susto azedo atapetado pelo alho que perdia o excesso, o choque da pimenta, e enfim o legume orquestrado por todos aqueles pequenos sabores.

No frio, então, a comida agasalha. De verdade. Existem momentos de paz na vida, mas ter na sua frente um prato fundo, cheio de mingau muito quente, o de fubá, então, é o sossego que só a felicidade traz. Bem no meio, um tantinho de manteiga se derretendo. O prato fundo tem de ser bonito, de preferência gordo e branco. Melhor uma colher pesada, combina com a densidade do mingau amarelo-claro.

Menino, começa das beiradas para não queimar a boca!

E era das beiradas que eu começava, devagar, lambendo os beiços onde o creme de fubá se grudava. Nunca foi muito doce, quase nada, só para dizer que não era salgado.

E muito de vez em quando a mãe resolvia fazer uma farofa com o mesmo fubá, farofa que tinha o nome triste de farinha de cachorro. Por quê? Ninguém sabe.

Aprendi a fazer, porque tudo que era demorado ou repetitivo me ensinavam. Punha o fubá na panela com uns quadradinhos de bacon. E não se podia parar de mexer que pregava no fundo. Um tempão, eu ficava prestando atenção na mudança da gordura que se encolhia, ia diminuindo até quase virar uma pinta colorida. E o fubá também, passava a ter uma textura mais grosseira quando a certa altura, uma meia hora depois, era declarado pronto e comido com um caldo de feijão grosso, feijão mulatinho.

Nunca tive muita curiosidade por doces, gostava, comia, mas por causa deles ninguém me chamava de glutão. Também os doces da infância eram simplicidades, como banana frita com canela, pudim de leite, cajuzinhos, mas tinha um especialíssimo que era feito só uma vez por ano, se tanto, para meu avô. Os figos recheados com nozes, aqueles davam trabalho desde a hora de descascar. Só para comer eram fáceis, muito macios, cor de esmeralda contrastando com o dourado fosco da noz.

Para de ser glutão, menino! Nunca parei, e já disse que não era gula, era curiosidade por um mundo tão rico que atormentava meus sentidos. Um dia eu conto da surpresa da alcachofra.

NINA HORTA é cozinheira escritora e proprietária do bufê Ginger. É autora dos livros *Não é sopa* (uma mistura saborosa de crônicas e receitas) e *Vamos comer*

© THINKSTOCK

Ovo sem gema

De um tempo para cá, uma galinha da minha criação caseira passou a botar ovos sem gemas. Por que será?

Del Vecchio Puppin
via Facebook

A FALTA de gema na composição do ovo pode ocorrer em aves que apresentam algum problema genetico. Além da possibilidade da existência da anomalia nos órgãos reprodutores, galinhas que estão em idade avançada também podem registrar algum distúrbio na geração de ovos. Em geral, quando tornam-se idosas, as aves interrompem a reprodução e a postura. Porém, em alguns casos raros em que ainda continuam produzindo, o processo de formação de ovos pode estar com alguma deficiência. Em média, na idade jovem, a galinha bota um ovo por dia, chegando a somar um total de 13 a 15 unidades durante o período de postura.

CONSULTORA: MARIA VIRGÍNIA F. DA SILVA, Associação Brasileira dos Criadores de Aves de Raças Puras (ABC Aves); endereço para correspondência: Rua Ferrucio Dupré, 68, CEP 04776-180, São Paulo, SP, tel. (11) 5667-3495, abcaves.com.br

Moscas em colmeias

Como combater os forídeos das caixas de abelhas sem ferrão?

Kaká Obnesorg
via Facebook

FORÍDEOS são mosquinhas que depositam ovos nos potes de pólen das abelhas. Podem até matar a colônia se a infestação for muito severa. Sempre vede as frestas da colmeia com fitas adesivas, para impedir o ingresso das moscas, ou reduza o orifício da entrada com cera, permitindo a passagem de uma abelha por vez. Caso ocorra infestação, faça armadilhas colocando cerca de 3 a 5 mililitros de vinagre em um pote pequeno com perfuração na tampa, na qual consigam passar apenas os forídeos para se afogarem. É necessário desobstruir o orifício uma vez ao dia, pois as abelhas tendem a fechá-lo com própolis. Veja mais detalhes no seguinte link http://www.apacame.org.br/mensagemdoce/121/artigo3.htm. Se houver forídeos escondidos nas frestas, abra a colônia duas vezes por dia e sopre forte por alguns minutos. Em seguida, feche a caixa com fita adesiva.

CONSULTOR: CRISTIANO MENEZES, doutor em entomologia e pesquisador na área de meliponicultura da Embrapa Amazônia Oriental, Tv. Dr. Enéas Pinheiro, s/nº, Caixa Postal 48, CEP 66095-100, Belém (PA), tel. (91) 3204-1000, em brapa.br/fale-conosco

Micorrizas aumentam absorção de nutrientes

Quais os benefícios do uso de micorrizas na agricultura, especialmente em plantios de arroz, milho, soja e feijão?

Joaquim
via Facebook

MICORRIZAS são associações entre fungos e raízes de plantas classificadas como vasculares, que ocorrem nos mais diversos ecossistemas terrestres existentes. Na maioria das plantas, as micorrizas provocam colonização das raízes, o que leva ao aumento da área de influência do fenômeno no organismo. Como resultado, dá-se uma maior absorção de nutrientes, sobretudo de fósforo, processo que contribui para um melhor desenvolvimento e aumento de produtividade verificado na planta. Zinco e cobre são outros nutrientes que se destacam na ocorrência da evolução de micorrizas, termo que significa literalmente "fungo de raiz".

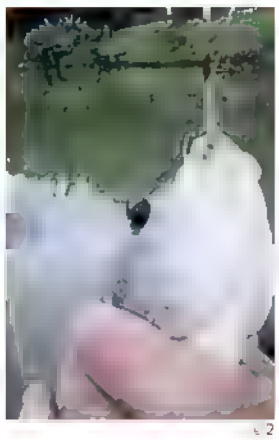
CONSULTOR: EMBRAPA ARROZ E FEIJÃO, Rodovia GO-462, Km 12, Fazenda Cap.vara, Zona Rural, Caixa Postal 179, CEP 75375-000, Santo Antônio de Goiás (GO), embrapa.br/fale-conosco

©1 E 3 THINKSTOCK E 2 REPRODUÇÃO

Melhor não consumir peixe com aparência de doente

Há risco se consumirmos os peixes de nosso açude, que estão apresentando algo gelatinoso sobre os olhos?

Fernando Pezotti
via Facebook



OS PROBLEMAS nos olhos dos peixes podem ser devido à alguma lesão ou doença, como catarata, inchaço, hemorragia ou infecções. A identificação é possível por meio da realização de uma biópsia. Mas uma vez estabelecida, qualquer enfermidade é difícil de ser tratada em peixes. As condições do ambiente aquático influenciam na saúde da criação. Alguns exemplos são existência de muita materia orgânica no lago, prejudicando a qualidade da água; ocorrência de temperaturas altas por vários dias; problemas nutricionais (ração inadequada ou armazenagem incorreta da alimentação); e introdução de peixes novos, que podem trazer patógenos e provocar oscilações bruscas de temperatura. Renove a água, se for possível, e diminua a população, além de assegurar a qualidade da ração. Na dúvida, é melhor não consumir os peixes que apresentam problemas.

CONSULTOR: JORGE MENESES, biólogo e consultor em piscicultura, tels. (11) 3081 4128 e (11) 99811 6744, tecnofishconsultoria@uol.com.br

Bezerro inapetente

Desde que nasceu, um bezerro nelore não apresenta apetite e rejeita leite até na mamadeira. O que fazer para salvá-lo?

Paula Seruti
via Facebook

BEZERROS que nascem fracos ou de vacas primíparas (primeiro parto) costumam ter dificuldade de mamar. Recomenda-se fornecer aos filhotes, no mínimo, 2 litros de colostro nas primeiras horas de vida. Em casos críticos, pode ser necessária a alimentação forçada, com o uso de sonda esofágica sob os cuidados de um médico-veterinário. São causas do distúrbio inexperiência da vaca, que não lambe a cria adequadamente para secá-la, aquecê-la e estimular a respiração; problemas de conformação do úbere e tetos, que complicam a pegada pelo bezerro. Partos demorados e dolorosos ainda fazem as mães menos dedicadas as crias e, se ocorrerem em condições desfavoráveis, podem provocar perda de temperatura no recém-nascido. Doenças infecciosas também causam nascimento de bezerros fracos ou com anomalias congênitas que prejudicam a mamada.

CONSULTORA: VANESSA FELIPE, pesquisadora da Embrapa Gado de Corte Av Rádio Maia, 830, Zona Rural, CEP 79106 550, Campo Grande (MS), tel. (67) 3368 2000, embrapa.br/fale conosco

Coqueiro plantado na terra

É verdade que pode não vingar o coqueiro que tenho em casa, porque plantei o pé de coco-anão na terra em vez de areia?

Joana Darc
via Facebook

A SEMENTE do coqueiro germina independentemente do tipo de solo no qual foi plantada. Se há boas condições de umidade do terreno, ocorre a emissão da plântula e das raízes e o desenvolvimento se dá normalmente, se receber os tratos culturais necessarios. Para isso, no entanto, é importante que seja usado material de boa qualidade, com 11 a 12 meses de idade, período em que se apresenta na coloração parda. Atente-se para evitar a utilização de sementes mais velhas, que já não dispõem de viabilidade de realizar a germinação. Esses exemplares são conhecidos popularmente como "coco velado".

CONSULTOR: HUMBERTO ROLLEMBERG FONTES, engenheiro agrônomo, pesquisador em fitotecnia da Embrapa Tabuleiros Costeiros (CPATC), Av Beira Mar, 3250, Bairro 13 de Julho, Caixa Postal 44, CEP 49025 040, Aracaju (SE), tel. (79) 4009 1311, embrapa.br/fale conosco

© 1 3 E 4 TH NKSTOCK 2 ARQUIVO PESSOAL.

Ovelha acasalada por bode

Algumas ovelhas de um pequeno rebanho que tenho foram cobertas por um bode dos poucos caprinos que crio tudo junto. É possível esse tipo de cruzamento, inclusive quando as mesmas ovelhas também foram acasaladas por carneiros?

Jânio Camerino
via Facebook

A COBERTURA de ovelhas por caprinos é possível, mas a prenhez é rara. Como alguns bodes possuem libido mais forte comparado a certos carneiros, eles podem montar tanto fêmeas da sua espécie quanto da ovina, mesmo se elas não estiverem no cio. Se houver cruzamento, o nome que se dá é hibridismo interespecífico – semelhante ao que acontece com um cavalo e uma jumenta, por exemplo. Contudo, vale esclarecer que, como ovelhas e bodes são geneticamente diferentes (o número de cromossomos de ovinos é 54 e de caprinos 60), a gestação não dura mais que dois meses. Em média, é de 150 dias a prenhez de uma ovelha. Quando ocorre o contrário – um carneiro fertiliza uma cabra –, o híbrido nasce e se desenvolve, sendo conhecido por "chabino".

CONSULTOR: EMBRAPA CAPRINOS E OVINOS Fazenda Três Lagoas. Estrada Sobral Groaíras, Km 4, Caixa Postal 71, CEP 62010 970, Sobral (CE) tel (88) 3112 7400, embrapa br/fale conosco

SAFRAS Educacional
Aprenda com especialistas da consultoria líder do agronegócio brasileiro

safras & mercado EDUCACIONAL

Curso Trading School Aplicado aos Mercados de Soja e Milho

São Paulo – SP	Maringá – PR	Dourados – MS
AGOSTO	SETEMBRO	SETEMBRO

Curso de Comercialização de Milho e Soja

Cascavel – PR	Sorriso – MT	Rio Verde – GO
AGOSTO	AGOSTO	SETEMBRO

INSCREVA-SE: Fone: (11) 3053-2736 (11) 95219-7239 educacional@safras.com.br www.safras.com.br

Manacá desfolhado

Meu marido já colocou fungicida e adubou, mas assim mesmo continuou a perder folhas com ferrugem o manacá-da-serra que por anos produziu lindas flores. O que faço?

Rosa Helena
via Facebook

DIFERENTEMENTE de manacás-da-serra nativos, que apresentam ciclo de vida mais longo e são mais resistentes à doenças, exemplares híbridos vivem menos, além de serem vulneráveis à ocorrência de enfermidades. Por isso, se for híbrida a variedade do manacá-da-serra que está perdendo as folhas, a planta mostra sinais de que já está morrendo e não há mais o que fazer para salvá-la. Solicite à Secretaria de Agricultura do município a visita de um profissional que possa identificar a correta origem do manacá ou consulte um especialista da área agrícola da região com referência.

CONSULTOR: FÁBIO PADILHA, doutor em agronomia especializado em paisagismo e floricultura. Plantas & Planos Assessoria e Consultoria em Agricultura, Meio Ambiente e Sustentabilidade, tel. (61) 98601-8619, fabioapviana25@gmail.com

Tempo para produzir mandioca

Quantos dias demoram para nascer um pé de mandioca?

Marcos Rocha
via Facebook

NO CULTIVO de mandioca, a brotação das manivas-semente e o aparecimento de raízes na região dos nós e na extremidade basal das estacas acontecem a partir do quinto dia após o plantio. Os primeiros talos surgem logo depois, seguidos por pequenas folhas, de dez a 12 dias do período que foi realizada a plantação da hortaliça. A primeira fase do desenvolvimento da cultura completa-se aos 15 dias. Procure evitar a mistura de cultivares de mandioca, mas, se for necessário, então faça o plantio em quadras separadas. Raiz de casca rugosa, escura ou clara, fina e de polpa branca ou amarelada, que pertence à família *Euphorbiaceae*, a mandioca possui uma enorme gama de variedades regionais.

CONSULTOR: MAUTO DE SOUZA DINIZ, engenheiro agrônomo, mestre em produção vegetal e pesquisador em transferência de tecnologia da Embrapa Mandioca e Fruticultura, Rua Embrapa, s/nº, Cruz das Almas (BA), CEP 44380-000, tel. (75) 3312-8052, embrapa.br/fale-conosco

Pintas pretas no mamão

Não consigo colher sequer um fruto do mamoeiro, pois, cheios de pintas pretas, os mamões caem e as sementes mantêm-se brancas. O que faço?

Welington Azzi
via Facebook

A PINTA PRETA, ou varíola do mamoeiro, é uma doença que ataca frutos e folhas. No caso de o pomar ser em fundo de quintal ou pequeno, retire todas as folhas baixeiras, amareladas ou com mais de 50% cobertos por pintas. Faça pulverizações com um produto à base de difeconazol, na dosagem de 30 mililitros para 100 litros de água, no início da formação dos mamões, e reaplique a cada sete a dez dias. Outra moléstia é a podridão pedunculár, que ocorre em fruto que passou do ponto de colheita. Por isso, adote fungicidas sete dias antes de colher os mamões próximos ao amadurecimento. Como pode ser causada por diversos fungos, para alguns deles existem princípios ativos registrados. Entretanto, é necessário consultar um técnico especializado para definição de uso, dosagens e procedimentos para as aplicações.

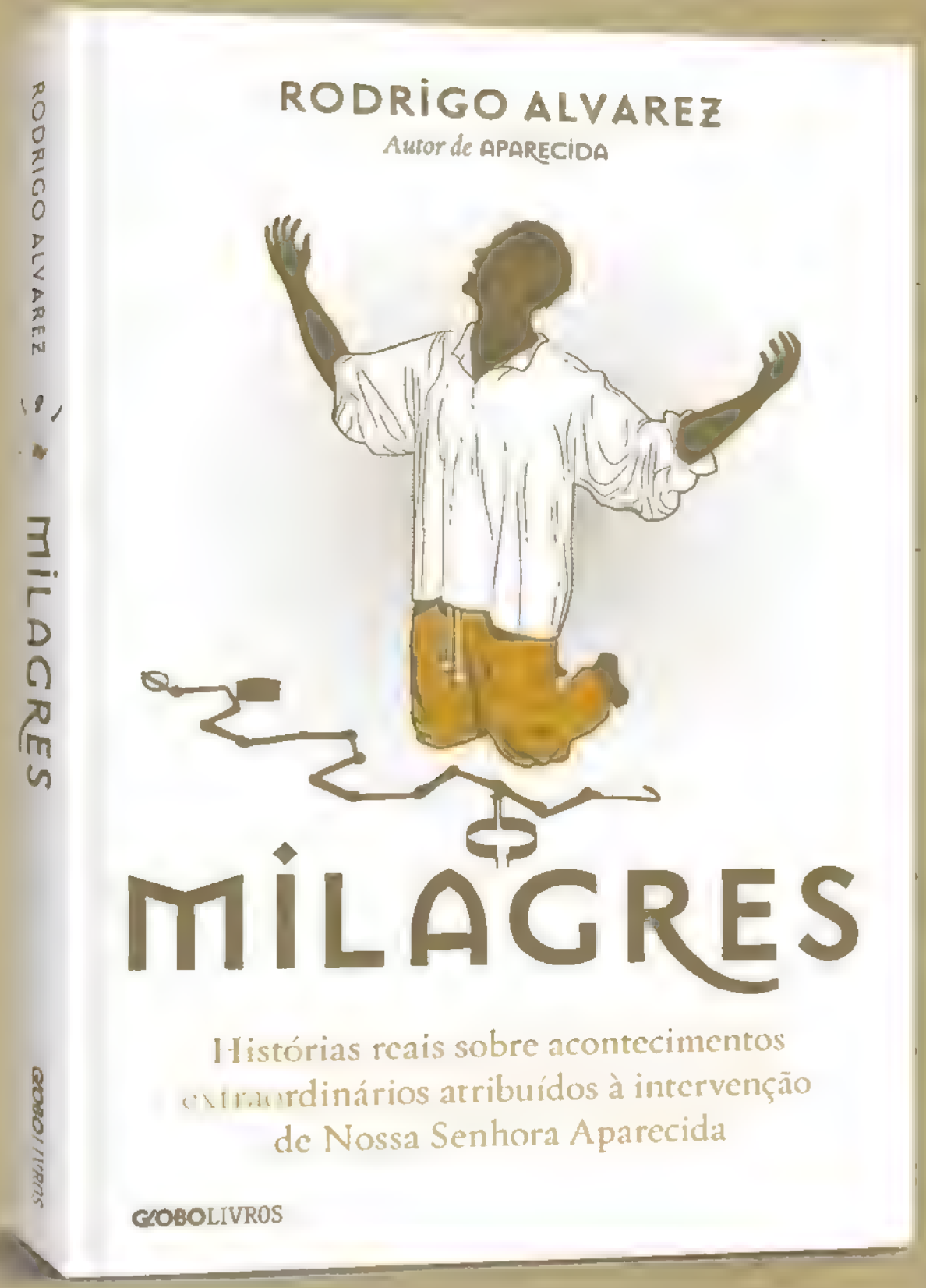
CONSULTOR: HERMES PEIXOTO SANTOS FILHO, pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura, C.P. 007, CEP 44380-000, Cruz das Almas (BA), tel. (75) 3312-8038, embrapa.br/fale-conosco

©1 E 2 THINKSTOCK; 3 ARQUIVO PESSOAL

O PODER DA PADROEIRA DO BRASIL

Rodrigo Alvarez, correspondente da TV Globo e autor do best-seller ***Aparecida***, foi o **único jornalista que teve acesso ao "baú" dos milagres do Santuário Nacional de Aparecida.**

Após meses mergulhado nas mais incríveis histórias de fiéis, ele relata **acontecimentos extraordinários** associados à santa que é o maior símbolo



www.globolivros.com.br

NAS LIVRARIAS E EM E-BOOK

GLOBOLIVROS

TRAMAL TRATAMENTO DE MADEIRAS
Mourões, esticadores, balancim, lascas e Arames, tratados em autoclave. Itapetininga (15) 99119-8358/3272-3591

ADEUS BERNE - VERME - SARNA
Carrapato, Mosca do chifre, piolho. Combate 100% natural alho e nim (18) 3262-6715

JUMENTOS / MUARES PÊGA
Araruama / Rio de Janeiro. Venda permanente. Machos / fêmeas registrados, marchadores. Fones. (21) 2259.1970 / (22) 99973.5471 email: morubahy@yahoo.com.br

TELAS PARA SOMBREAMENTO
SELONIT – Fone: 0800-14 44 54
Rolos de 50m x 2,5m.
Site. www.selonit.com.br

LOTOMANIA
Aposte na Loto mania com o nosso Kit que inclui um esquema que foi premiado com 20 pontos + de 200 vezes. Vlr aposta R$ 9,00 a R$ 75,00. Infs: nikplusss@gmail.com Tls. 11 4048 1012 • 9.8124.2179

MUDAS DE ABACATE
Prod. em sacola c/ substrato de bancada (17) 99744-5781/98209-0768

CERCA VIVA - SANSÃO DO CAMPO
Faz. Renascença em promoção Entr. todo o Brasil. Inoculante grátis. F.: (11) 4702-7078.

WWW.BRAGARURAL.COM.BR
Fazendas na Bahia pecuária, reflorestamento, agricultura, lazer, etc Atuamos em diversas regiões, com excelentes opções para seu investimento. F: (71) 9.9958-3342 Braga, Creci 6432

FIND
MORE
FREE
MAGAZINES

FREEMAGS.CC

BÜHLER

Máquina de Limpeza
TAS

media.southamerica@buhlergroup.com
47 3027.8202
buhlergroup.com

Ideal para pré-limpeza de soja, milho, trigo, arroz em casca e outros grãos. Perfeita para utilização na pós-colheita e em unidades de armazenamento.

Não deixe seu peixe morrer, use
Aeradores Gaivota

18 3821-2873 | www.aeradoresgaivota.com.br

CURRAIS E COCHOS
ITABIRA
Único em concreto protendido e auto adensável.

GRUPO PREMOBRAS

Currais Itabira | 28 2102-2735 | 28 99953-7264
Currais Itabira
vendas@curraisitabira.com.br

Rod. Engenheiro Fabiano Vivacqua, 529 - Caixa Postal: 531 - Marbrasa
CEP 29313-656 - Coch. de Itapemirim - ES

Acessórios
Cocho para Sal
Cocho para Ração
Cocho para Confinamento
Bebedouro
Mataburro

www.curraisitabira.com.br

BEQUISA
A Company of Degesch Group

Linha Pós-Colheita BEQUISA.
Com ela você não armazena só grãos, armazena lucros!

Na hora de tratar seus grãos armazenados você já sabe com quem contar.
A Linha Pós-Colheita Bequisa tem a combinação para o sucesso de qualquer armazenagem: alto controle de qualidade, ótima relação custo benefício e eficácia contra os insetos.
Armazene com a Linha Pós-Colheita Bequisa e comprove o resultado.

LINHA PÓS-COLHEITA

www.bequisa.com.br

ADVERTÊNCIA: Proteção à saúde Humana, Animal e ao Meio Ambiente. Esse produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Aplique somente as doses recomendadas. Mantenha afastadas das áreas de aplicação, crianças, pessoas desprotegidas e animais domésticos. Não coma, não beba e não fume durante o manuseio do produto. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Informe-se sobre o Manejo Integrado de Pragas (MIP). Primeiros Socorros e demais informações, vide o rótulo, bula e a receita. Evite a contaminação ambiental, preserve a natureza. Não lave as embalagens ou equipamentos em lagos, fontes, rios e demais corpos d'água. Não reutilize as embalagens vazias. Descarte corretamente as embalagens e restos ou sobras de produtos. Periculosidade ambiental e demais informações, vide o rótulo, a bula e a embalagem. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO E SIGA CORRETAMENTE AS INSTRUÇÕES RECEBIDAS. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

FECHA ASPAS

O que aconteceu é muito ruim não só para os trabalhadores rurais assalariados, mas para toda a classe trabalhadora"

Aristides Santos, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (Contag), sobre a nova lei trabalhista aprovada pelo Congresso Nacional em julho

©1

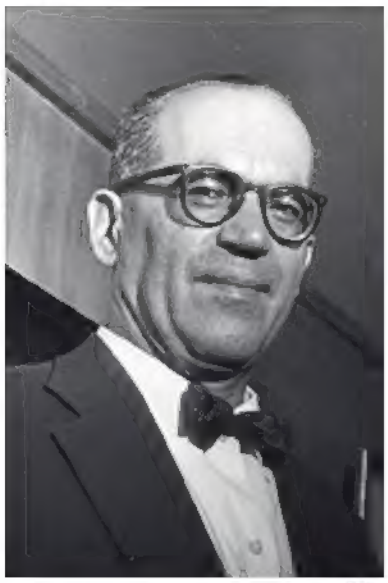
Nós não estamos tirando direito, estamos fazendo uma adaptação para nossa realidade levando em conta aquilo que é possível ser feito, sem precarizar direito, sem precarizar saúde e segurança do trabalhador"

Mônika Bergamaschi, presidente executiva do Instituto Brasileiro para Inovação e Sustentabilidade do Agronegócio (Ibisa)

©2

"Estamos trabalhando no limite"

Henrique Meirelles, ministro da Fazenda, ao justificar, em 19 de julho, o aumento de impostos para reduzir o rombo das contas públicas



©3

Viver é muito perigoso"

Guimarães Rosa, em *Grande Sertão:veredas*

©4

"Vou consumir a [maconha] oferecida nas farmácias, mas ainda não vou descartar a que compro ilegalmente"

Martín Pavarela, uruguaio, ao jornal *O Estado de S. Paulo*, depois de comprar pela primeira vez a droga numa farmácia de Montevidéu

"Vamos dar um desconto a Donald Trump. A última vez que o Congresso aprovou uma lei séria foi há mais de sete anos, bem antes de ele aparecer em cena"

Edward Luce, colunista do *Financial Times* em Washington

©1 LUIS MACEDO/ED.GLOBO. 2 CLEIBY TREVISAN/ED.GLOBO. 3 ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO. 4 THINKSTOCK

Belgo Z-700®
A resistência que a sua cerca precisa.

2 Pontas

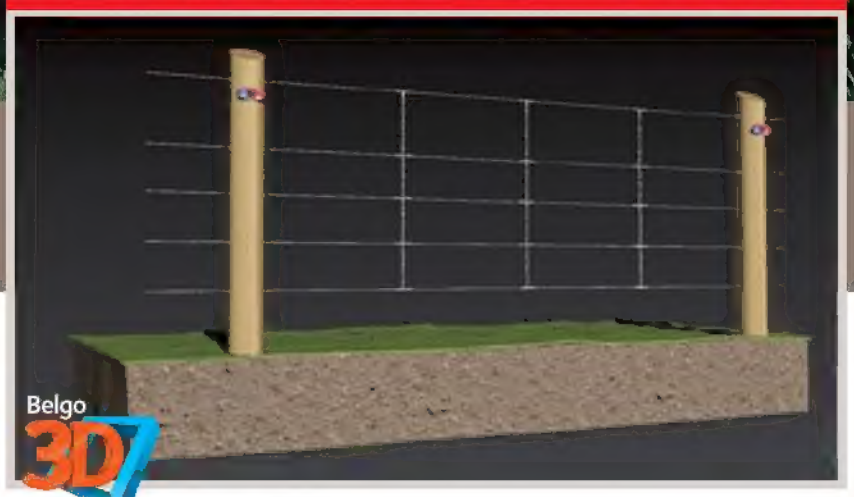
O arame é a vida da sua cerca, escolha a qualidade Belgo Z-700®.

DISPONÍVEL NA App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

Como funciona:
baixe o aplicativo Belgo 3D no seu celular, direcione a câmera para a imagem e surpreenda-se.

Veja a cerca de arame Belgo Z-700® em 3D



www.belgobekaert.com.br
0800 727 2000

Acompanhe-nos nas redes sociais:

Arames Belgo: uma marca da Belgo Bekaert Arames

Arames Belgo® Pode confiar

HILUX

dentsu

SÓ UMA HILUX PODE
SUPERAR UMA HILUX.

PRIMEIRA E ÚNICA PICAPE
5 ESTRELAS NO LATIN NCAP[1]

ENTRADA COM PARCELAS REDUZIDAS

Ciclo Toyota

AO FINAL, A REDE TOYOTA
GARANTE A RECOMPRA
DO SEU TOYOTA.

NOVO INTERIOR

TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA
DE 6 VELOCIDADES[2]

SISTEMA MULTIMÍDIA
TOYOTA PLAY[2]

MINHA ESCOLHA FAZ A DIFERENÇA NO TRÂNSITO.

[1]Teste realizado na Hilux pelo Latin NCAP. Resultado disponível em www.latinncap.com. [2]Disponível para as versões SRX, SRV e SR. A Toyota oferece três anos de garantia para toda a linha sem limite de quilometragem para uso particular e, para uso comercial, três anos de garantia ou 100.000 km, prevalecendo o que ocorrer primeiro. Consulte o manual do proprietário ou o site www.toyota.com.br para mais informações. Imagem da Hilux SRX.

TOYOTA

Pensando mais longe